

Mary Baker Eddy

Descobridora e Fundadora da Ciência Cristã

Louise A. Smith



Mary Baker Eddy

*Descobridora e Fundadora
da Ciência Cristã*



Mary Baker Eddy

Descobridora e Fundadora da Ciência Cristã

Louise A. Smith



The Christian Science Publishing Society
Boston, Massachusetts, U.S.A.

Copyright © 1991 by Chelsea House Publishers,
a division of Main Line Book Co.
All rights reserved.

New Material Copyright © 1991
Portuguese Edition Copyright © 1992
The Christian Science Publishing Society.
All rights reserved.
Todos os direitos reservados.

Todas as fotografias (exceto as das páginas 23 e 27)
pertencem ao Departamento de História da Igreja, d'A
Primeira Igreja de Cristo, Cientista, em Boston, Mas-
sachusetts.

As fotografias das páginas 23 e 27 são da publicação
History of Sanbornton, New Hampshire (Vol. 1 —
Anais) do Reverendo M. T. Runnels.

ISBN: 0-87510-237-9

Library of Congress Catalog Card Number: 92-074002

Printed in the United States of America.

Designed by Joyce C. Weston.

Índice

1. Uma grande reunião 1
2. Infância em New Hampshire 13
3. “O que resta na vida para *mim!*” 33
 4. Primórdios 53
 5. Depois de Lynn 75
 6. Oficial comandante 99
 7. A cruz e a coroa 113
 8. Passos derradeiros 129
- Sinopse cronológica 145
- Notas 149
- Índice remissivo 153



Mary Baker Eddy saúda seus convidados, do balcão de Pleasant View, sua residência em Concord, New Hampshire, em 1900. Fundadora e descobridora da Ciência Cristã, Mary Baker Eddy passou os últimos anos de sua vida afastada dos olhos do público, mas participando plenamente na direção da igreja da qual era a Líder.

Uma grande reunião

O DIA 28 DE JUNHO DE 1903, UM DOMINGO, TINHA SIDO muito significativo para aqueles que assistiram ao culto de comunhão n'A Primeira Igreja de Cristo, Cientista, em Boston.* Os jornais da cidade estavam repletos de notícias dos três cultos realizados naquele dia, aos quais acorreram de doze a quinze mil Cientistas Cristãos. Ao entardecer daquele 28 de junho, porém, esses Cientistas Cristãos estavam pensando em outra coisa. Algumas horas antes, haviam recebido um convite surpreendente de sua líder, Mary Baker Eddy, a fundadora e descobridora da Ciência Cristã.** Todos os que assistiram aos cultos, e havia gente de todas as partes dos Estados Unidos e até da Inglaterra, Alemanha e Austrália, estavam convidados a visitá-la no dia seguinte em sua casa, chamada Pleasant View, nos arredores de Concord, estado de New Hampshire.

De imediato, milhares de Cientistas Cristãos resolveram fazer a viagem, pois era raro Mary Baker Eddy aparecer em público. Embora continuasse extremamente interessada nas questões da igreja que fundara, havia mais de uma década que

*The First Church of Christ, Scientist

**Christian Science (kris'tiann sai'ennss)

ela deixara as atividades públicas a fim de dedicar-se a escrever e orar. Aquela multidão em Boston estava ansiosa para aceitar o convite, mas transportar tão grande número de pessoas até Concord, com tão pouco tempo disponível, era tarefa descomunal nos dias que antecederam a popularização do automóvel. J. S. Smaus, em sua biografia *Mary Baker Eddy: The Golden Days* (Mary Baker Eddy: Os anos dourados), descreveu os preparativos dos membros da igreja e a cena em Concord. Em pouco tempo, foram organizadas comissões que começaram a trabalhar: entraram em contato com dirigentes da rede ferroviária, conseguiram trens especiais para Concord e imprimiram e distribuíram bilhetes.

Os preparativos decorreram sem tropeços e, durante a manhã seguinte, os trens especiais entraram em Concord um após o outro. A pequena cidade, capital do estado de New Hampshire, também tinha se preparado. Mary Baker Eddy era muito estimada pelos habitantes de Concord e estes não hesitaram em dar as boas-vindas aos Cientistas Cristãos. A associação Wonolancet Club abriu as portas de sua sede aos visitantes. As ruas da cidade ficaram apinhadas de gente vinda de Boston. J. S. Smaus relata que uma moradora de Concord lhe contara como sua irmã, quando pequena, ficara “encantada, vendo cavalheiros bem trajados, de cartola, sentados no meio-fio, comendo sanduíches que haviam trazido em saquinhos de papel.” Outros Cientistas Cristãos almoçaram no Wonolancet Club, onde lhes serviram limonada e água gelada.

O dia estava fresco e agradável, com chuviscos ocasionais. Durante toda a manhã, os Cientistas Cristãos, alguns em carruagens, outros a pé, percorreram o trajeto até Pleasant Street, onde ficava a propriedade de Mary Baker Eddy. Por volta da uma da tarde, cerca de dez mil pessoas estavam esperando em frente aos portões fechados.

A residência de Mary Baker Eddy, uma casa de campo reformada, ficava afastada da estrada, era cercada de gramado, pomar e horta, onde se cultivavam as verduras utilizadas pelos residentes da casa. Nos fundos, para além do gramado com seu pequeno lago ornamental, ficava um vale, cortado por um rio raso, cheio de campinas e bosques; mais ao leste, viam-se as colinas ao redor do vilarejo de Bow, onde Mary Baker Eddy havia nascido, 82 anos antes.

O lugar onde nascera ficava a apenas alguns quilômetros de sua casa, mas o caminho que a levava de Bow a Pleasant View fora longo, intrincado e cheio de fatos surpreendentes. Um editorial do *Boston Journal* comentou que milhares de pessoas haviam viajado talvez uma infinidade de quilômetros para ver essa mulher, devido ao “profundo respeito e terno amor neles despertado por alguém que, por Deus, havia trazido a inúmeras vidas um bem imensurável.”

Sua vida e sua obra haviam exercido um impacto extraordinário. Entende-se, em parte, a razão que levou tanta gente à sua casa em New Hampshire, observando-se as profusas expressões de afeto, lealdade e gratidão dirigidas a Mary Baker Eddy nos dias precedentes, quando os Cientistas Cristãos realizaram sua assembléia anual. No sábado anterior, os membros executivos da Igreja Mãe haviam enviado uma mensagem à sua “Querida Professora, Líder e Guia”:

Desejamos, nesta oportunidade, reafirmar nossa confiança implícita em sua liderança ao orientar nossa grande causa, sabendo, como de fato sabemos, que a senhora se volta para Deus em todos os seus caminhos... Oferecemos-lhe nossos parabéns, extensivos a seus seguidores, pelo maravilhoso crescimento do movimento da Ciência Cristã sob sua orientação sábia e benigna, crescimento esse sem paralelo na história da religião.

Centenas de pessoas davam testemunho, nas reuniões da igreja, de que haviam sido curadas física e espiritualmente pela Ciência Cristã, que Mary Baker Eddy descobrira em 1866 quando, ao ler a Bíblia, fora curada de graves lesões. Treze anos mais tarde, ela fundou a Igreja de Cristo, Cientista, baseada em sua compreensão da Bíblia.

O propósito da igreja, segundo escreveu sua fundadora no *Manual d'A Igreja Mãe*, é “comemorar a palavra e as obras de nosso Mestre” [Jesus Cristo] e a ela cumpre “restabelecer o cristianismo primitivo e seu elemento de cura, que se havia perdido.”

De acordo com Mary Baker Eddy, tal cura resulta da obtenção de uma compreensão correta da natureza de Deus e do mundo. Não depende de remédios nem de tecnologia médica e, de modo geral, os Cientistas Cristãos não consultam médicos nem estudam assuntos relacionados com a medicina. Ao invés disso, a prática da Ciência Cristã baseia-se em oração, espiritualidade e estudo aprofundado, tanto da Bíblia como do livro-texto da Ciência Cristã, *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*, escrito por Mary Baker Eddy e publicado pela primeira vez em 1875.

Nos anos subseqüentes, Mary Baker Eddy labutou para difundir seus ensinamentos. Após muitos anos difíceis, ela finalmente viu os seguidores da Ciência Cristã crescer em número, tornando-se uma igreja próspera. Em 1903, essa líder já passava a maior parte do tempo em recolhimento, trabalhando em seu gabinete, localizado numa pequena torre na parte posterior da casa. Suas conferências sobre a Ciência Cristã haviam outrora enchido auditórios e salas de aula. Por deliberação própria, contudo, deixou o ensino para dedicar-se mais a estabelecer a organização permanente de sua igreja sobre uma base espiritual, em vez de pessoal.

Ela acreditava que uma igreja fundada sobre a personalidade, mesmo em se tratando de uma personalidade vibrante e cheia de autoridade como a sua, seria uma igreja construída sobre a areia. Esforçou-se para estabelecer a Ciência Cristã sobre o “impessoal”, isto é, sobre seus escritos, após observar a instabilidade das atividades religiosas que se apoiavam em algum carisma pessoal ou mesmo na bondade humana.

Sob sua direção, dada por escrito, a igreja desabrochou, espalhando-se pelo mundo. Mary Baker Eddy tinha vários secretários, ocupados com pilhas de cartas, palestras e artigos editoriais. Revisava continuamente *Ciência e Saúde* (que atinge sua 261ª edição em junho de 1903) e elaborou os estatutos que governavam a Igreja de Cristo, Cientista. Esses estatutos vieram a constituir o *Manual d'A Igreja Mãe*, publicado pela primeira vez em 1895. Através dos anos, Mary Baker Eddy escrevera vários outros livros, bem como inúmeros artigos para os periódicos da Ciência Cristã.

Apesar de trabalho tão fecundo, rumores inquietantes a respeito de sua saúde circulavam através de vários jornais e revistas populares. Alguns repórteres perguntavam se Mary Baker Eddy estava se escondendo do público por estar doente e indagavam se alguma outra pessoa estava em realidade dirigindo a Primeira Igreja de Cristo, Cientista. Acusavam-na abertamente de charlatanismo e fraude. Alegar que a autora de *Ciência e Saúde* estava doente e debilitada era uma boa maneira de solapar a expansão do movimento e, além disso, ajudava a vender jornais.

Embora houvesse animosidade por parte de alguns elementos da imprensa, o ânimo dos fiéis, esperando junto aos portões, era de calmo regozijo. O *Christian Science Sentinel* de 4 de julho de 1903 registrou os eventos que se seguiram. Um pouco antes da uma e meia da tarde, os empregados da casa



Livros e papéis se acumulavam sobre a escrivaninha de Mary Baker Eddy, em seu gabinete de Pleasant View. Ela estava sempre a par dos acontecimentos e mantinha volumosa correspondência com Cientistas Cristãos de todo o mundo.

abriram os portões e convidaram os visitantes a entrar no jardim, o que ocorreu em plena ordem. Ajuntaram-se perto do balcão do lado leste, sob o gabinete de Mary Baker Eddy.

Ela apareceu sozinha no balcão e olhou para a multidão, que ficou em completo silêncio. Várias mulheres discretamente acenaram com lenços. Os homens tiraram o chapéu em sinal de respeito. O chuvisco parou.

Mary Baker Eddy estava elegantemente vestida com um traje violeta, um abrigo e um esmerado chapéu sobre o cabelo grisalho, ondulado e curto. Poucas rugas marcavam sua face. As pessoas comentavam, com freqüência, que ela parecia ter a metade de sua idade. Tinha grandes olhos cinzentos que pareciam aprofundar-se e mudar de cor e intensidade, a todo instante. Caminhou, ereta como sempre, até o parapeito, cruzou as mãos à sua frente e começou a falar. O *Christian Science Sentinel* publicou suas palavras como segue:

“Queridos irmãos: Bem-vindos ao lar! Vosso lar em meu coração! Bem-vindos a Pleasant View (Bela Vista), mas não a pontos de vista divergentes.”¹

Sua voz era clara e forte, de modo que os ouvintes mais tarde relataram ter escutado cada uma de suas palavras. Falou como tão freqüentemente instruía seus alunos a falar: devagar e com nitidez, como se possuíssem algo que desejavam transmitir ao mundo.

Ela continuou: “Gostaria de dar-vos um presente, hoje, mas esse presente já é vosso, Deus o deu a toda a humanidade. É Sua moeda, Seu dinheiro, com Sua imagem e inscrição. Esse presente é um trecho das Escrituras, é meu lema sagrado e diz o seguinte: ‘Confia no Senhor e faze o bem; assim habitarás na terra e verdadeiramente serás alimentado’ ” (conforme versão bíblica inglesa).²

Falou ainda alguns momentos e então sorriu para seus

ouvintes, visivelmente emocionada. Acenou várias vezes, antes de voltar para o gabinete, com o rosto radiante de alegria.

Alguns estudantes choravam e vários anotaram as palavras dela. Seguiram-se alguns instantes de oração silenciosa e depois, começando com aqueles mais próximos ao balcão e estendendo-se a toda a multidão presente, ressoou o canto de um dos hinos favoritos de Mary Baker Eddy, “Mostra, Pastor, como andar”.³ Quando terminaram de cantar o hino, ela reapareceu à janela, acenando com um lenço.

Vários estudantes deixaram registrada sua recordação daquele dia, no livro *We Knew Mary Baker Eddy* (Reminiscências de pessoas que conheceram Mary Baker Eddy). Mary Godfrey Parker, que estava bem ao pé do balcão, referindo-se às palavras proferidas, disse: “...Senti um desejo de ficar sozinha e simplesmente pensar no que ouvira.”

Dentro do gabinete, John C. Lathrop, secretário correspondente de Mary Baker Eddy, ouviu as palavras dela através da janela aberta. Quando Mary Baker Eddy voltou para dentro, a camareira tirou-lhe o chapéu e o abrigo e ela sentou-se na poltrona que era o campo de tantas de suas batalhas espirituais. John C. Lathrop também contou o ocorrido, em *We Knew Mary Baker Eddy*:

“Que ocasião maravilhosa”, disse ela a Lathrop e perguntou: “O que estão fazendo?”

Ele olhou para fora e disse que a multidão estava orando em silêncio.

“Então nós também vamos orar”, disse ela.

Lá fora, os dez mil visitantes cantaram o hino de Comunhão e a Doxologia, repetiram a Oração do Senhor e uma das declarações fundamentais do ensino da Ciência Cristã, conhecida como a declaração científica do ser. A multidão começou a se

dispersar. Grupos de dois ou três caminhavam juntos, comentando em voz baixa as palavras ouvidas.

Quando Lathrop informou Mary Baker Eddy de que a multidão estava partindo, ela comentou outra vez quão bela fora a ocasião e disse: “Agora, verei o que Deus diz a esse respeito.”

Pegou a Bíblia e, voltando-se a Deus, abriu-a a esmo, como era seu costume. O livro abriu-se no Velho Testamento, no livro de Isaías, capítulo 35, versículo 10. Ela leu: “Os resgatados do Senhor voltarão, e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido.”

“Veja como Deus está sempre comigo”, disse ela. “Vou acrescentar esse versículo às minhas palavras.” Ela adicionou o versículo ao final da versão escrita de sua breve alocução, que foi publicada no *Christian Science Sentinel* de 4 de julho de 1903 e em seu livro *The First Church of Christ, Scientist, and Miscellany* (A Primeira Igreja de Cristo, Cientista, e Outros Escritos) comumente conhecido em inglês como *Miscellany*, apenas.

Nesse meio-tempo, realizavam-se os preparativos para o passeio que Mary Baker Eddy fazia de carruagem todas as tardes. Havia uma grande equipe de auxiliares, morando em Pleasant View. Praticamente todas as posições, como as de camareira, cozinheira, lavadeira e jardineiro eram ocupadas por Cientistas Cristãos, em sua maioria alunos de Mary Baker Eddy, escolhidos devido à sua força espiritual. Os empregados consideravam um privilégio servir em Pleasant View, embora alguns tivessem dificuldade em agüentar a atarefada rotina doméstica mais do que alguns meses.

Uma das auxiliares, Martha Wilcox, mais tarde relatou que Mary Baker Eddy exigia ordem e eficiência na casa: o horário das refeições nunca variava, os lençóis eram sempre virados na



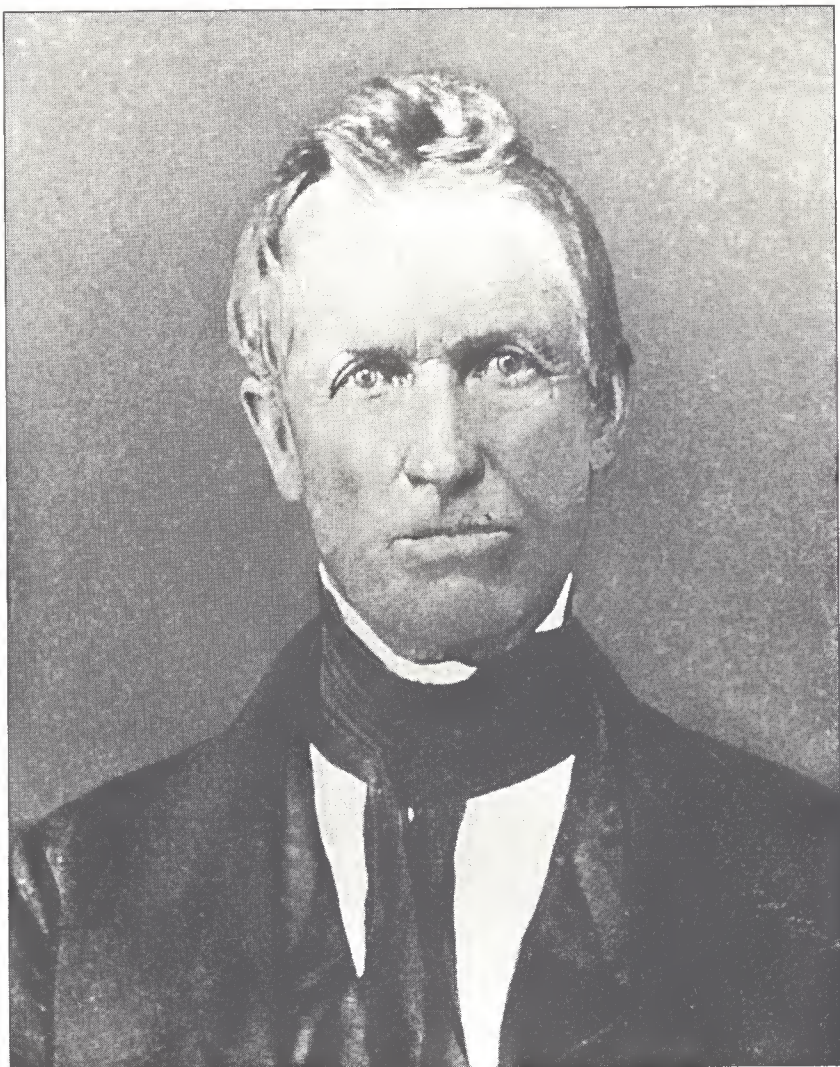
Mary Baker Eddy fala a grande número de visitantes, reunidos em seu jardim, em 1900. Três anos mais tarde, uma multidão ainda maior viajou de Boston, onde se reunira para a assembléia anual de Cientistas Cristãos, a Pleasant View, atendendo a convite dela.

mesma medida, seis centímetros, e cada alfinete era enfiado na almofadinha apropriada em cantos específicos, de acordo com o comprimento. Ela acreditava que a ordem e a disciplina nos afazeres diários ajudavam o desenvolvimento da disciplina cristã necessária para a prática sistemática da cura espiritual.

Às duas horas da tarde, em ponto, Mary Baker Eddy subiu na carruagem, para seu passeio por Concord. O cocheiro conduziu os cavalos devagar por entre a multidão ao longo do caminho. Todas as janelas da carruagem estavam abertas. Para a maioria, essa foi a primeira e única vez em que viram sua querida líder de perto. Acenaram com lenços e tiraram o chapéu, enquanto Mary Baker Eddy saudava a todos à sua volta.

Foi uma cena singular na América: uma líder viva, de sua própria religião, cujo crescimento se alastrava pelo mundo todo. A luta para garantir a sobrevivência de sua igreja, porém, continuaria sendo temerária.

“Milhões de pessoas talvez saibam que eu sou a Fundadora da Ciência Cristã”, escreveu ela, certa vez. “Só eu sei o que isso significa.”⁴



Mark Baker olha direto para a câmara fotográfica neste ferrótipo (a ferrotipia foi uma técnica primitiva de fotografia). O pai de Mary era fazendeiro, membro fiel da Igreja Congregacional e cidadão de alta estima em Bow e Sanbornton Bridge. Desempenhou vários cargos municipais, entre eles o de magistrado, juiz de paz e fideicomissário da escola local.

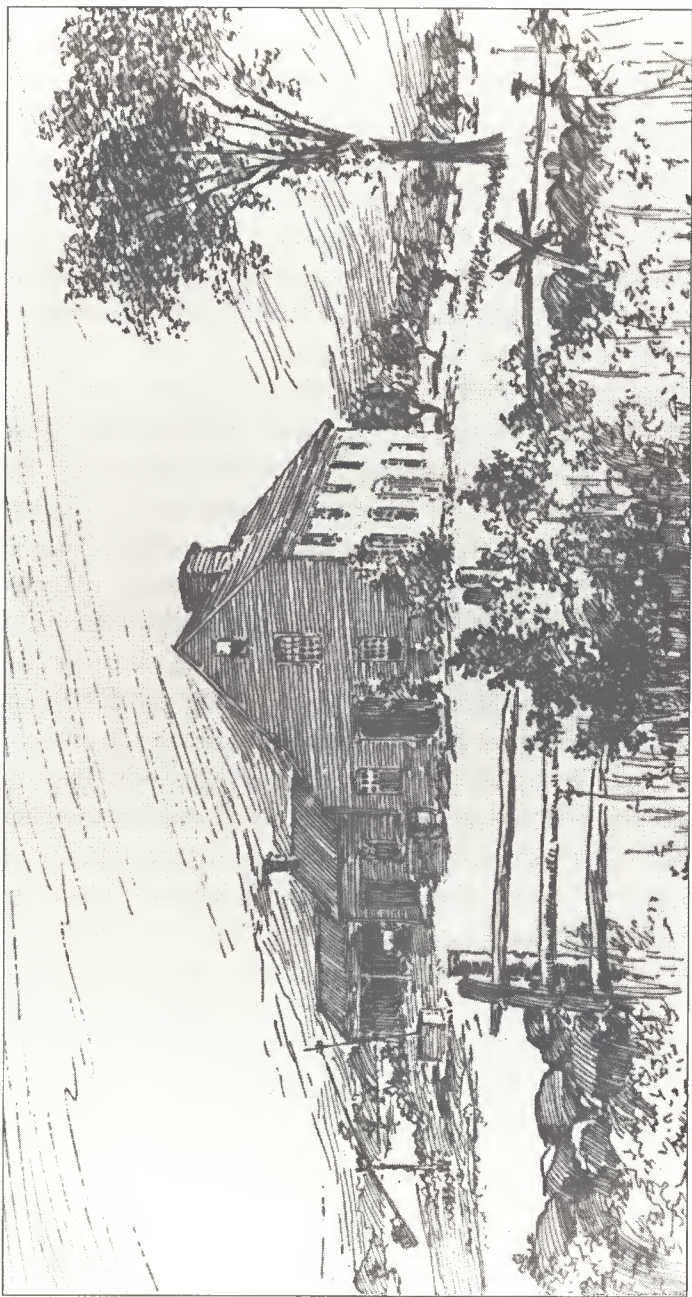
Infância em New Hampshire

MARY MORSE BAKER NASCEU EM 16 DE JULHO DE 1821, numa pequena comunidade agrícola chamada Bow, situada nas colinas ao longo do rio Merrimack, no estado de New Hampshire. Em *Mary Baker Eddy: The Golden Days*, J. S. Smaus reconstruiu bem a história da família Baker, além de registrar vários detalhes da infância de Mary. Esta era a sexta e última filha de Mark Baker e Abigail Ambrose Baker, ambos provenientes de famílias tradicionais da Nova Inglaterra. Mark era o mais novo de dez irmãos e Abigail tinha seis irmãos e irmãs. Quando criança, Mary sentava-se no colo da avó, Maryann Baker, e esta lhe contava histórias de seus antepassados escoceses e ingleses, que haviam vindo para o Novo Mundo, estabelecendo-se na Nova Inglaterra, em busca de “liberdade para adorar a Deus”. Ouvia a história de seu avô materno, que era diácono e pagara a construção da primeira igreja congregacional de Pembroke, New Hampshire, na margem oposta do rio Merrimack. Mark Baker fora criado em Bow e quando ele e Abigail Ambrose se casaram, cruzaram o rio na balsa dos

Robinsons e estabeleceram seu lar junto com a mãe dele, na propriedade dos Bakers.

Mark Baker era um fazendeiro alto e rijo. Seu retrato mostra um homem forte, de queixo firme. Segundo lembranças de amigos e familiares, ele tinha vontade férrea e certa capacidade de ser gentil. Embora tivesse recebido pouca instrução formal, os habitantes da vila muitas vezes o chamavam Juiz Baker, usando o título normalmente reservado a um juiz ou dignitário rural, devido aos muitos serviços que prestava a Bow e às municipalidades vizinhas. Dependendo da necessidade do momento, ele atuava ocasionalmente como agrimensurador, advogado e encarregado das investigações em casos de morte suspeita. Certa vez, numa disputa legal entre Bow e a vizinha vila de Loudon, defendeu e ganhou a causa de Bow contra um jovem e bem sucedido advogado chamado Franklin Pierce. O pai deste, Benjamin Pierce, era conhecido da família Baker. Eleito governador de New Hampshire duas vezes, anos depois, Benjamin viria a se interessar pela sorte de alguns dos filhos de Mark Baker. Seu filho Franklin mais tarde tornou-se o 14º presidente dos Estados Unidos.

Não há dúvida de que Mark Baker apreciava uma boa discussão política mas, como ocorria com muita gente da época, nada era mais importante para ele do que sua religião. J. S. Smaus comenta que, quando Mary era recém-nascida, seu pai foi eleito secretário da Igreja Unida de Cristo, a igreja congregacional que a família freqüentava. Segundo os documentos que J. S. Smaus pesquisou, a primeira vez que atuou como secretário foi quando registrou o credo adotado pela congregação. Esse credo consistia de resolutas declarações de princípios ortodoxos do congregacionalismo. Essa denominação surgira da religião dos puritanos, os primeiros colonos da América cujas crenças, por sua vez, eram baseadas nos ensinamentos



A casa em que Mary nasceu e passou a infância era feita de madeira no estilo *saltbox* (edificação simples, de duas águas), popular na Nova Inglaterra. Tinha dois andares na frente, um andar nos fundos, com pequeno galpão anexo. O poço aparece à extrema esquerda. Mary morou nesta casa com os pais, a avó, três irmãos e duas irmãs.

protestantes de João Calvino, teólogo francês do século XVI que, com suas idéias, influenciou profundamente em várias denominações protestantes. As doutrinas básicas do calvinismo incluíam a crença num Deus todo-sábio e todo-poderoso, a crença na total depravação da humanidade e a crença na graça divina, oferecida por Deus aos poucos eleitos que Ele queria salvar da condenação eterna. Esta última convicção estava ligada à muito influente doutrina calvinista da predestinação, segundo a qual todos os seres humanos eram condenados ao inferno por toda a eternidade, exceto alguns poucos que Deus selecionara para serem salvos. Mark Baker acreditava com firmeza na predestinação e não deixava de declarar sua fé, sempre que discutia o assunto com outros interessados, inclusive Abraham Burnham, pastor da igreja congregacional na vizinha vila de Pembroke, com quem passava horas conversando sobre religião.

Abigail, ao contrário de seu austero marido, era como “o orvalho delicado e a luz jubilosa”, segundo escreveu seu amigo, o Reverendo R. S. Rust. Era uma mulher pequena e robusta, de cabelos loiros e brilhantes olhos azuis, que também considerava a religião o fundamento da vida de sua família. Em vez de salientar, como fazia o marido, que Deus era severo e implacável na aplicação de castigos aos humanos pecadores, Abigail Baker ensinou seus filhos a não esquecerem que Deus era um Deus de amor.

Essa importância dada à religião não se restringia, de modo algum, à família Baker, cuja vida diária era parecida com a dos demais fazendeiros da Nova Inglaterra, no início do século XIX. Embora a atmosfera na casa da família Baker fosse impregnada de religião, os dias eram cheios de trabalho. Obter o sustento da família naqueles oitenta hectares de terra rochosa exigia constante esforço. Os três irmãos mais velhos de Mary

eram meninos: Samuel, nascido em 1808; Albert, nascido em 1810 e George, nascido em 1812. Estes ajudavam o pai a sustentar a família quase que exclusivamente do produto da terra, sem os recursos de hoje, como eletricidade, água corrente e máquinas agrícolas. Juntos aravam a terra rochosa, produziam feno e cultivavam cereais e verduras. Da área ocupada pelo bosque, extraíam, cortavam e empilhavam a lenha usada para aquecer a pequena casa de dois andares, durante o longo e frígido inverno de New Hampshire. O pasto alimentava oito bois, cinco cavalos, três vacas e outros animais, que puxavam os arados e forneciam leite, carne e meio de transporte para a família. Ao encerrar as contas, no fim do ano, o pai mal conseguia pagar tudo, mas a família nunca passava fome nem carecia de nada.

Quando Mary nasceu, sua irmã Abigail tinha cinco anos e a outra irmã, Martha, tinha dois anos e meio. Quando pequenas, as irmãs tomavam conta de Mary, enquanto esta brincava dentro de casa. À medida que cresciam, as três meninas iam aprendendo a ajudar a mãe, numa infinidade de tarefas domésticas próprias de uma casa de fazenda. Abigail e as filhas não só cozinhavam e limpavam, como também faziam compotas, conservas, pão, manufaturavam sabão e velas, fiavam, teciam e confeccionavam a roupa da família. Todavia, J. S. Smaus nota que, anos mais tarde, uma das lembranças mais nítidas que Mary tinha era a de sentar-se numa cadeirinha de balanço, olhando para a Bíblia, imitando a mãe e a avó.

Mary contaria, anos depois, a um de seus biógrafos, Irving C. Tomlinson, que o pai “mantinha a família sob o sistema mais rígido que já vi”. Diariamente, de manhã e à noite, a família se reunia, todos sentados em bancos de madeira, para longas e solenes orações, que incluíam a leitura dum capítulo da Bíblia e um sermão proferido pelo pai. Ela escreveu a res-

peito de seu pai, mais tarde: “Nunca conheci alguém que tivesse tamanho dom para a oração audível.” A mãe, por outro lado, não falava durante essas sessões, pois era costume da época as mulheres manterem silêncio e sujeitarem-se ao marido.

A observância dominical do Sábado do Senhor, preceito bíblico de descanso, era rigorosamente cumprida. “Não se permitia às crianças irem a nenhum lugar exceto à igreja, nem mesmo ao cemitério”, Mary relembriaria. Entre o culto da manhã e o da tarde, elas se sentavam em silêncio com as mãos cruzadas no colo.

Ao completar cinco anos, Mary passou a freqüentar a escola, durante o verão, a um quilômetro e meio da fazenda. Essa escola, construída de acordo com a planta desenhada por Mark Baker, tinha só uma sala de aula, onde alunos de todas as idades recebiam instrução ao mesmo tempo. Mary sentava-se na frente, em meio às mesinhas menores, onde seus pés alcançavam o chão.

J. S. Smaus conta como Martha e Abigail, que se sentavam atrás de Mary, decidiram exibir sua graciosa e precoce irmãzinha, na hora do almoço. Mary já sabia ler e, devido à sua excelente memória, era quem muitas vezes lembrava à família as conversas e sermões já esquecidos por todos. No pátio da escola, Martha e Abigail sentaram Mary sobre uma mesa e perguntaram-lhe o que queria ser quando crescesse. As demais crianças se ajuntaram para ouvir.

“Quando eu for grande hei de escrever um livro!” respondeu Mary. As crianças riram dessa resposta singular. A maioria, como J. S. Smaus comenta, provavelmente dizia que queria ser mãe ou, no caso dos meninos, fazendeiro.

Mary queria estudar bastante, a fim de alcançar seu objetivo, mas problemas de saúde impediam que freqüentasse a escola

regularmente. Febres, dores nas costas e dispepsia (problemas digestivos crônicos) deixavam-na de cama durante longos períodos. Seu pai achava que ela ficava doente porque lia demais. Um médico, com quem o pai estava de pleno acordo, recomendou: “Não lhe dê tratamento, ela tem uma inteligência muito desenvolvida em relação ao corpo. Faça-a estar ao ar livre e exercitar-se, mantenha-a fora da escola tanto quanto possível.”

Mark e Abigail Baker cuidavam do bem-estar espiritual de seus filhos, assim como atendiam a todas as suas necessidades. A mãe com freqüência instruía as crianças, quando as punha na cama, repetindo máximas como esta: “É melhor dar do que receber.” Com a filha mais nova, porém, ela aprendeu a ser mais comedida em suas lições, porque Mary tomava tais regras ao pé da letra. Em *Mary Baker Eddy: The Golden Days*, encontram-se várias histórias muito reveladoras sobre o caráter de Mary, inclusive a que se segue: na escola, Mary dava suas luvas, cachecol e casaco a colegas mal agasalhados, que estivessem tiritando de frio. Ela insistia, dizendo que não podia ignorar o sofrimento de outra pessoa, mas sua mãe acabou por ter de lembrar-lhe, sempre que a vestia para ir à escola: “Filha, não dê sua roupa hoje, pois mamãe não tem tempo de fazer-te outra.”

Graças à sua índole gentil e alegre, Mary se tornou a queridinha da família. Mimavam-na, assim como ela mimava os animaizinhos da fazenda, quando ficavam doentes. Cuidava deles até que se restabelecessem. Apesar de seu encanto, havia momentos em que era tão teimosa quanto o pai e, muitas vezes, o enfrentava. Mark Baker escondia os livros dela, mas Mary os achava. Nos períodos em que conseguia freqüentar a escola, dormia com seu caderno escolar sob o travesseiro.

As escolas de New Hampshire, em 1820, eram muito dife-

rentes das escolas modernas. Os livros escolares eram escassos e os alunos tinham de aprender por meio de memorização e repetição. Mary praticamente decorou a gramática inglesa de Lindley Murray, bem como o Catecismo de Westminster, uma compilação de doutrinas protestantes. Ela também leu *Introduction to the English Reader* de Lindley Murray e *The English Reader*, longas coleções de poesias e prosa de escritores do século anterior, como Joseph Addison, Alexander Pope e Oliver Goldsmith. A construção complicada das sentenças e o vocabulário difícil desencorajavam as crianças, mas Mary e os irmãos conseguiam lê-las.

Um deles, em especial, saía-se muito bem nos estudos. Albert estava decidido a ir para a faculdade e trabalhava como professor a fim de conseguir juntar o dinheiro necessário. Lecionou um semestre numa escola primária na cidade de Concord, New Hampshire, e outro semestre na escola que seus irmãos freqüentavam. Por fim, conseguiu o dinheiro para ir à Faculdade de Dartmouth. O mundo acadêmico de Mary se expandiu realmente quando esse irmão, ao terminar o primeiro ano, foi passar o verão em casa. Embora Albert fosse onze anos mais velho do que ela, ambos tinham paixão pelos estudos e Mary mais tarde escreveu, sobre ele: “Depois de minha mãe, era para mim o membro mais querido da família.”

Dos filhos de Mark Baker, Albert era considerado o mais promissor. Não apenas era inteligente, mas também atraente e simpático. Tinha uma bela voz de tenor, Mary contou a Tomlinson, e “vinha gente de longe para ouvi-lo cantar.” Mary esforçava-se bastante para que seu irmão se orgulhasse dela. Albert até lhe ensinou um pouco de hebraico, grego e latim, durante as férias que passava com a família. Falavam de como ela poderia vir a ser escritora e Mary declarou: “Preciso

ser tão erudita quanto tu ou o Sr. Franklin Pierce.” (O jovem Pierce era muito respeitado por sua capacidade.)

Aos doze anos, Mary começou a escrever versos, seguindo o modelo da poesia popular que lia nos jornais e revistas. A última estrofe de um poema seu, intitulado “Resoluções para hoje”, dizia o seguinte:

Se essas resoluções forem respeitadas
e as asas da fé se expandirem por todo o mundo,
será doce pensar que faltam poucos dias
para eu ser impelida rumo ao meu Deus.

Mary estava sempre em luta com seu conceito de Deus. Lembrava-se de sua mais terna infância quando o pai e o primo mais velho discutiam a questão da predestinação, na cozinha, enquanto ela, já na cama, no aposento contíguo, escutava a conversa. Sempre queria saber “quem ganhava” e depois ficava até altas horas pensando nisso.

Escreveu, mais tarde, que um dia, quando tinha doze anos, perguntou à mãe se esta achava que existia mesmo o castigo eterno.

“Mary, acho que existe”, respondeu a mãe.

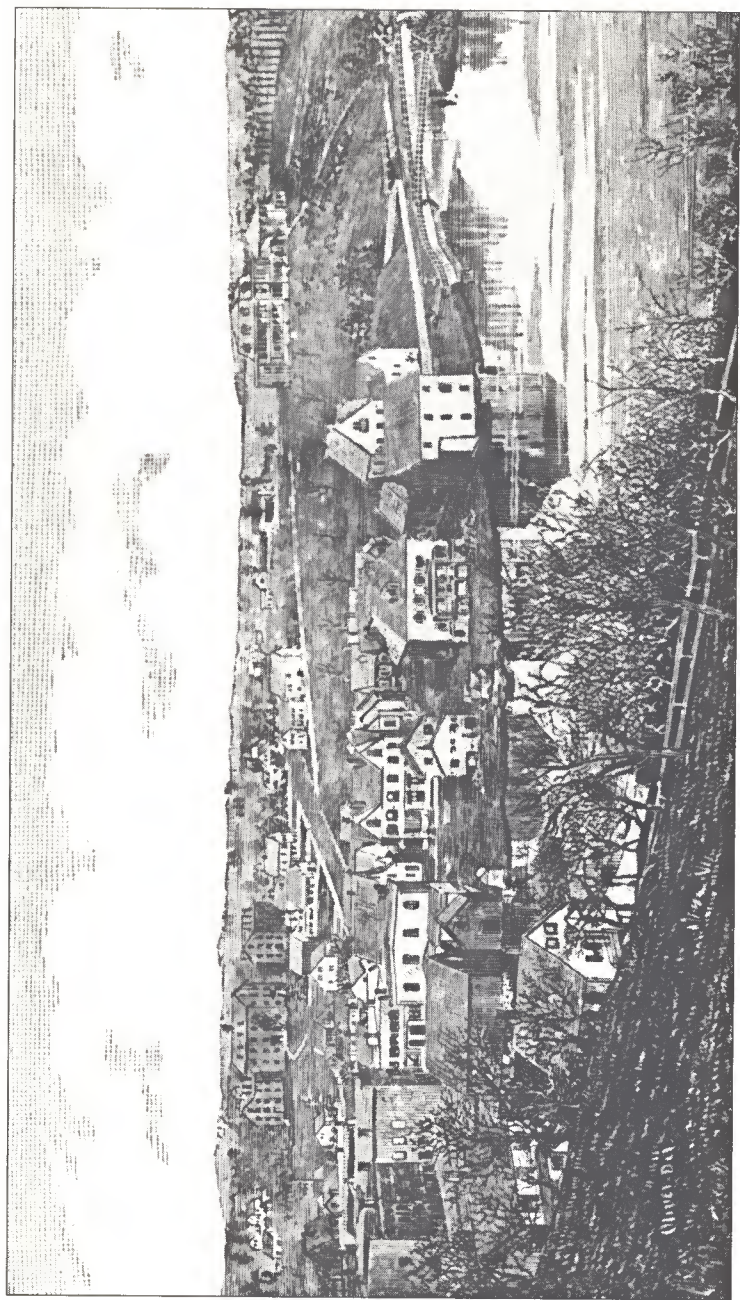
Mary pensou um momento e então respondeu: “E se a gente se arrepender e disser a Deus que sentimos muito e nunca mais vamos fazer isso, Ele nos castiga? Então Ele é menos bondoso do que minha mãe e não vai ser fácil para Ele lidar comigo.”

Às vezes Mary discutia com o pai sobre essas questões e suas explosões alvoroçavam a casa toda, como J. S. Smaus relata. A mãe e as irmãs em geral ficavam do lado de Mary e o pai certa vez concluiu: “A Bíblia diz que Maria Madalena tinha sete demônios, mas nossa Mary tem dez!”

Em suas memórias, *Retrospecção e Introspecção*, Mary relem-

bra uma discussão especialmente tumultuada sobre a predestinação. Ela ficou tão aflita, que acabou com febre alta. Sua mãe, enquanto lhe punha panos úmidos na testa, lembrou-a de apoiar-se no amor de Deus e procurar Sua orientação. Mary orou e por fim uma sensação de alegria a invadiu. Escreveu ela: “A febre desapareceu, e eu me levantei e me vesti – em estado normal de saúde. Minha mãe viu isso e se alegrou. O médico ficou maravilhado; e o ‘horrível decreto’ da predestinação – como João Calvino corretamente denominara seu próprio artigo de fé – perdeu para sempre seu poder sobre mim.”¹

Além de seu conceito sobre a predestinação, outras noções mais importantes foram se modificando, à medida que Mary crescia. Seus irmãos e irmãs tomaram rumos diversos, ao deixar o lar paterno. O irmão mais velho, Samuel, havia ido a Boston, anos antes, a fim de trabalhar no ramo de construção e, em março de 1832, havia se casado com Eliza Glover, irmã de seu colega de trabalho, George Washington Glover. Em 1833, Samuel e Eliza tiveram um filho. (O casamento de Samuel permaneceu vívido na memória de Mary, pois, durante a recepção, George Washington Glover a fizera sentar em seu colo e dissera que se casaria com ela, quando ela crescesse.) O ano seguinte, quando Mary completou 13 anos, foi ainda mais marcante para a família. Na primavera de 1834, seu querido irmão Albert formou-se na Faculdade de Dartmouth e foi convidado a morar com a família Pierce, em sua imponente mansão, onde completou seus estudos de direito. Em janeiro de 1835, a avó paterna de Mary faleceu e, uns meses mais tarde, o outro irmão de Mary, George Sullivan Baker, deixou a fazenda da família e foi para o estado de Connecticut, a fim de ganhar a vida por conta própria. A irmã mais velha, Abigail, também foi morar com a família Pierce naquele ano e começou a lecio-



Xilogravura da vila de Sanbornnton Bridge, às margens do rio Winnepesaukee. A família Baker mudou-se para uma fazenda nos arredores de Sanbornnton em 1836 e as moças se tornaram muito benquistas, nessa cidade de rápido crescimento.

nar. Cartas cheias de notícias e relatos das atividades diárias iam de um lado para outro, substituindo as conversas que os irmãos costumavam ter junto à lareira. Só quatro membros da família Baker permaneciam na fazenda, em Bow: Mary, sua irmã Martha e seus pais. Em breve, também isso mudaria.

Após o falecimento de sua mãe, Mark Baker sentiu-se menos preso à velha fazenda da família e decidiu vendê-la e comprar outra. Robert Peel escreveu sobre como Mark Baker escolheu o novo local. Seu irmão Philip havia descoberto uma bela propriedade, cerca de 30 quilômetros ao norte de Bow e não hesitara em comprá-la. Mark gostou daquela localidade e encontrou terra em extensão suficiente, perto dali. Ambas as fazendas ficavam nas cercanias da cidade de Sanbornton Bridge e Mark ansiosamente começou os preparativos para a mudança.

Mary, ante a perspectiva de deixar a casa de sua infância, não compartilhava o entusiasmo do pai. Quando a família estava prestes a se mudar, ela e a mãe adoeceram e os Bakers só conseguiram ir para a nova casa no começo de 1836. Quando Mary se recuperou o suficiente para fazer a viagem de quase 35 quilômetros, escreveu um poético adeus para seu amigo e vizinho Andrew Gault:

Árdua é a tarefa de deixar
amigos que veremos, ah! nunca mais.
Com dor desconhecida, suspira meu pensar
e, para sempre, queima em íntima chama.

As dúvidas de Mary e da mãe foram infundadas, pois Sanbornton Bridge revelou-se um local onde a família Baker deuse muito bem. Várias fábricas e tecelagens, parte da revolução industrial que se espalhava pela Nova Inglaterra, haviam se instalado naquela área e prosperavam. A família entrosou-se

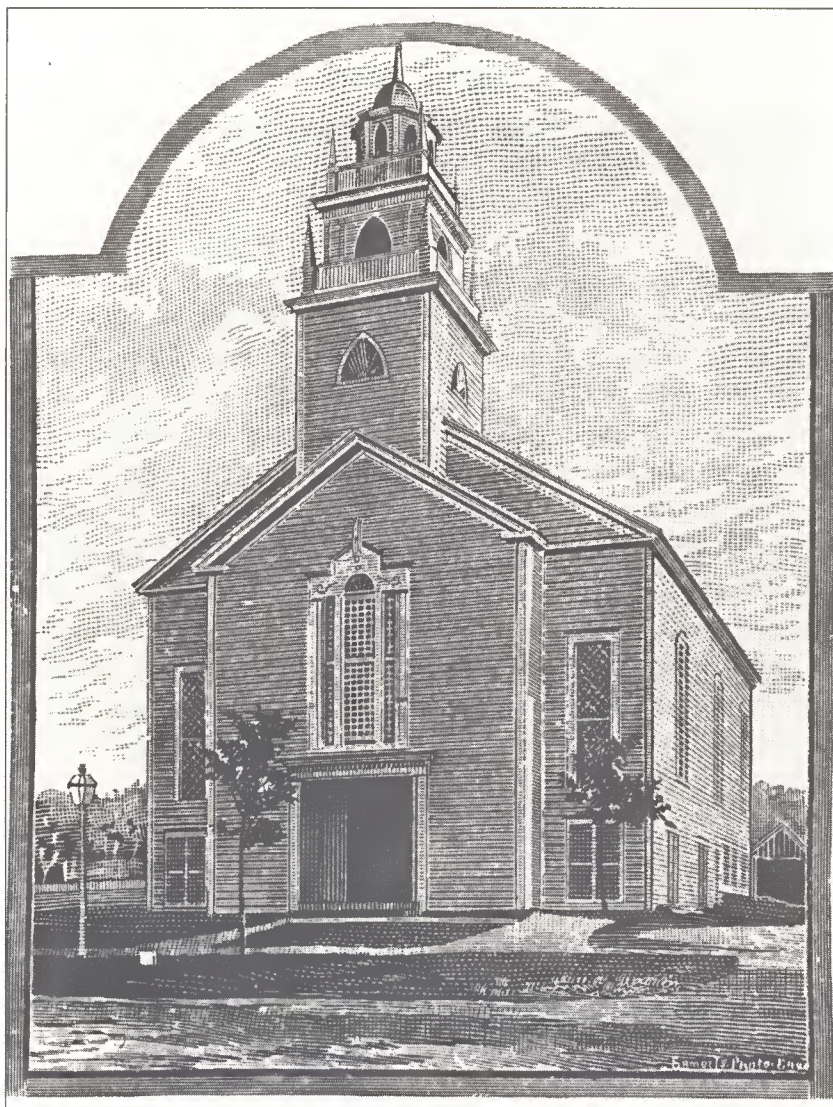


Prédio que abrigava a Woodman Sanbornton Academy, escola que Mary frequentou no começo da década de 1840. Ela aproveitava todas as oportunidades para continuar seus estudos.

na comunidade e as meninas logo descobriram que a cidade tinha uma vida social ativa. Abigail voltou para casa, após terminar seu contrato como professora, e mergulhou num turbilhão de visitas. Logo, as cartas que as moças escreviam aos irmãos estavam cheias de notícias sobre novos amigos, serões de cunho intelectual, visitas de cavalheiros e festas. (Mark Baker, porém, vigiava as filhas com olho de águia. Robert Peel narra que Mark Baker saudava os rapazes que visitavam as meninas com a injunção: “Que toda conversa e recreação esteja em harmonia com a vontade de Deus.” E não deixava que as filhas fossem a bailes.)

Chegado o verão, Mary estava restabelecida o bastante para ir à escola todo o período de aulas dessa temporada. Não demorou a ser considerada uma das belezas da cidade, com seus cílios espessos e cabelo castanho ondulado. Um primo, mais tarde, recordou sua “pele transparente e brilhantes olhos azuis”, e outros contemporâneos comentaram seu charme e vivacidade. Nessa cidadezinha rústica, ela e as irmãs destacavam-se devido a seus modos refinados e elegância no vestir. Mary gostava de se manter atualizada e de andar na moda.

Após superar a idade de ir à escola da municipalidade, passou a freqüentar, de modo esporádico, os liceus locais, quando sua saúde e os recursos da família o permitiam. (Não havia escolas públicas de segundo grau, só algumas particulares.) Embora os registros das escolas estejam incompletos, Robert Peel e J. S. Smaus concordam que provavelmente Mary freqüentou, por um tempo, a Woodman Sanbornton Academy, entre sua chegada em 1836 e 1842. Suas matérias favoritas, na época, eram filosofia, lógica e ciência moral. Sua irmã, Martha, deve ter freqüentado as aulas com ela, mas Abigail já não estudava mais. Em julho de 1837, tornou-se a senhora Abigail



A igreja congregacional de Sanbornton Bridge, feita de ripas de madeira pintada de branco, era exemplo típico das igrejas com campanários que salpicavam o interior da Nova Inglaterra e constituíam os centros da vida comunitária daquela região. Mary filiou-se à igreja congregacional de Sanbornton em 1838, quando contava 17 anos de idade.

Tilton, ao casar-se com Alexander Hamilton Tilton, rico proprietário de várias fábricas em Sanbornton Bridge. Naquele mesmo mês, Albert Baker foi aprovado nos exames que o habilitavam a exercer a profissão de advogado, deixando toda a família muito orgulhosa, especialmente sua irmã mais nova.

Seguindo o exemplo de Albert, Mary, sempre que podia, dedicava-se aos estudos. Ao mesmo tempo, não negligenciava a religião. Em julho de 1838, filiou-se à igreja congregacional da cidade, algumas semanas após seus pais terem se tornado membros. Vários biógrafos relatam que sua admissão não foi fácil, pois ainda rebelava-se quanto a aceitar a doutrina da predestinação. O conceito de que todo aquele que não se unisse à igreja estava indubitavelmente condenado a horrorizava, pois ela era a primeira entre seus irmãos a tornar-se membro da congregação. Recordou, anos depois, que o pastor “não queria me aceitar como membro da igreja, a menos que eu crese na preordenação (predestinação) e eu lhe disse que não queria ser salva, se meus irmãos e irmãs não pudessem ser salvos. Esse pensamento me deixava doente, porque eu não conseguia crer nisso, mas fiquei firme, dizendo que não me uniria à igreja. Por fim, o ancião cedeu e me aceitou.” E ela acrescentou: “E comigo o meu protesto.”

Aos 17 anos, dava aulas na escola dominical de sua igreja, ao grupo de crianças menores. Um de seus alunos contou à biógrafa Sibyl Wilbur: “Sempre admirávamos sua roupa. Gostávamos de suas luvas e do lenço fino de cambraia. Ela era, como vim a perceber, extremamente requintada e gostávamos dela em especial devido à sua delicadeza, seus modos finos e sua maneira de sorrir para nós.”

Como lhe era característico, porém, Mary estava interessada em mais do que moda apenas. Ela notou que Lyman Durgin, o menino órfão que cuidava do estábulo da família Baker, não

ia à escola dominical. Perguntou-lhe o motivo e descobriu que ele se sentia envergonhado, porque não sabia ler direito e assim não conseguia decorar e recitar os versículos bíblicos como as outras crianças. Mary passou a dar aulas particulares ao menino. Ela lia o Novo Testamento em voz alta e ele decorava as palavras. Logo estava freqüentando a escola dominical, embora Mary continuasse a dar-lhe aulas particulares durante mais quatro anos.

Pelo resto da juventude de Lyman e de Mary, permaneceu ele devotado à sua benfeitora. Em muitas noites gélidas saiu em busca do médico para ela. Vários problemas de saúde perturbavam Mary e Martha, mas os problemas de Mary parecem ter sido mais graves. Nas cartas dos irmãos e irmãs, encontram-se diversas referências à sua saúde e Robert Peel traz alguns desses comentários. Em 1837, Abigail escreveu: “a pobre menina nunca pode gozar a vida como a maioria de nós, se é que sobrevive, e disso não temos muita certeza.” Albert era particularmente solícito, pois continuava chegando a Mary, embora o crescente sucesso de sua carreira o levasse para longe de Sanbornton Bridge. Escreveu, numa carta para Martha e Mary, em 1840: “Sei que há *honestidade* e *sinceridade* no amor duma irmã. Mas minha alegria foi toldada ao ler em seu pós-escrito que outra vez a saúde de Mary corre perigo.” Mas não seria a má saúde de Mary que abreviaria essa carreira promissora.

Através dos jornais e pelas cartas do irmão, Mary acompanhava a ascensão de Albert na carreira política. Ele era a conexão mais próxima que ela mantinha com os acontecimentos do mundo para além de Sanbornton Bridge. Depois de dois anos apenas na carreira de advogado bem sucedido, tendo, parte do tempo, dirigido o escritório de Franklin Pierce, quando este fora eleito senador dos Estados Unidos, Albert foi

eleito deputado estadual de New Hampshire em 1839. Foi responsável em grande parte por uma nova lei que proibia o encarceramento por dívidas. Mais tarde, foi encorajado a se candidatar ao Congresso Nacional, mas antes da eleição, em 17 de outubro de 1841, aos 31 anos de idade, Albert morreu de uma doença dos rins.

Chocada pela perda de seu irmão favorito, Mary Baker iniciou sua vida adulta, que se tornaria ainda mais sombria, antes de ela encontrar a luz.



Uma das mais antigas fotos conhecidas de Mary Baker Glover é este ferrótipo, provavelmente tirado no fim da década de 1840. Esse foi um período muito difícil para ela: era uma jovem viúva, sem dinheiro, com um filho pequeno e sofria intensamente de vários males físicos.

“O que resta na vida
para mim!”

MARY BAKER ESCREVEU UM POEMA, EM 1841, ONDE expressa o temor de que sua vida fosse vivida em vão. Tinha vinte anos e em breve seria a única, entre seus irmãos, que ainda morava com os pais. Abigail havia se casado, Martha estava noiva e Albert havia se ido para sempre. Mary se desesperava, pensando que ela também morreria jovem mas, ao contrário de seu irmão, não deixaria realização digna de nota.

Seu caráter e espírito, porém, não lhe permitiam ficar a remoer o pesar e a confusão. J. S. Smaus e Robert Peel contam que ela permaneceu bem chegada às suas melhores amigas, entre elas Augusta Holmes, Martha “Mathy” Rand e Hannah Sanborn. Graças a outra pessoa de suas relações, Mary Baker logo conseguiu publicar vários trabalhos. Uma de suas antigas professoras da Woodman Sanbornton Academy, Sarah Bodwell, louvara seu trabalho literário e acabou tornando-se sua amiga. Em 1841, Sarah Bodwell casou-se com Charles Lane, editor da *Belknap Gazette* e, assim, vários poemas de Mary Baker foram publicados naquele jornal. Além disso, outros

poemas apareceram no *New Hampshire Patriot and State Gazette*.

Algumas de suas obras literárias destinavam-se a uma só pessoa. George Washington "Wash" Glover, que anos antes havia dito, talvez por brincadeira, que se casaria com Mary, foi, com o tempo, ficando seriamente interessado nela. Havia alguns anos se correspondiam e, embora ele tivesse se mudado para Charleston, estado da Carolina do Sul, conseguiu visitar Sanbornton Bridge no verão de 1841, segundo J. S. Smaus. Após a visita, os dois jovens passaram a se corresponder com mais freqüência e ela contou a Tomlinson, muitos anos mais tarde: "...desse modo ficamos nos conhecendo melhor, pois ao escrever-lhe comecei a gostar bastante dele."

A casa da família Baker vivia repleta de notícias sobre romances, casamentos e noivados. Em fins de 1842, Martha, irmã de Mary, bem como sua amiga, Augusta Holmes, se casaram. Martha escolheu Luther Pillsbury, irmão de Amos Pillsbury, com quem George Baker havia trabalhado no estado de Connecticut, e o casal mudou-se para Concord. Augusta casou-se com um amigo chegado de Albert, Samuel Swasey, e foram morar em Haverhill, New Hampshire. Embora Mary Baker mencionasse vários rapazes, inclusive John Bartlett, um velho amigo, em suas cartas a Martha e Augusta, não descuidou de Wash Glover, na distante Carolina do Sul. Ele correspondia-lhe fielmente até que, com grande consternação, Mary parou de receber suas cartas, no começo de 1843. J. S. Smaus conta o que aconteceu a seguir.

Mary imaginava o pior, mas seu irmão George, que havia regressado a Sanbornton e se tornara sócio dos empreendimentos de Alexander Tilton, suspeitou de algo mais acertado: que o pai estava interceptando as cartas. George desconfiou que Mark Baker, em vista dos recentes casamentos da amiga de



Retrato que se crê ser de George Washington Glover, mantido no Museu e Sociedade Histórica Longyear. George Glover era amigo e colega de trabalho de Samuel Baker e relatos de seus contemporâneos indicam que ele era um jovem bonito e expansivo, dono de uma bem sucedida firma construtora. Casou-se com Mary Baker em 1843.

Mary e da outra filha, Martha, temia que Mary fosse a próxima e, se escolhesse Wash Glover, mudar-se-ia para muito mais longe do que Concord ou Haverhill. George, porém, via o namoro com outros olhos. Tinha seu velho amigo em alta estima, pois dois anos antes recebera uma carta de Glover, dizendo que metade das construções em Charleston eram feitas por sua companhia. Apesar do sucesso do rapaz, para Mark e Abigail Baker ele não era o partido ideal. A Carolina do Sul era tão distante, que era como se fosse outro país. Mark só queria proteger a filha, mas era óbvio que ela estava triste e George resolveu tomar providências. Convidou-a a ir com ele numa viagem de negócios a uma região chamada White Mountains e, ao mesmo tempo, escreveu a Glover, contando onde estariam e em quais hotéis a diligência pararia.

George tinha razão: durante a viagem, Mary recebeu as cartas de Glover. Ela ficou feliz de ver que seus temores eram infundados. No caminho, fizeram uma agradável visita a Augusta, em Haverhill. Mary voltou a Sanbornton Bridge sentindo-se muito feliz e, entre o verão e o outono daquele ano, os pais finalmente concordaram com o casamento. Com alegria, o jovem casal marcou o enlace para o fim do ano.

No dia 10 de dezembro de 1843, um domingo, Mary Baker casou-se com George Glover, na sala da casa de seus pais. Mais tarde, escreveu: "Casei-me jovem com o homem que eu amava." Seu marido era um homem alto e expansivo, cheio de vitalidade. Havia se mudado para a Carolina do Sul em 1838 e, em cinco anos, tinha grande número de amigos e um negócio em expansão. Robert Peel conta que os recém-casados foram a Concord, fizeram uma rápida visita ao lar da infância de Mary, em Bow, e tomaram o trem, inovação que havia começado a funcionar havia apenas três anos, até Boston, onde embarcaram rumo ao sul, de navio.

Após uma viagem tempestuosa, na qual a jovem Sra. Glover sentiu-se “irremediavelmente enjoada”, foi com prazer que ela viu as ruas guarneçadas de magnólias e as casas elegantes de Charleston. O casal Glover passou só um mês, se tanto, em Charleston, pois George tinha negócios a tratar na cidade de Wilmington, ao que parece em conexão com seu mais recente projeto, a construção de uma catedral no Haiti, país situado numa ilha do Caribe. Tanto em Charleston, quanto em Wilmington, George tinha muitos amigos e conhecidos, pois era membro ativo de várias associações, inclusive da Maçonaria e da Independent Order of Odd Fellows (I.O.O.F.). Jantares, passeios com novos amigos e idas ao teatro mantinham a Sra. Glover ocupada. Robert Peel descobriu as reminiscências de várias pessoas que a conheceram na época. Um residente de Wilmington disse que a Sra. Glover era “uma mulher muito bela, de conversa inteligente e modos extremamente afáveis.” Harriet Brown, filha de outro contemporâneo, comentou: “Ela era linda, uma das mulheres mais bonitas que eu já vi.”

Apesar das atividades sociais, Mary Glover não abandonou seu pendor literário. Harriet Brown também recordou: “Acho que ela sempre tivera aptidão para escrever versos, pois assim que chegou a Wilmington começou a colaborar com rimas para o jornal local.” A recém-casada também viu vários de seus trabalhos publicados numa nova revista chamada *Heriot's Magazine: The Floral Wreath & Ladies Monthly Magazine* e foi convidada a escrever os cumprimentos para os brindes de um jantar do partido democrata.

Em junho, o idílio sulino acabou em tragédia. O depósito de materiais de construção para a catedral do Haiti, no qual George Glover investira quase todo seu dinheiro, foi destruído. Robert Peel diz que, anos mais tarde, Mary não conseguia lembrar-se se o material tinha sido roubado ou se houvera um

incêndio, isso provavelmente porque, alguns dias mais tarde, o desastre foi eclipsado por desgraça ainda maior. George Glover caiu fatalmente doente, com febre amarela, e sua esposa, grávida de seis meses, ficou viúva em 27 de junho de 1844. O enterro de George Washington Glover foi realizado no dia seguinte.

Os membros da Maçonaria ajudaram a jovem viúva, mas não havia motivo para ela permanecer na Carolina do Sul. Já não tinha dinheiro nem familiares ali. Um de seus amigos maçons acompanhou-a no longo e triste percurso de volta à casa dos pais, no norte. Segundo Robert Peel, o difícil regresso levou quatro dias. Viajaram em quatro trens sucessivos, cinco barcos a vapor e uma balsa, percorrendo dois trechos de carruagem e passando uma noite na cidade de Nova Iorque. O calor e o desconforto foram intensos.

Seus pais acolheram com amor a filha enlutada, que voltou a ocupar seu antigo quarto, no lar paterno. Em 12 de setembro de 1844, deu à luz um filho, George Júnior. As calamidades daquele verão, as dificuldades da viagem e sua contínua má saúde tornaram o parto difícil e aparentemente ela sofreu lesões internas. Assim, não pôde cuidar do filho recém-nascido e este foi entregue a uma ama de leite, algo comum naqueles dias, em tais circunstâncias. Com frequência os partos eram difíceis, naquele tempo. Nove meses depois, a irmã de Mary, Abigail, deu à luz um filho, Albert, e também ficou com a saúde abalada, mas recuperou-se mais depressa do que a irmã. Mary Glover começou a melhorar devagar, mas continuava muito fraca para poder cuidar do filho, que era irrequieto e vivaz. Mahala Sanborn, a governanta da família, cuidava de George Júnior quando Mary não conseguia lidar com ele.

À medida que recuperava as forças, Mary Glover procurava meios de sustentar a si própria e ao filho. Como a maioria das

mulheres de seu século, não tinha preparo adequado para o trabalho. As mulheres mais pobres podiam trabalhar nas tece-lagens como operárias, mas a posição social de Mary e sua saúde precária tornavam tal opção inconcebível. Uma das poucas profissões, às quais as mulheres cultas do século XIX tinham acesso, era o ensino. Mary ficou sabendo que sua velha amiga Mathy Rand havia tomado esse rumo e lecionava na escola local. (J. S. Smaus narra que George Baker, que se tornara cidadão de destaque em Sanbornton e era membro da comissão distrital de ensino, louvou seu trabalho de modo especial.) Mas logo Mathy Rand pediu demissão para estudar no instituto educacional que substituíra a antiga Academia de Sanbornton, chamado New Hampshire Conference Seminary, do qual o Reverendo R. S. Rust era diretor. Robert Peel relata que R. S. Rust, junto com George Baker, Mathy Rand e John Bartlett, fazia parte do círculo de amigos íntimos de Mary. O Reverendo notou a habilidade inata que Mary tinha para ensinar e sugeriu que ela abrisse uma escola primária para crianças pequenas.

Ansiosos por ajudar a jovem viúva empobrecida, Abigail e Alexander Tilton decidiram ceder-lhe uma pequena construção em suas terras, para abrir a escola. Mandaram pintar o galpão de vermelho e mobiliaram a sala com cadeiras e mesas de tamanho adequado para crianças pequenas. Embora as crianças da família Baker tivessem freqüentado a escola desde pequenas, iam só durante o verão, quando os irmãos mais velhos deixavam de ir, para trabalhar na fazenda, e mesmo assim crianças de diversas idades eram colocadas juntas, numa só classe. A escola primária de Mary Glover abriu as portas em 1846, sendo pioneira no gênero, na Nova Inglaterra. Assemelhava-se a um jardim de infância de hoje mas, no século XIX, tal tipo de escola era uma novidade surpreendente.

Mary Glover demonstrou ter habilidade excepcional para conseguir das crianças um bom comportamento. Ela explicou, mais tarde, seu método de disciplina: "O modo de fazer as crianças pararem de agir mal é levá-las a gostarem de fazer o que é certo." A originalidade de seus modos era mais do que os tradicionais pais de Sanbornton conseguiram aceitar. A escola foi criticada, a saúde de Mary continuava delicada e George Jr. requeria sua atenção. A experiência acabou fracassando.

Mary voltou a escrever e passou grande parte do ano de 1847 compondo poemas, com o pequeno George à sua volta. Isaac Hill, chamado "o ditador democrata de New Hampshire", convidou-a a escrever comentários políticos, especialmente sobre a questão da escravidão, em seu jornal, *Hill's Patriot*, e ela também contribuiu para o *I.O.O.F. Covenant* e o *Freemason's Weekly*. O crescente interesse pelos territórios do oeste do país até a inspirou a escrever um romance curto, intitulado *Emma Clinton, A Tale of the Frontier*. O que ganhava como escritora, porém, não era suficiente.

Embora Mary fosse viúva com um filho, tinha só 26 anos e recebia bastante atenção dos homens solteiros da cidade. As pessoas da localidade bisbilhotavam muito sobre as idas e vindas dos pretendentes. Quando John Bartlett partiu para completar o último ano na Faculdade de Direito de Harvard, Mary escreveu à sua amiga Mathy Rand, contando quão aliviada estava, pois os vizinhos agora iriam "cuidar de sua própria vida, em vez de bisbilhotarem sobre nós. Eu estou ficando um tanto *irritada* com essas *mentiras*, pois mentiras é o que são."

Com o tempo, John Bartlett e Mary Glover ficaram mais chegados e, como Robert Peel descobriu, ela foi a Cambridge, no estado de Massachusetts, para assistir à formatura de John, no fim do verão de 1848. Sua mãe comentou em carta a

George Baker, que se mudara para Nova Iorque, que Mary havia chegado a uma decisão. Mas em 1849, John Bartlett decidiu ir para o oeste. A Califórnia, onde a febre do ouro acabara de explodir, parecia oferecer melhores oportunidades do que a velha Nova Inglaterra. Decidiram casar-se quando ele voltasse ou quando ela pudesse ir para o oeste.

Havia muitos planos de mudanças. George Baker ficou noivo de Mathy Rand. Enquanto Mary estava em Warner, New Hampshire, onde fora mandada para dois meses de tratamento porque sua saúde piorara, seu pai fez planos de mudar-se para uma casa maior em Sanbornton Bridge. Aquele outono, porém, trouxe tragédia junto com alegria. George voltou no começo de novembro e casou-se com Mathy e ambos logo se mudaram para Baltimore, no estado de Maryland. Naquele mesmo mês, a mãe de Mary, Abigail Ambrose Baker, faleceu e, apenas algumas semanas depois, chegou uma carta de Sacramento, anunciando que John Bartlett morreria nessa cidade da Califórnia.

“O que resta na vida para *mim!*” escreveu Mary a seu irmão George. Dentro de um ano, ainda menos lhe restaria. Mary tinha crises intermitentes de má saúde e seu filho George Glover, então com seis anos, tinha de passar cada vez mais tempo com Mahala Sanborn, na casa desta. O marido de Martha, Luther Pillsbury, morreu em outubro de 1850, numa viagem ao estado de Illinois. Mark Baker tinha agora a responsabilidade de sustentar duas filhas viúvas e três netos órfãos de pai. Ao tornar a casar-se, em dezembro de 1850, ele viu que não poderia continuar a sustentar a todos. Martha foi morar com os parentes do falecido marido, mas Mark não podia tomar conta da outra filha e do neto. De qualquer modo, Mary não tinha certeza de querer ficar na casa do pai, pois quando “os melhores tapetes e objetos” da madrasta chegaram, o pai queria que

ela ajudasse a colocá-los no lugar dos móveis de sua falecida mãe. “. . . Para fazer uma coisa dessas, eles precisam passar por cima de meu cadáver”, ela escreveu.

Em face dessa situação difícil, Abigail Tilton abriu as portas de sua casa à irmã, mas com uma condição: não poderia trazer o menino George com ela. J. S. Smaus diz que Abigail achava que o irrequieto George poria em risco a saúde de seu filho, Albert, bem como a sua própria e a de Mary. Quando Mahala Sanborn casou-se com Russell Cheney e decidiu mudar-se para North Groton, em New Hampshire, a cerca de 65 quilômetros de distância, Abigail Tilton tomou providências para que ela e o marido levassem George também. Na noite anterior à partida, Mary Glover chorou sobre cada peça do vestuário do menino. Escreveu, mais tarde, em sua autobiografia, ter passado “todas essas horas sombrias ajoelhada ao seu lado, na esperança de vislumbrar alívio nessa provação.” Robert Peel notou que um poema que ela rabiscou em seu diário no dia 9 de maio de 1851, um dia após a partida de George, revela sua angústia. Nele, ela fala do “desgosto silencioso da mãe / agudo demais para ser enunciado, profundo demais para arrancar lágrimas!”

Talvez fosse difícil para Mary lidar com a vivacidade de George, mas também é certo que não conseguia suportar sua ausência. Ficou ainda mais doente. Em janeiro de 1852, Mathy Rand Baker recebeu uma carta de Martha Pilsbury, na qual esta confidenciava: “. . . quase não há raio de esperança de que ela [Mary] se recupere. Suas forças diminuem aos poucos e todo o poder da vida parece ceder à força da doença.”

Passo a passo, os períodos em que se sentia bem foram ficando mais longos. Continuava uma mulher atraente, ainda interessada na moda e em atividades intelectuais. A solução para o dilema de Mary pareceu estar na pessoa de um preten-



Daniel Patterson, dentista itinerante, casou-se com Mary Baker Glover em 1853. O casal se mudou para Franklin, ao norte de New Hampshire, e depois para North Groton, onde Mary Patterson esperava poder estar com seu filho, que lá vivia com a família Cheney.

dente, o Dr. Daniel Patterson, um dentista que tratara seus dentes. Depois do tratamento, passaram a se corresponder e casaram-se em junho de 1853. Embora Mary escrevesse em sua autobiografia: "Meu pensamento dominante, ao casar-me de novo, era reaver meu filho", ela fora genuinamente atraída pela maneira cordial do Dr. Patterson. Robert Peel comenta que as cartas trocadas entre os dois mostram afeto autêntico.

O Dr. Daniel Patterson e sua senhora mudaram-se para uma casa em Franklin, em New Hampshire. Ele havia prometido acolher George Glover em seu novo lar, mas mudou de idéia ao verificar que a saúde da esposa continuava abalada, tanto quanto sua própria situação financeira. Mary Patterson ficava sozinha em casa, a maior parte do tempo, longe do filho e da família. Escrevia a suas irmãs, contando que estava deprimida, mas estas tinham outros problemas. A família Tilton estava lidando com os efeitos dum incêndio desastroso em sua tecelagem e não podia ajudar. Por fim, o Dr. Patterson conseguiu dinheiro emprestado de Martha Pillsbury e comprou uma casa e parte de uma serraria em North Groton, onde sua esposa esperava poder ver o filho, pois ele morava naquela cidade com a família Cheney. Uma sobrinha da família Cheney comentou, mais tarde, que o local isolado era muito ruim para a profissão do Dr. Patterson.

Ficou evidente que North Groton também não era um bom local para Mary Patterson. J. S. Smaus conta que, por mais que desejasse estar com seu filho, os relatos sobre o mau comportamento do menino alarmaram o Dr. Patterson e ele não permitia que os dois se encontrassem. O menino recebera uma educação rude, pois Mahala e Russell Cheney não davam muito valor à escola e não se incomodavam se George faltasse às aulas. Não só negligenciavam sua instrução, como também não o disciplinavam e o Dr. Patterson não gostava do menino,



Casa dos Pattersons em Franklin, New Hampshire. Mary Patterson suportou contínuas dificuldades, apesar de seu casamento e mudança de residência: ela e o filho permaneceram separados, as crises de doenças persistiam, debilitavam-na e o marido passava longos períodos longe de casa.

nem considerava bom que ele se encontrasse com a mãe. Por fim, em abril de 1856, sem o conhecimento de Mary Patterson, a família Cheney juntou-se à grande migração americana rumo ao oeste e mudou-se para o estado de Minnesota, levando junto o menino George.

Mary ficou de tal forma arrasada, que adoeceu gravemente. O Dr. Patterson não conseguia obter renda suficiente, trabalhando em North Groton, por isso saía pelo interior, por longos períodos, deixando a esposa confinada à cama, só tendo por companhia uma menina cega, que dela cuidava. Mary lia e escrevia. Escreveu à sua amiga Mathy Rand Baker: “estou tão cansada da solidão, que quase decidi, neste instante, largar a pena e esperar para chorar.”

Pela manhã, Myra Wilson, a menina que ajudava Mary Patterson, colocava-a numa cadeira e levava-a à varanda, onde podia respirar o ar da montanha. Passava longas horas lendo a Bíblia, que sempre lhe dava conforto, e, quando podia, recebia visitas. Como gostava muito de crianças, ajudava várias em seus estudos. Quando se tornaram adultos, diversos residentes de North Groton recordaram com muito afeto quão gentil ela fora para com eles, na infância, e um deles comentou que ela “amava as crianças e, em troca, todas a amavam.” Algumas gostavam de trazer flores e framboesas para a “bondosa senhora doente”.

Mary Patterson sofria de vários problemas físicos, mas, ao que parece, só recebia um mínimo de alívio por meio dos tratamentos em voga. Na época, os médicos entendiam muito pouco das causas das doenças. Na primeira metade do século XIX, costumavam sangrar o paciente, davam-lhe purgantes e doses de qualquer remédio que estivesse na moda, inclusive várias drogas perigosas, como a morfina. Reagindo a essas

medidas drásticas e, às vezes, fatais, o público se voltava para uma vasta gama de métodos alternativos de cura.

Mary Patterson também fez experiências com diferentes métodos. Mulher inteligente e empreendedora que era, resolveu ajudar-se a si mesma. Experimentou comer só pão integral e verduras. Lia com interesse os anúncios de remédios caseiros e métodos inusitados de cura, que enchiam os jornais da época, e “estudava um enorme livro dum médico, sobre homeopatia”, segundo testemunho de Myra Wilson.

A homeopatia, sistema de tratamento médico fundado por Samuel Hahnemann, era muito popular no século XIX. O médico homeopata trata do doente, ministrando-lhe quantidades mínimas da droga que, se dada a uma pessoa sadia, produziria os sintomas da doença da qual o paciente sofre. Qualquer pessoa que estudasse, com atenção, os diagnósticos e prescrições contidas nos livros escritos por Samuel Hahnemann e por seus seguidores, seria capaz de utilizar o sistema. Mary ficou muito interessada na homeopatia, nesse período, e “os vizinhos vinham de vez em quando pedir medicamentos e ela lhes dava”, Myra Wilson contou.

Mary Patterson, porém, foi ficando cada vez mais convencida de que a mente de uma pessoa é que controla a saúde e a doença do corpo. Robert Peel notou que o que a levou a essa conclusão foi o princípio homeopático da “lei da dose mínima”. Samuel Hahnemann expunha a tese de que quanto menor a dose, mais eficaz o remédio. Uma experiência em especial, que ela registrou em *Ciência e Saúde*, fortaleceu-lhe essa convicção. Uma mulher veio vê-la, pois sofria de hidropisia (acumulação excessiva de água no corpo). Para isso, Mary Patterson receitou uma droga homeopática muito diluída e, após algum tempo, sem que a paciente o soubesse, substituiu a droga por pílulas açucaradas, não medicamentosas. A mulher

continuou a melhorar, exceto quando Mary não lhe dava as pílulas. Numa entrevista, anos mais tarde, Mary Patterson comparou suas conclusões sobre a recuperação completa da mulher com a lenda de como Isaac Newton elaborou a teoria da gravidade, quando uma maçã caiu da árvore em sua cabeça. A cura da mulher "foi como o cair duma maçã para mim: deixou claro que a mente governava todo o processo de recuperação."

Mary Patterson procurava com seriedade soluções para os males do corpo, mas nunca negligenciava as questões espirituais. Sempre que sua saúde o permitia, ela ia à igreja congregacional de North Groton e, em *Retrospecção e Introspecção*, escreveu de seu esforço em "buscar com afinco o conhecimento de Deus como o único grande e sempre presente alívio para as dores humanas." Outras desgraças surgiram em breve.

O Dr. Patterson não estava indo muito bem em sua profissão e não conseguiu pagar a dívida que contraíra com Martha Pilsbury para comprar a casa em North Groton. Aquela, por sua vez, não queria executar a hipoteca e vender a propriedade, mas sua situação financeira não lhe dava outra opção. Em março de 1860, realizaram um leilão e a Sra. Patterson teve de deixar a casa. Sua irmã Abigail arranhou um quarto para ela numa pensão na vizinha vila de Rumney, onde ficou esperando a volta do marido. Continuava doente. Por fim, ele conseguiu instalá-la numa casa em Rumney, mas ainda outra calamidade estava à espreita.

A Guerra Civil começou em 1861. Essa guerra trágica ocasionou, porém, um evento que lhe trouxe grande alegria: em 10 de outubro de 1861, ela recebeu uma carta do filho. Era a primeira vez que recebia notícias dele, em mais de cinco anos. George Glover, buliçoso como sempre, havia fugido de casa, aos 17 anos, e alistara-se no exército da União. No exército,

conta Robert Peel, ele conheceu David Hall, cuja especialidade era escrever cartas para os soldados que não sabiam ou não podiam escrever. De algum modo, a pedido de George, David Hall conseguiu o endereço da Sra. Patterson e então George, com alegria, ditou uma carta para sua mãe, que havia tanto tempo não via. Depois disso, continuou a enviar-lhe cartas regularmente.

Essas missivas davam grande conforto a Mary, pois, uma vez mais, estava doente e sozinha. O Dr. Patterson quis colaborar com a União e, em 1862, foi incumbido de uma missão para o governador de New Hampshire, que requeria uma viagem a Washington, a capital do país. Enquanto observava as linhas de batalha, na vizinha localidade de Bull Run, foi capturado pelo exército confederado e jogado na prisão. A captura do marido e o estado de saúde cada vez pior deixaram a Sra. Patterson em sérias dificuldades. De novo, a família veio em seu socorro.

Seus irmãos e irmãs, tal como o Dr. Patterson, devem ter se exasperado uma vez ou outra com suas crises de má saúde, mas todos eles se esforçavam para encontrar tratamentos eficazes para ela. Em 1861, Mary e seu marido haviam pedido informações sobre dois tipos diferentes de tratamento. Antes de seguir para o sul, o Dr. Patterson enviara uma carta a Phineas P. Quimby, de Portland, estado do Maine, de quem se dizia ter muito sucesso com seu sistema de "cura pela mente". Na época, porém, Quimby não podia ir a New Hampshire. A Sra. Patterson havia escrito ao Instituto Hidropático do Dr. W. T. Vail, em Hill, New Hampshire, pedindo informações sobre hospedagem próxima ao instituto. Enquanto o Dr. Patterson estava na prisão, no sul, Mary escreveu à irmã Abigail, pedindo dinheiro para poder ir se tratar com Quimby. Abigail recusou-se a ajudá-la a ir consultar um homem que tinha tão inusitado

método de cura. Pagou, porém, para que Mary fosse ao Instituto Hidropático do Dr. Vail, por um período prolongado. Ali o tratamento era à base de água: muita água a beber, muitos banhos e ar fresco. O regime não lhe fez bem algum.

Certo dia, um antigo paciente do Dr. Vail visitou o instituto, curado de seus problemas e exaltando as virtudes de Quimby. Mary Patterson achou que Quimby era sua última esperança e voltou a procurar os meios de ir vê-lo. Robert Peel conta que, por fim, a família tomou as providências para que ela, acompanhada de seu irmão Samuel e a esposa, viajasse até o Maine. A curta viagem a Portland foi o início de uma odisséia ainda mais longa para Mary Baker Patterson.

Primórdios

AO CHEGAR AO HOTEL INTERNACIONAL DE PORTLAND, MARY Patterson teve de ser carregada até seu quarto, pois não conseguia subir as escadas. Após breve descanso, caminhou lentamente até a sala de espera onde, finalmente, veio a conhecer Phineas Parkhurst Quimby.

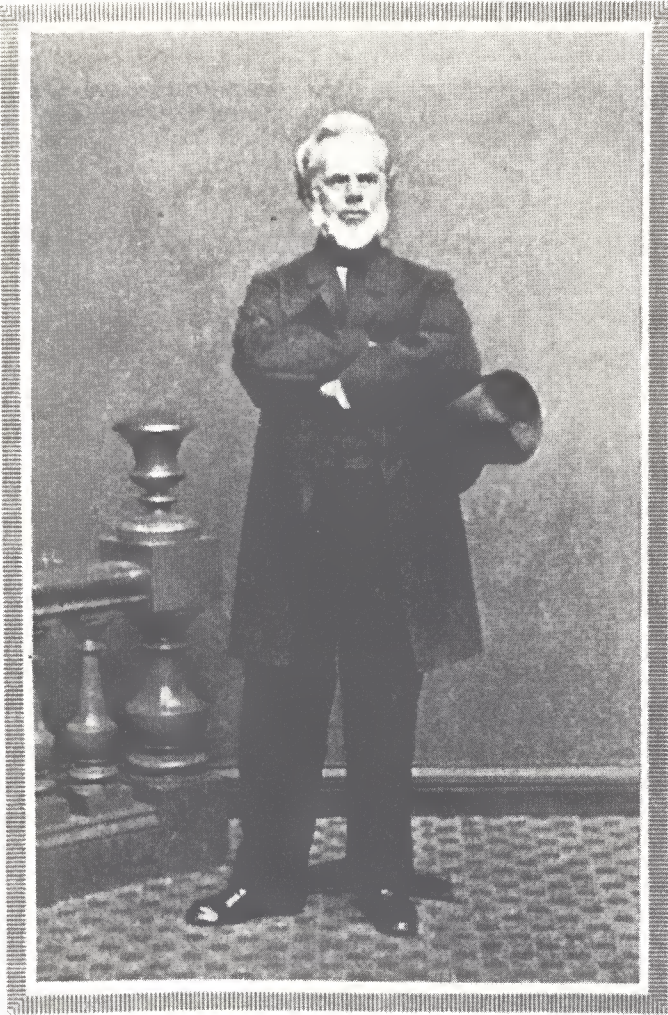
Quimby, nascido em 1802, trabalhara, quando jovem, como relojoeiro e inventor. Robert Peel relata que Quimby era um homem de mentalidade inquiridora, cuja vida se transformara após uma conferência a que assistira em 1838. Havia sido uma palestra sobre hipnotismo, ou mesmerismo, como era conhecido no século XIX, devido a Franz Anton Mesmer, médico vienense que tratava da doença por um método considerado revolucionário. Ele postulava a existência de um fluido magnético invisível e misterioso que ligava todos os organismos vivos e acreditava que seus tratamentos afetavam esse fluido e assim curavam os pacientes. Na verdade, ele os hipnotizava e, então, sugeria-lhes que pensassem estar bem, embora provavelmente não soubesse que os estava hipnotizando. Neste final do século XX, o hipnotismo tem sido estudado a fundo e tem sido usado, com efeitos variáveis, para livrar pacientes de vícios

e dores. No século XIX, o mesmerismo era um processo misterioso com toques de espiritismo e ocultismo, tendo se tornado uma moda incrivelmente popular nos Estados Unidos, a partir de 1840. Quimby descobriu que tinha talento para mesmerizar e, segundo Robert Peel, decidiu ir além de exposições públicas itinerantes. Para tanto, estabeleceu-se como médico, dedicando-se a atender clientes.

Quando Mary Patterson foi vê-lo, ele não mais se considerava adepto do mesmerismo. Ao contrário, sua circular dizia: “a cura está na explicação que ele dá.” Para a maioria de seus tratamentos, ele molhava em água as pontas dos dedos e tocava a cabeça do paciente, enquanto dava explicações sobre a doença. Em outros casos, ele apenas conversava com os pacientes. Seu tratamento era eficaz em muitos casos e representava o que, mais tarde, foi considerado uma forma primitiva de terapia psicológica. Ele tentava analisar suas curas mentais e escrevia sobre elas, às vezes em termos religiosos. Quimby acreditava, em essência, que a mente humana podia tanto causar, como curar, a doença. Também achava que os milagres realizados por Jesus, narrados no Novo Testamento, eram exemplos de “cura pela mente”, mas ignorava o que Mary Patterson viria a compreender mais tarde, isto é, a diferença crucial entre o poder da mente humana e o poder de Deus.

De início, o sistema pareceu dar bom resultado no caso de Mary Patterson. Uma semana após sua chegada, ela foi capaz de subir 182 degraus, até a cúpula do prédio da prefeitura de Portland. Estava entusiasmadíssima com o método de Quimby. Na primeira de suas muitas cartas enviadas aos jornais locais, ela proclamou no *Portland Evening Courier* que Quimby “cura como homem nenhum curou desde Cristo.” Logo, pôde partilhar seu júbilo com o marido.

O Dr. Patterson fugiu da prisão do exército confederado, em



PHINEAS PARKHURST QUIMBY

Phineas Quimby era relojoeiro e inventor, antes de começar a praticar a cura pela mente. Alegava curar os problemas físicos dos pacientes, explicando-lhes suas doenças. Mary Patterson achou suas idéias muito interessantes e falava nele com apreço, mesmo mais tarde, quando suas próprias idéias haviam se desenvolvido num rumo diferente.

setembro de 1862, e reuniu-se à esposa, em Portland. Quando o casal foi passar uma temporada na casa da família Tilton, em Sanbornton, Mary Patterson escreveu a Quimby: “Todos os que me vêem ficam maravilhados, sou um monumento vivo a vosso poder. . . . Como, bebo e estou feliz; não há leis que aprisionem meu espírito. . . .” Mas, com o tempo, longe da presença de Quimby, ela acabou piorando outra vez. Além disso, estava se esforçando para conciliar a técnica e as teorias um tanto confusas de Quimby, sobre o poder curativo da mente, com suas próprias convicções cristãs. Nessa época, comentou com um conhecido: “Se todas as doenças são irreais e más, Deus, que é bom e real, deveria ser nosso único sanador, e creio que se soubéssemos como pedir-Lhe, não precisaríamos de nenhum outro sanador.”

Ela voltou a Portland em meados de 1863. Passava tardes inteiras com Quimby, observando-o a tratar de outros pacientes e conversando sobre as teorias dele. Quimby achava-a uma “mulher diabolicamente inteligente” e, com entusiasmo, lhe ensinava suas idéias. Os outros moradores da pensão onde vivia comentaram que ela ficava acordada até altas horas, escrevendo.

Ela passou a maior parte do ano seguinte em Portland, ou visitando novos amigos no estado do Maine. Seu marido tinha dificuldade em se reajustar à vida profissional, após a aventura na Guerra Civil mas, por fim, o casal se estabeleceu em Lynn, no estado de Massachusetts e, mais tarde, em uma comunidade vizinha, chamada Swampscott. As coisas não iam bem entre eles, pois o Dr. Patterson não tinha muita paciência com os novos interesses da esposa e ainda menos com sua insistência em procurar explicar em termos cristãos o trabalho de cura de Quimby. Por outro lado, os rumores de que ele tinha flertes com suas pacientes constrangiam Mary. Ainda assim, ela foi

levando a vida e fez vários amigos em Lynn, especialmente após tornar-se membro da Linwood Lodge, uma filial da associação dos Good Templars (Bons Templários), organização social dedicada a promover a temperança (moderação ou abstinência do uso do álcool), uma causa muito popular na época.

Os problemas da Sra. Patterson continuavam, porém. Seu pai, Mark Baker, faleceu em outubro de 1865 e deixou toda a herança para o filho George, o único de seus filhos homens que teve um herdeiro também varão. O Dr. Patterson começou a viajar outra vez, o que desconcertava a esposa e, como Robert Peel descobriu, pesquisando os jornais da época, quando ele estava em casa, se metia em embaraçosas discussões públicas com outro dentista sobre cobrança de honorários. Ela sofreu outro golpe em janeiro de 1866, quando Quimby faleceu, vítima de câncer. Mais sozinha do que nunca, algumas semanas depois seu estado de saúde sofreu uma crise que viria a alterar todo o curso de sua vida.

No dia 1º de fevereiro de 1866, uma quinta-feira, Mary Patterson, com uns amigos, estava a caminho de uma reunião dos Templários. A calçada estava coberta de gelo e ela escorregou e caiu com forte impacto, ficando inconsciente. Foi levada a uma casa próxima, onde lhe diagnosticaram uma concussão e provável deslocamento da coluna. Seus amigos chamaram imediatamente um médico e cirurgião homeopata, Alvin Cushing. Acharam que ela não sobreviveria, ou que, na melhor das hipóteses, nunca mais poderia andar.

Na manhã seguinte, recobrou a consciência e suplicou que a levassem para casa, embora o Dr. Cushing houvesse recomendado que ela permanecesse imóvel. O médico deu-lhe uma injeção de morfina para diminuir a dor e ela voltou a cair na inconsciência. Os amigos embrulharam-na em mantas de pele, colocaram-na num trenó e levaram-na para casa.

A pesquisa de Robert Peel sobre o acidente revelou o que ocorreu a seguir. Durante toda a sexta-feira, amigos e conhecidos ansiosos a visitaram e um deles mandou chamar o pastor da igreja que ela freqüentava. No sábado, o médico foi vê-la outra vez e disse que nada mais podia fazer por ela. Não tinha havido melhora. Mais amigos a visitaram no domingo, inclusive o Reverendo Jonas Clark, que orou por ela, mas achou necessário prepará-la para o pior. Recebeu também a visita de uma amiga, a Sra. Ira Brown. Quando esta ia sair do quarto, Mary Patterson disse: “Quando vieres outra vez, eu estarei sentada na sala ao lado.”

“Mary, o que é isso que estás dizendo?” a Sra. Brown replicou, incrédula.

Naquela tarde, tendo ficado sozinha no quarto, Mary Patterson abriu a Bíblia no Novo Testamento e foi curada ao ler o relato de uma cura realizada por Jesus. Levantou-se, vestiu-se e foi até a sala. O Reverendo Jonas Clark, que voltara, pensou estar vendo um fantasma. Era evidente que Mary Patterson havia se recuperado das lesões, mas o mais importante foi que ela passara por uma grande mudança, ao estudar a Bíblia naquela tarde. Anos depois, ela escreveria: “Aquela curta experiência incluiu um vislumbre do grande fato que, a partir daí, tenho tentado tornar claro aos outros, ou seja, de que a Vida está no Espírito e é do Espírito; sendo que tal Vida é a única realidade da existência.”¹ Em *Retrospecção e Introspecção*, ela diz: “Nem mesmo ao médico homeopata que me atendeu, e se regozijou com minha recuperação, pude então explicar de que maneira me viera a cura. Só lhe pude assegurar que o Espírito divino havia operado o milagre.”² Ela compreendeu que sua cura resultara duma percepção tangível de Deus. Mais tarde, contou a uma amiga que depois “notou que quando tivera pensamentos semelhantes com relação aos males de outras pes-

soas, elas também tinham sido beneficiadas.” Esse acontecimento foi o ponto decisivo, a partir do qual ela desenvolveu os conceitos da Ciência Cristã.

Após sua recuperação, teve de enfrentar novos problemas. O cepticismo dos amigos com relação a sua cura perturbava-a profundamente e passava longas horas estudando a Bíblia e ponderando o acontecido. Questões mais mundanas também exigiam sua atenção: o marido desapareceu de Lynn e, como ela não podia pagar o aluguel (um dólar e meio por semana), foi despejada de seus aposentos. Ficou hospedada com uns amigos, a família Phillips, onde curou uma infecção dolorosa no dedo do filho deles, por meio de sua nova compreensão da oração. O Dr. Patterson voltou em julho e mudou-se, com a esposa, para a pensão da Sra. George Clark. Um mês depois, abandonou-a para sempre. Havia surgido uma grande distância entre eles e a evidência da infidelidade do marido talvez tenha sido a gota final.

Mary Patterson passou a mudar de pensão em pensão e ficava com amigos, enquanto a deixassem ficar. Dedicou-se a procurar entender melhor o que lhe acontecera em fevereiro, em Swampscott. Continuava a orar e a estudar a Bíblia durante horas a fio e depois escrevia comentários sobre o que lera. É provável, como Robert Peel indicou, que suas lutas espirituais e sua determinação obstinada, de “encontrar a ciência que governava” o processo de cura, irritassem seus anfitriões e contribuíssem para suas muitas mudanças de um lugar para outro. Parece que suas idéias incomodavam também o restante da família em New Hampshire.

Abigail e Alexander Tilton estavam agora entre os cidadãos mais estimados e prósperos de Sanbornton, que logo receberia o novo nome de Tilton. J. S. Smaus registrou a correspondência trocada pelas irmãs e notou que Abigail ofereceu-se para

mandar construir uma casa para Mary, próxima à sua própria mansão. Entretanto, conta Smaus, ela acrescentou: “Só uma coisa te peço, Mary, que desistas dessas idéias que têm ocupado teus pensamentos nos últimos tempos, que freqüentes nossa igreja e abandones tua teoria sobre a cura divina.”

Mary Patterson não aceitou a oferta, pois não podia abandonar “a única coisa que faço”. Tendo ficado à margem da maior parte de sua família, separada do marido e longe do filho, passou os anos seguintes em solidão, mudando-se constantemente. No outono, ficou na casa da família Ellis, em Swampscott, Massachusetts. Fred Ellis lembra que ela passava o dia todo em seu quarto, escrevendo e, então, vinha para a sala e “lia as páginas para minha mãe e para mim, pedindo, quase exigindo, nossas críticas e sugestões.”

Na pensão Clark, onde ficou outra vez no fim daquele outono, Mary Patterson e mais treze hóspedes reuniam-se todas as noites para o jantar e ela sentava-se à cabeceira da mesa. George Clark, então ainda jovem, recorda que ela “com facilidade atraía a atenção, quando decidia falar, e todos sempre a ouviam com interesse. Todos gostavam dela e a admiravam, embora suas afirmações às vezes causassem longas discussões.”

Passava horas escrevendo uma exegese (interpretação minuciosa) do livro do Gênesis, na qual Robert Peel notou o desabrochar de suas idéias sobre a natureza de Deus, a vida espiritual e a cura cristã. Muitos se interessavam por suas idéias, em especial um jovem sapateiro chamado Hiram Crafts, que se hospedava na pensão Clark sempre que ia a Lynn, para trabalhar durante o verão nas fábricas de sapatos. Mary Patterson começou a ensinar-lhe a respeito da cura. Na hora de voltar com a esposa para sua cidade de East Stoughton, Massachusetts, Crafts convidou Mary Patterson a ir com eles. Em troca

de casa e comida, ela continuou a ensinar a Hiram Crafts sua recém-descoberta ciência da cura.

Crafts abandonou sua profissão para dedicar-se à cura. Na primavera seguinte, a família mudou-se para uma cidade maior, Taunton, e, em maio de 1867, um anúncio apareceu no jornal local endereçado “Aos doentes”, dizendo: “O Dr. H. S. Crafts diz sem hesitação: *Eu posso curá-los.*” O anúncio dizia ainda que Crafts havia tratado com êxito casos de tuberculose, dispepsia e reumatismo, bem como “muitas outras formas de doenças e fraquezas”, e incluía o testemunho de um paciente satisfeito.

As novas dos bons resultados que seus pacientes obtinham logo se disseminaram e sua clientela aumentou. Depois do jantar, Mary Patterson continuava a instruí-lo e a encorajá-lo. Essa associação, porém, não completou um ano, pois a Sra. Crafts queixava-se com amargura de que seu marido passava tempo demais com Mary Patterson. Esta arrumou as malas e mudou-se.

Seguindo a recomendação de alguns amigos, foi para Amesbury, Massachusetts, e lá “Mãe” Webster, uma espírita bondosa que mantinha uma pensão informal, aceitou-a em sua casa. Embora Mary Patterson não fosse espírita e suas crenças e prática divergissem imensamente das de sua anfitriã, esta arranhou-lhe um quarto grande e ensolarado, cedeu-lhe sua própria escrivaninha e Mary continuou trabalhando em sua exegese do livro do Gênesis.

A casa de “Mãe” Webster estava sempre aberta aos doentes. Mary Patterson convivia com eles e realizou várias curas. Na cidade circularam rumores de que uma mulher, na casa de “Mãe” Webster, realizava milagres. Quando Mary e “Mãe” Webster saíam para um passeio vespertino até o rio, curiosos às

vezes demoravam-se na ponte, indagando zombeteiramente se Mary Patterson iria andar sobre a água.

Mary Patterson, que acabaria obtendo o divórcio, recusou-se a continuar usando o nome de seu segundo marido e preferia ser chamada de Sra. Glover. Decidiu ensinar seu método de cura mais uma vez, mas para uma audiência maior. No dia 4 de julho de 1868, anunciou um curso para “qualquer pessoa desejosa de aprender a curar os doentes.” Prometeu: “não é necessário usar remédios, eletricidade, fisiologia nem higiene”, acrescentando: “*Não se exigirá pagamento, se não for obtida a habilidade de curar.*”

Antes das aulas começarem, porém, o filho de “Mãe” Webster, William Ellis, chegou, como fazia todos os anos, com o propósito de liberar a casa para as férias de verão de sua própria família. Como Mary Glover e dois outros hóspedes não haviam conseguido deixar a casa, porque não tinham encontrado outro alojamento, foram postos na rua, apesar de ser uma noite de chuva. Conseguiram aposentos temporários na mesma rua, na casa de Sarah Bagley, onde passaram o verão de 1868. No livro *Mary Baker Eddy: The Years of Discovery* (Mary Baker Eddy: Os anos de descoberta), Robert Peel segue os passos dados por Mary Glover, depois disso.

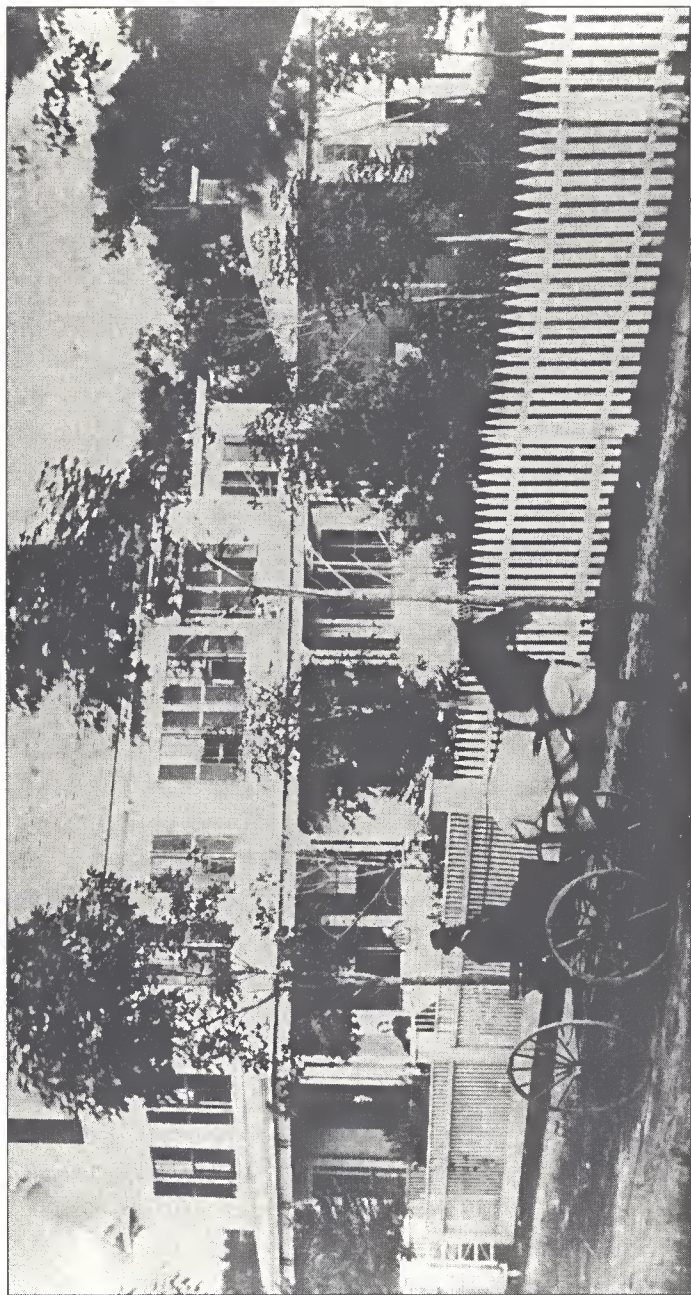
Um dos hóspedes com ela despejados, Richard Kennedy, tinha só dezenove anos e trabalhava numa pequena fábrica de caixas. Ele, Sarah Bagley e Mary Glover tornaram-se um trio incomum de amigos. Mary Glover não demorou a comentar suas pesquisas sobre a cura com os outros dois e, depois do jantar, os três liam a Bíblia e os comentários que Mary tinha escrito durante o dia. Quando teve de se mudar outra vez, porque Sarah Bagley precisava de um pensionista que pudesse pagar mais, Mary Glover foi para a casa da família Wentworth, conhecidos seus de Stoughton. Nos dezenove meses em que lá



Em algum momento da década de 1860, Mary Patterson visitou um estúdio fotográfico e posou para uma série de fotografias. Enquanto esperava a vez de ser fotografada, acalmou uma criança que chorava. O fotógrafo tirou a foto delas juntas. Apesar de sua situação difícil nesses anos, onde quer que se hospedasse, sempre teve um terno relacionamento com os filhos de seus anfitriões.

ficou, continuou a instruir Richard Kennedy por carta e nas visitas esporádicas que ele lhe fazia.

De início, a família Wentworth ficou encantada por ter Mary Glover como hóspede. Embora passasse longas horas em seu quarto, completando suas anotações e reflexões sobre o livro do Gênesis, e tivesse começado a escrever outra obra, que recebeu diferentes títulos com o passar do tempo, como *The Science of Soul* e *The Science of Man*, obra essa a ser usada para ensinar seu novo sistema de cura, ela nunca estava cansada demais para convidar as crianças a irem a seu quarto, no fim do dia, para partidas de gamão, jogos e canções. À medida que trabalhava em seu manuscrito, seus pensamentos foram se cristalizando e ela adquiriu a convicção, cada vez maior, de que a cura cristã genuína baseia-se na lei divina e não em contato ou influência pessoais, compreensão essa que, a seu ver, deu resultado nas curas constantes de doenças e do pecado. Por fim, decidiu que seu livro estava pronto para ser publicado e dirigiu toda sua energia para esse objetivo. Tomou informações em Boston e encontrou um editor disposto a imprimir o livro, mas mediante pagamento de 600 dólares. Robert Peel supõe que o entusiasmo da família Wentworth para com sua hóspede deva ter esfriado porque ela pediu que a ajudassem a pagar a impressão do livro. Em fins de março de 1870, ela saiu da casa deles e foi ficar com Sarah Bagley, outra vez. Ali, decidiu tomar um rumo diferente. Havia começado a chamar seu método de cura pelo nome de Ciência Moral e estava decidida a mostrar que era eficaz, não só para os demais pensionistas e para os anfitriões, mas também para o público em geral. No final da primavera daquele ano, Mary Glover e Richard Kennedy assinaram um acordo que deveria durar três anos: Mary Glover daria aulas; Richard Kennedy praticaria a cura de acordo com os ensinamentos dela.



Uma das casas em que a Sra. Patterson morou, no início de 1866, foi a casa Newhall, em Swampscott, Massachusetts. De 1866 a 1870 ela mudou-se constantemente, morando em pensões ou em casas de amigos, enquanto escrevia e desenvolvia sua descoberta da Ciência Cristã que, naquela época, ela chamava de Ciência Moral.

Mudaram-se para Lynn e sublocaram cinco salas no segundo andar de uma pequena escola particular. As salas continham poucos móveis e eles cobriram o assoalho com linóleo e as janelas com cortinas baratas. Do lado de fora, numa árvore, penduraram uma placa que dizia apenas: DR. KENNEDY.

Apresentar-se como médico e adotar um sistema totalmente novo de cura pode parecer ridículo no século XX, mas nas pequenas cidades dos Estados Unidos, no século XIX, não era incomum. Nem a prática da medicina, nem os remédios eram regulamentados por lei e os jornais estavam repletos de anúncios de curas esotéricas, médicos duvidosos e profissionais que davam tratamentos mediante eletricidade, magnetismo e utilizando a frenologia (método de avaliar o caráter e as aptidões de uma pessoa, observando-se cuidadosamente as saliências naturais do crânio). De início, Mary Glover e Richard Kennedy eram dois entre muitos, mas logo passaram a se destacar devido a seu êxito.

Em 15 de julho, Mary Glover escreveu a Sarah Bagley: “Todos me procuram para aprender comigo . . . Richard está literalmente coberto de pacientes.” De novo anunciou cursos de Ciência Moral. O primeiro foi de doze palestras, num período de três semanas. Os cinco ou seis alunos concordaram em pagar 100 dólares cada um, além de uma percentagem de seus ganhos quando viessem a exercer a cura como profissão.

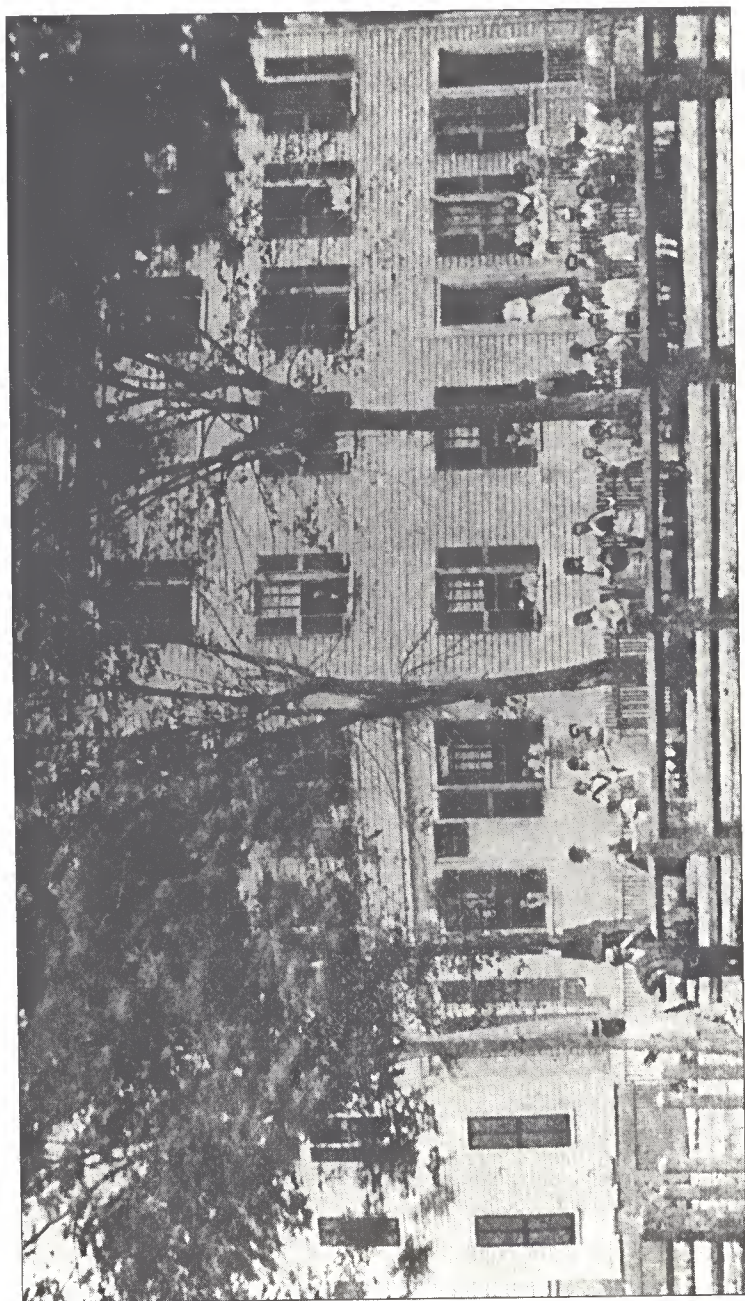
Cada aluno lia e decorava parte de uma cópia manuscrita da obra *The Science of Man*, para a qual ela havia registrado os direitos autorais em 1869, mas que só viria a publicar, em versão bastante revisada, em 1876. Mais tarde, comentou que suas primeiras “composições eram imaturas — os primeiros passos de uma criança.” Um aluno que participou de uma classe posterior comentou que ler seu manuscrito era, “em comparação à explicação que ela dava do mesmo, como a

página impressa duma peça musical comparada à interpretação executada por um músico de grande talento.” Mesmo alunos que, mais tarde, abandonaram a ciência de Mary Glover, contaram a outros do “júbilo emocional” que ela transmitia em suas aulas.

Após a última aula, Mary Glover escrevia uma carta a cada aluno, dando-lhe os parabéns e tratando-o pelo novo título de doutor. Em seu curso seguinte, ela aumentou a taxa para 300 dólares, um terço do salário médio anual de um operário da indústria de calçados, mas os alunos continuaram a afluir.

Existem relatos de como Mary Glover curava as pessoas instantaneamente, de vários tipos de doenças. Diversos de seus alunos também praticavam a cura com sucesso, mas às vezes eles, como Quimby, punham as mãos sobre a cabeça dos pacientes durante o tratamento, costume esse que a incomodava cada vez mais. Escreveu, mais tarde, em *Miscellaneous Writings* (Escritos Diversos): “Embora *eu* pudesse curar mentalmente, sem nenhum sinal exceto a recuperação imediata do doente, os pacientes de meus alunos, e as pessoas em geral, exigiam um sinal — alguma evidência material que mostrasse aos doentes que algo estava sendo feito em seu benefício. . . .”

Robert Peel registrou, em seu livro *The Years of Discovery*, um efeito especialmente nocivo, resultante da controvérsia sobre a manipulação física de pacientes pelos alunos. Wallace Wright, um aluno descontente do terceiro curso, acusou-a de ensinar mesmerismo. Robert Peel conta que, no começo de 1872, Wallace Wright publicou suas alegações no *Lynn Transcript*, num artigo intitulado “Ciência Moral, aliás, Mesmerismo.” Mary Glover respondeu no mesmo jornal; Wallace Wright atacou novamente e os dois engalfinharam-se num debate público acirrado. Parte de uma das respostas de Mary Glover indica o rumo a ser tomado por sua Ciência Moral,

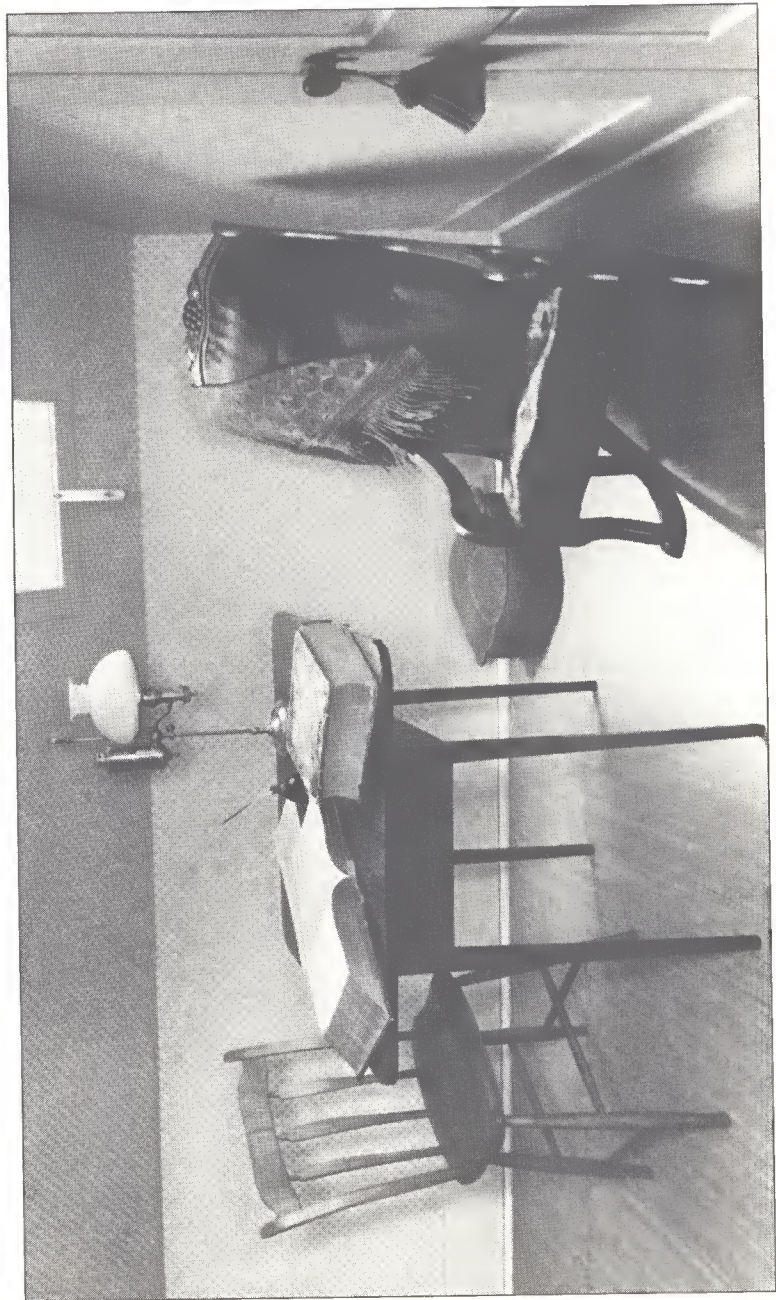


Grupo de jovens em frente ao prédio em que Mary Glover e um aluno seu ensinavam e praticavam a Ciência Moral, na primavera de 1870. Uma escola particular para meninas ocupava o andar térreo. Mary Glover dava seu bem sucedido e singular curso de Ciência Moral no andar de cima.

nome que de início dera a seu sistema de cura. Ela começou explicando que “a Ciência Moral pertence a Deus e é a expressão ou revelação do amor, da sabedoria e da verdade. . . . Tudo o que Ele [Deus] fez é harmonioso, eterno e dá alegria A Ciência Moral acaba com o pecado e o sofrimento, mediante a compreensão de que Deus não os criou, nem criou o homem para ser servo do corpo.” Concluiu, dizendo que sabia tanto sobre a prática do mesmerismo “quanto um gatinho Ao passo que eu assevero compreender a Ciência Moral e Física que ensino.” Então Wallace Wright desafiou-a a, entre outras coisas, “andar sobre a água”. Como ela ignorasse essa provocação sarcástica, Wright chamou a atenção para seu silêncio e escreveu: “A Sra. Glover e sua ciência estão praticamente mortas e enterradas.”

Tanto ela quanto sua ciência estavam indo muito bem, mas o ataque de Wright fez com que ela ponderasse se, realmente, persistiam em seu ensino elementos do sistema de Quimby. Mary Glover percebeu que a cura cristã por meio da oração divergia completamente da sugestão hipnótica e, para deixar esse ponto claro, instruiu os alunos a apagarem de seus manuscritos uma breve referência à manipulação física. Muitos se rebelaram. Insistiu, em especial com Richard Kennedy, para que ele parasse de esfregar a cabeça dos pacientes durante os tratamentos, como costumava fazer. Ele se recusou a obedecer. A divergência foi áspera e ele rasgou o contrato. Embora Mary Glover continuasse a trabalhar com ele mais três meses, não conseguiu resolver a questão e, em 11 de maio, dissolveram a sociedade. Alguns dias depois, ela partiu para New Hampshire, para uma série de visitas à família.

Nada mais lhe restava nesse lugar. Seus irmãos George e Samuel haviam falecido em 1867 e 1869, respectivamente. Estava afastada de sua irmã Abigail. Sua irmã Martha havia



Fotografia do escritório no sótão da casa na Rua Broad, número 8, em Lynn, mostrando os poucos móveis e a clarabóia. Neste aposento, Mary Glover terminou de escrever a primeira edição de *Ciência e Saúde*.

ido para o Estado de Kansas com a filha e o genro. Mary Glover visitou sua madrasta e acabou voltando a Lynn.

Anos mais tarde contou que, enquanto travava a batalha de cartas com Wallace Wright, no *Lynn Transcript*, havia se voltado à Bíblia e, ao abri-la, leu o versículo 8 do capítulo 30 de Isaías: “Vai, pois, escreve isso numa tabuinha perante eles, escreve-o num livro, para que fique registado para os dias vindouros, para sempre, perpetuamente.” De imediato, cancelou todas as aulas para poder escrever um livro. Mais uma vez, mudando-se de casa em casa, concentrava-se em escrever.

No fim de 1873, o livro, então intitulado *The Science of Life*, foi rejeitado por um editor. Voltou a revisá-lo. Foi rejeitado outra vez no começo de 1874, segundo Robert Peel. Alguns de seus alunos insistiam com ela para que não perdesse tempo com um livro que poucos chegariam a compreender. Mas após novas revisões e mais rejeições, dois alunos concordaram em pagar um editor de Boston, chamado W. F. Brown, para publicar o livro. O manuscrito foi enviado ao prelo em 5 de setembro de 1874.

Em março de 1875, ela viu que uma casa no número 8 da rua Broad estava à venda. Achou que era a resposta a suas orações, a oportunidade de escapar aos mexericos e olhares críticos dos outros pensionistas. Conseguiu comprar a casa e, para poder pagar as contas, alugou os quartos do primeiro andar. No terceiro andar, num minúsculo quarto com uma clarabóia, ela labutava na leitura das provas tipográficas enviadas pelo editor de seu livro e acrescentou catorze páginas, nas quais firmemente repudiava o mesmerismo. Poucas pessoas, além dela, entravam naquele quarto. No segundo andar, numa pequena sala que reservara para seu uso, deu um curso a mais quatro alunos.

Ao dar os toques finais no manuscrito, procurou o título

perfeito para ele. Uma noite, ao olhar através da clarabóia para o céu estrelado, o título veio-lhe ao pensamento. Levantou-se da cama imediatamente e escreveu o título *Ciência e Saúde*. Desde pequena, sua ambição havia sido escrever um livro, mas *Ciência e Saúde* era, de certa forma, mais do que um mero livro. Seria o fundamento para uma religião de alcance mundial.

Nota do Redator: O artigo em destaque diz o seguinte:

A Sra. Mary M. Patterson, de Swampscott, caiu no gelo, perto da esquina das ruas Market e Oxford, na terça-feira à noite, e sofreu ferimentos graves. Foi carregada, inconsciente, para a residência do Sr. S.M. Buber, ali próxima, onde naquela noite foi atendida. O Dr. Cushing, que foi chamado, achou que os ferimentos eram internos e de grande gravidade, causadores de espasmos e intenso sofrimento. A Sra. Patterson foi levada para casa em Swampscott ontem à tarde, ainda em estado crítico.



Mary Baker Eddy, serena e confiante, posou para este retrato, segurando um livro, no começo da década de 1880. Nessa época, e em períodos subseqüentes, ao defrontar-se com os problemas organizacionais ou com as questões espirituais que o estabelecimento da igreja da Ciência Cristã acarretava, ela constantemente procurava orientação na Bíblia.

Depois de Lynn

ENQUANTO MARY GLOVER AGUARDAVA A PUBLICAÇÃO DE *Ciência e Saúde*, a Christian Science* (nome com que ela e seus alunos haviam passado a designar sua filosofia e seu método de cura) começou, lentamente, a evoluir e a tomar forma. Robert Peel relata que, em junho de 1875, oito de seus alunos se reuniram e fizeram "...um acordo com a referida Mary Baker Glover, para que ela pregue para nós ou dirija nossas reuniões todos os domingos...." Também decidiram que cada um contribuiria, semanalmente, com uma pequena quantia de dinheiro a "ser usada com o único propósito de manter a referida Mary Baker Glover como professora ou instrutora, [e] de alugar uma sala adequada." Entre os alunos que assinaram o acordo, estavam Daniel H. Spofford, cuja esposa havia feito um curso com Mary Glover cinco anos antes, e George Barry. Ambos eram especialmente dedicados a Mary Glover e à causa da Ciência Cristã.

Devota congregacionalista que era, Mary Glover pensara que seu ministério de cura seria aceito pelas igrejas cristãs existentes. Seus primeiros alunos haviam dado testemunho de algu-

*Ciência Cristã

mas experiências de cura cristã, em suas próprias igrejas, e haviam, como resultado, ouvido vários pastores denunciarem tal testemunho como “blasfêmia”. Ficou claro que as idéias teológicas revolucionárias apresentadas em *Ciência e Saúde* só seriam aceitas numa religião nova, também revolucionária.

Robert Peel narra que diversos de seus primeiros alunos contaram que Mary Glover havia exclamado: “Um dia, terei minha própria igreja!” Em 13 de junho de 1875, afastou-se ainda mais daquela a que pertencera, observa seu biógrafo, ao pedir demissão da igreja congregacional de Tilton, à qual havia se filiado trinta e sete anos antes. Após o acordo assinado por seus alunos, durante cinco semanas ela conduziu as reuniões dominicais, realizadas no salão da Organização Good Templars (Bons Templários), em Lynn, mas depois parou de pregar, ocupada com os detalhes da publicação de seu livro. Ainda não havia chegado a hora de fundar uma igreja de verdade.

A tipografia terminou de imprimir mil cópias de *Ciência e Saúde* em 30 de outubro de 1875. Vez ou outra apareciam críticas publicadas em jornais, dizendo, por exemplo: “Esse livro é de fato totalmente original, mas nunca será lido.” A idéia de que uma mulher tentasse criar princípios teológicos meramente divertia outros críticos, um dos quais sugeriu que Mary Glover dedicasse “os anos que lhe restam a curar os doentes, deixando a outros a redação de livros sobre filosofia e religião.”

Mary Glover enviava respostas sagazes a seus críticos, especialmente aos clérigos que a ridicularizavam. Outros leitores tiveram impressão mais favorável do livro. Robert Peel registra que, entre estes, estava Bronson Alcott, respeitado filósofo da Nova Inglaterra e pai de Louisa May Alcott, autora do romance *Mulherzinhas*. Bronson Alcott visitou Mary Glover e

os alunos desta, em Lynn, e elogiou seu trabalho. Entretanto, leitores curiosos iam lendo e passando o livro adiante, enquanto um número cada vez maior deles consideravam *Ciência e Saúde* o livro mais importante que já haviam lido. Alguns eram curados de doenças. Outros resolveram ir a Lynn para que Mary Glover os curasse. Uma placa, anunciando a Casa dos Cientistas Cristãos, de Mary B. Glover, dava as boas-vindas a todos.

Mary Glover explicou que denominou “Cristã” sua ciência porque “é compassiva, benéfica e espiritual” e está fundada na vida e nos ensinamentos de Jesus. Escreveu em *Ciência e Saúde*: “A Ciência Cristã é a lei da Verdade, que cura os doentes tendo por base a Mente única, ou seja, Deus. Não pode curar de nenhum outro modo, porquanto a assim chamada mente mortal humana não é um agente da cura, mas é a causa da crença na moléstia.”¹

Em essência, ela sustentava que Deus é totalmente bom e todo-poderoso, o Princípio ou fonte de tudo o que é real. A fim de expressar de forma mais completa a natureza infinita de Deus, referia-se a Ele como Pai-Mãe, Amor, Mente, Alma, Espírito, Verdade e Vida (em tal contexto as palavras são escritas com maiúscula). Afirmava que se Deus é tudo e é todo bom, então tudo o que não for bom, inclusive o pecado, a doença e a morte, nega a Deus e é, em última análise, irreal, por mais ameaçador que pareça em nossa experiência humana. Via a matéria em si como um conceito errôneo da realidade, e a cura como indicação da realidade espiritual mais profunda da vida em Deus e de Deus. Em sua opinião, a oração não significava pedir a Deus que realizasse milagres, mas sim obter um senso mais completo dessa Vida e Amor sempre-presentes. Ela considerava os relatos das curas de Jesus, no Novo Testamento,



Uma placa identifica a casa da rua Broad, número 8 (agora número 12), em Lynn, como a Casa de Cientistas Cristãos, de Mary B. Glover. Pode-se ver Asa Gilbert Eddy na janela do lado direito, embaixo da placa. Asa foi o primeiro praticista a apresentar-se como Cientista Cristão e casou-se com Mary no dia de Ano Novo de 1877.

como exemplos de como pôr em prática o cristianismo hoje em dia.

Mary Glover afirmava que a Ciência Cristã, como toda ciência, podia ser comprovada, de modo constante, por meio de demonstração, como Jesus Cristo o fizera. “Ele provava o que ensinava”, escreveu ela. “Essa é a Ciência do Cristianismo. Jesus *provou* que o Princípio, que cura os doentes e expulsa o erro, é divino. No entanto, à exceção de seus discípulos, poucos lhe compreenderam em grau mínimo os ensinamentos e as gloriosas provas deles decorrentes — isto é, que a Vida, a Verdade e o Amor (o Princípio dessa Ciência não reconhecida) destroem todo erro, o mal, a moléstia e a morte.”²

Vários alunos moravam na casa de Mary Glover, no número 8 da rua Broad, ocupados em aprender e praticar a Ciência Cristã. Ela voltou a lecionar e começou a organizar seu pequeno, mas crescente, grupo de seguidores, entre os quais estavam alguns recém-chegados a Lynn, inclusive Asa Gilbert Eddy. Em julho de 1876, Mary Glover formou a Associação Cientista Cristã, a fim de reunir seus alunos para que fizessem um estudo mais adiantado e sentissem o companheirismo cristão, bem como para incrementar a compreensão e prática da cura espiritual.

Seis meses mais tarde, em 1º de janeiro de 1877, ela se casou com Asa Gilbert Eddy, a quem chamava, com carinho, Gilbert. Asa Eddy, que anteriormente havia sido vendedor de máquinas de costura, foi o primeiro praticista a usar o nome “Cientista Cristão” na tabuleta de seu escritório, como vários biógrafos registraram. Ele era um homem pacífico e afável, que não hesitou em aceitar a posição de ajudante da esposa. “A Sra. Eddy é a legítima dirigente [do movimento]”, ele disse, “e jamais seremos bem sucedidos, a menos que ela ocupe tal posição.”

A cerimônia de casamento foi oficiada por um pastor da igreja unitária e, quatro semanas depois, os amigos deles deram-lhes uma festa, com presentes, bolo de noiva e limonada. Essa nova situação, porém, precipitou uma série de lutas internas pelo poder, em especial entre os homens. Daniel Spofford e George Barry, segundo Robert Peel, ficaram particularmente transtornados com o casamento de sua líder. Alguns historiadores, notando que Spofford havia tentado, sem sucesso, obter o divórcio em novembro de 1876, crêem que ele é quem desejava casar-se com Mary Glover e sua decepção e frustração talvez expliquem a intensidade de suas ações contra o casal Eddy, mais tarde. Robert Peel, que narrou pormenorizadamente essas ações, bem como aquelas intentadas por George Barry, esclarece bastante os acontecimentos desse período tumultuado.

Três meses após o casamento, George Barry propôs uma ação contra Mary Baker Eddy, pedindo 2.700 dólares, alegando que havia executado certas tarefas na casa da rua Broad, pelas quais deveria ser pago. O rancor de seu ex-aluno muito afligiu Mary Baker Eddy e a ação só foi concluída por acordo, em 1879.

Daniel Spofford, que pouco antes havia sido nomeado editor das obras de Mary Baker Eddy, escreveu-lhe em 30 de maio, com relação à segunda edição de *Ciência e Saúde*. Sua carta apreensiva estava cheia de referências a suas outras preocupações; ele alegava que havia um “presságio que a revelava ‘indigna de carregar o estandarte da Ciência Cristã’ e de que Deus lhe tiraria os meios de levar avante esse trabalho.” Concluiu dizendo: “Proponho-me a levá-la [a causa] avante sozinho.”

Daniel Spofford foi expulso da Associação Cientista Cristã, em dezembro de 1877. Seu rancor contra Mary Baker Eddy

creceu e acabou envolvendo, a ela e à Ciência Cristã, em dois extravagantes e notórios processos judiciais, no ano seguinte. O comportamento de Daniel Spofford levou-a a definir, de modo mais claro, aquilo que discerniu como sendo a influência hipnótica do ódio sobre o pensamento humano e a alertar seus alunos quanto a seus efeitos negativos. Robert Peel explicou a posição dela: “O receptor incauto [de sugestões malignas] pode ser levado a aceitar estados induzidos de consciência como sendo produto de seu próprio pensamento, assim como um anúncio publicitário bem feito pode levar consumidores facilmente impressionáveis a crerem que desejam intensamente produtos sem muito valor nem utilidade para eles.” Mary Baker Eddy, em várias de suas cartas daquela época, bem como na revisão de *Ciência e Saúde* que estava fazendo, explicou que tal ódio objetivado é o oposto da oração. Ela empregou o termo *magnetismo animal*, termo esse usado no século XIX para o hipnotismo, ao descrever tal fenômeno.

A essa altura, o banco no qual Gilbert Eddy havia investido suas economias faliu, enquanto o processo movido por George Barry ainda estava em andamento e prometia sair caro. Edward J. Arens, outro aluno, queria muito ajudar. Sugeriu que o casal Eddy movesse ações contra alunos que haviam abandonado a causa.

Primeiro, Edward Arens ajudou a propor uma ação contra Richard Kennedy, por falta de pagamento do ensino que recebera da Sra. Eddy e, logo depois, contra vários outros dos primeiros alunos, pelo mesmo motivo. Richard Kennedy perdeu a ação, mas recorreu da decisão e pediu julgamento por júri. Parece que Edward Arens tinha paixão por ações judiciais, pois não parou aí. As batalhas entre Mary Baker Eddy e seus ex-alunos logo se espalharam por vários tribunais e pelos tablóides.

Todas essas ações, porém, foram ofuscadas pelo chamado Julgamento da Feitiçaria de Salem, de 1878. A Srta. Lucretia Brown, estudante de Ciência Cristã e antiga paciente de Spofford, acusou-o de usar a própria mente de forma maligna para prejudicar a saúde dela. O fato de ter proposto ação judicial mostra quão abalada Lucretia Brown estava e Robert Peel observou que, sem dúvida, o medo dela quanto à malignidade de Spofford bem que podia tê-la feito adoecer.

Tal processo suscitou grande publicidade, a maior parte desfavorável a Mary Baker Eddy e aos Cientistas Cristãos. Os jornais sensacionalistas da época aproveitaram-se ao máximo da acusação incomum e da mulher extraordinária que estava no centro disso tudo. A Sra. Eddy manteve-se calma e o caso nem sequer foi a julgamento. O juiz achou que não era da competência do tribunal controlar a mente de Spofford.

Suas próprias ações judiciais, bem como a de seus alunos, levaram Mary Baker Eddy à conclusão de que tal dissensão só podia ser curada por se confiar de modo mais completo no Amor divino.

Mary Baker Eddy precisava de ajuda, pois o mês de outubro de 1878 apresentou-se cheio de problemas. Naquele mês, foi publicada uma edição revisada de *Ciência e Saúde*, mas a tipografia fez um péssimo trabalho e praticamente arruinou o livro. Mary Baker Eddy ficou muito aflita, pois o livro representava anos de trabalho e esforço para transmitir sua descoberta a outros. Uns dias depois, uma calamidade de natureza pessoal ocorreu. O Dr. Eddy e Arens foram presos sob acusações espúrias de conspirarem para assassinar Spofford, que desaparecera de casa no dia 15 de outubro e cujo corpo havia sido supostamente identificado no necrotério. No instante em que os dois estavam sendo presos, porém, ele apareceu vivo e em plena saúde. Ainda assim, o *Boston Globe* relatou:



Em 1861, George Glover entrou em contato com sua mãe, pela primeira vez em mais de cinco anos. Dois anos depois, posou para esta fotografia. Em 1879, foi a Boston para visitar a mãe. Foi o primeiro reencontro depois de 23 anos.

Vendo que não podiam eliminar seu rival por nenhuma medida judicial, Eddy e seu sócio recorreram a meios mais drásticos... foram a Boston e fizeram um acordo com um “vagabundo” da rua Portland para acabar com Spofford, em outras palavras, para ASSASINÁ-LO A SANGUE FRIO.

Os repórteres deleitavam-se em retratar o casal Eddy da pior maneira possível. Sua religião, seu lar, quase todos os aspectos da vida deles divergiam bastante da norma de uma cidadezinha do século XIX, tornando-os presas fáceis dos bisbilhoteiros. O recurso de Kennedy foi a julgamento em meio ao ápice do sensacionalismo e o júri, formado por residentes de Lynn e influenciado por toda aquela publicidade, revogou a decisão anterior. O advogado do casal Eddy apelou para instância superior, mas por fim o caso foi abandonado porque documentos importantes desapareceram.

Algum tempo depois, ficou provado que as acusações contra Asa Eddy eram maquinações com vistas a prejudicar sua esposa. As provas eram estranhas e tortuosas e descobriu-se que grande parte dos testemunhos eram falsos. Embora esse tenha sido um período muito difícil, Mary Baker Eddy escreveria mais tarde: “Cada prova de nossa fé em Deus nos torna mais fortes.”³

Em se tratando de apoiar a Ciência Cristã, não havia dúvidas quanto ao vigor de Mary Baker Eddy. Robert Peel relata que, mesmo antes que as acusações contra o marido fossem abandonadas, ela passou a ir a Boston todos as semanas para pregar no Tabernáculo Batista. Houve domingos em que a audiência dava vivas, aplaudia e batia o pé, torcendo por ela, enquanto ela respondia às perguntas de seus detratores, inclusive do pastor que dirigia os trabalhos. Em janeiro, ela escreveu: “Preguei em salões durante catorze anos. Agora, Deus me chama a ampliar o âmbito de minha pregação.”

Em 12 de abril de 1879, a Associação Cientista Cristã votou a favor de estabelecer uma igreja. Os 26 membros convidaram Mary Baker Eddy para ser a pastora. Em 23 de agosto, o estado de Massachusetts concedeu alvará à Igreja de Cristo, Cientista, que, segundo seus membros, destinava-se “a comemorar a palavra e as obras de nosso Mestre,” [Jesus Cristo] e à qual “cumpre restabelecer o cristianismo primitivo e seu elemento de cura, que se havia perdido.” (Essas palavras se encontram no *Manual d’A Igreja Mãe*.) Os Cientistas Cristãos continuaram a realizar cultos simples em Boston e nas casas de vários membros. Os cultos consistiam de oração silenciosa, a Oração do Senhor, um sermão pregado pela Sra. Eddy, baseado numa passagem bíblica, e um período de perguntas e respostas.

Mary e Gilbert Eddy passaram o inverno de 1879-80 em Boston, onde a Igreja de Cristo, Cientista, crescia e prosperava. A Sra. Eddy lecionou para vários grupos de alunos e recebeu a visita de seu filho George Glover, que, após viajar pelo oeste do país, estabelecera-se em Deadwood, no Território do Colorado, onde se casara e tivera uma filha. Mãe e filho ficaram contentes de se reverem pois, apesar de continuarem a se corresponder, fazia vinte e três anos que não se reuniam. George passou alguns meses com a mãe e o padrasto, mas mostrou pouco interesse em filiar-se à igreja de sua mãe.

No verão seguinte, o casal Eddy foi para Concord, em New Hampshire, onde a Sra. Eddy trabalhou na terceira edição de *Ciência e Saúde*. Durante esse período, ela pensou muito sobre a organização e o fortalecimento do crescente movimento da Ciência Cristã, desejando dar-lhe um fundamento sólido. Era imprescindível ter uma versão atualizada e bem impressa de *Ciência e Saúde*, pois todo Cientista Cristão estudava esse livro, junto com a Bíblia. Além disso, ela queria assegurar que a

cura cristã continuaria a ser um método de tratamento legítimo e reconhecido. Robert Peel narra que, em fevereiro de 1880, a assembléia legislativa de Massachusetts debateu um projeto de lei que visava a regulamentar a prática da medicina. Bem intencionado, mas mal enunciado, tal projeto de lei, se aprovado, restringiria grandemente qualquer forma de tratamento não sancionado pelas escolas médicas licenciadas pelo estado, inclusive a homeopatia e a Ciência Cristã. O projeto de lei não foi aprovado, mas fez com que Mary Baker Eddy pensasse em como proteger seu movimento, tanto contra as dissensões internas, quanto contra restrições externas. Mostrou interesse em fundar um instituto devidamente autorizado para ensinar o método de cura da Ciência Cristã. Naquele verão, interrogou diversos médicos, que eram favoráveis à cura pela Ciência Cristã, sobre a possibilidade de estabelecer tal faculdade. Ao retornar de New Hampshire, naquele outono, ela, dois médicos e vários de seus alunos formaram uma sociedade para dirigir a escola, que foi chamada Faculdade de Metafísica de Massachusetts.

A faculdade só recebeu o alvará em 31 de janeiro de 1881 e começou a funcionar em meados daquele ano. Diversos problemas relacionados com a publicação de seus livros ocuparam Mary Baker Eddy naquele ínterim. Um desses problemas tinha origem nas atividades de Edward Arens, que havia paulatinamente se afastado da Ciência Cristã, após ter envolvido sua fundadora em muitos litígios, em 1878. Ele estabeleceu sua própria prática de cura e ensinava seus alunos baseado em versões plagiadas dos escritos da Sra. Eddy. Robert Peel comenta que a alta consideração que Arens tinha pelo sistema judicial não incluía igual respeito pelas leis dos direitos autorais. Embora o casal Eddy decidisse não processá-lo, Gilbert Eddy incluiu, no prefácio da terceira edição de *Ciência e Saúde*,

uma repreensão ao plágio de Arens. (Tal trecho foi eliminado nas edições subseqüentes.)

Desejando encontrar um editor de confiança para a terceira edição, Mary Baker Eddy, em janeiro de 1881, foi falar com John Wilson da University Press, de Cambridge, Massachusetts. John Wilson era considerado um dos três mais notáveis editores de livros dos Estados Unidos. Ela lhe disse que não podia fazer o pagamento inicial que a University Press exigia para a publicação dum livro, mas estava certa de que uma edição bem feita de *Ciência e Saúde* seria lucrativa.

“Não hesitei nem um momento em aceitar aquele pedido,” John Wilson recordou mais tarde, conforme registrado em *Mary Baker Eddy and Her Books* (Mary Baker Eddy e seus livros). “Eu *sabia* que a conta seria paga e sentia-me, na verdade, ansioso para começar o trabalho.”

John Wilson perguntou quando ela poderia entregar o manuscrito. Em resposta, Mary Baker Eddy tirou o calhamaço da bolsa. Surpreso, Wilson perguntou: “A senhora o trouxe para ver se por acaso eu aceitaria o trabalho?”

Mary Baker Eddy sorriu: “Não, não para ver se por acaso. Eu nunca tive nenhuma dúvida.”

O livro foi publicado em 17 de agosto de 1881. O prazer de, finalmente, ver seu livro, bem impresso e bem encadernado, durou pouco. Dois meses mais tarde, oito membros da igreja, em Lynn, fizeram uma surpreendente declaração, numa reunião da Associação de Cientistas Cristãos, que dizia em parte: “. . . conquanto reconhecemos e apreciamos a compreensão da Verdade que nos foi dada por nossa Professora . . . [devido a] suas freqüentes explosões temperamentais, amor ao dinheiro e o que parece hipocrisia, não mais podemos submeter-nos a tal Liderança. . . .”

Os oito signatários não estavam presentes, quando a carta foi

lida. Mary Baker Eddy ficou profundamente chocada, assim como seus outros alunos, e estes convocaram os oito dissidentes para uma reunião “a fim de justificarem seu procedimento injusto.” No mês seguinte, esses seguidores leais, em número de vinte, aproximadamente, ordenaram Mary Baker Eddy pastora da Igreja de Cristo, Cientista, e, segundo Robert Peel, aprovaram uma resolução que declarava em parte: “Resolveram: Que as acusações dirigidas a ela [a Sra. Eddy] numa carta . . . são totalmente falsas, e a covardia dos signatários, em se recusarem a encará-la e a sustentar ou explicar tais acusações, seja enfrentada com o devido protesto que realmente merece.”

Não demoraria muito para Mary Baker Eddy deixar Lynn, onde havia trabalhado quase dez anos. Na esperança de se estabelecer numa comunidade mais receptiva a novas idéias, levou sua causa para Boston, o centro intelectual e cultural do país. Antes, porém, como suas cartas e recordações de amigos mostram, ela e o marido viajaram a Washington, a capital do país, em janeiro de 1882, onde Gilbert pesquisou a legislação sobre direitos autorais, a fim de proteger o número cada vez maior de publicações de autoria da esposa. A Sra. Eddy visitou parentes e amigos mas, acima de tudo, fez várias palestras sobre a Ciência Cristã, todas com bom público. Escreveu a um amigo: “Trabalhei mais do que nunca, aqui, e fiz, durante catorze noites consecutivas, palestras de três horas.” Robert Peel registrou que o sucesso de seu ensino e de suas conferências estendeu-se até Filadélfia, aonde ela e o marido foram a seguir.

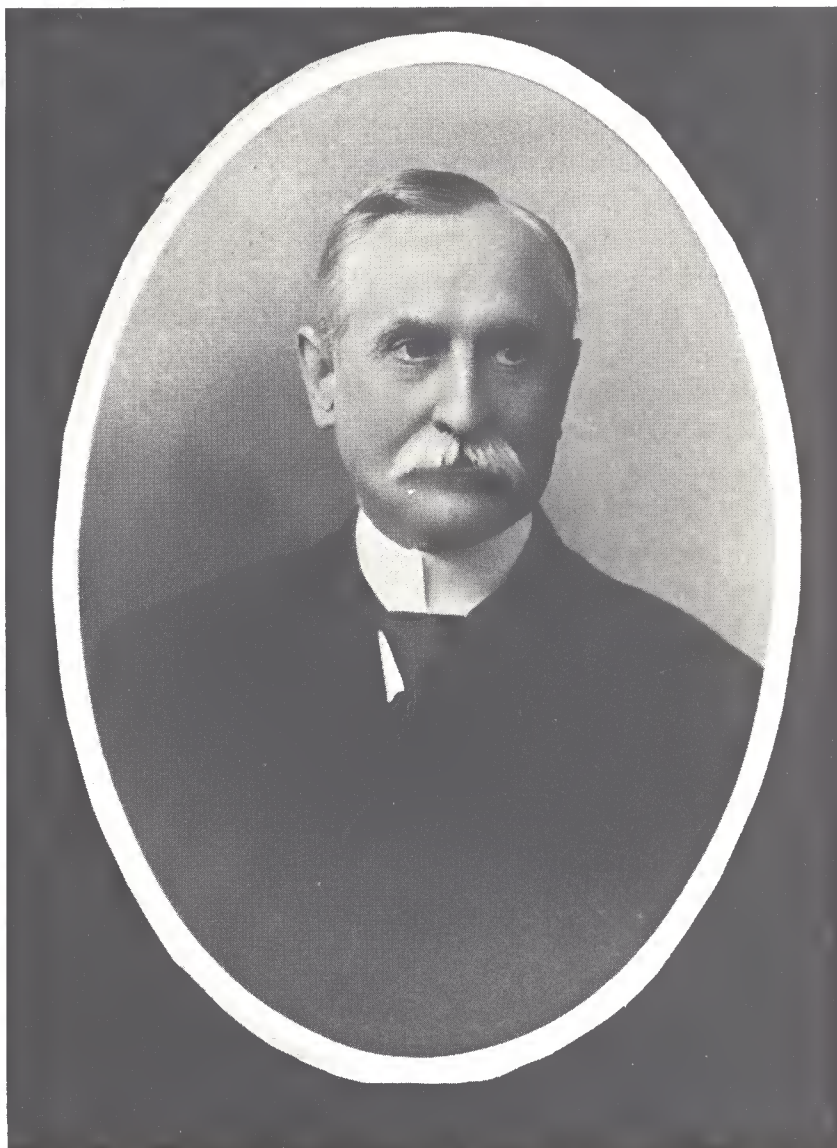
Ao chegar o mês de maio de 1882, Mary Baker Eddy havia instalado a Faculdade de Metafísica de Massachusetts numa casa alugada, de quatro andares, com fachada de pedra cinza. A faculdade foi a única escola de metafísica a receber alvará do estado para conferir diplomas. Mary Baker Eddy era, básica-

mente, o corpo docente inteiro, sendo professora de obstetrícia, de metafísica e de Ciência Cristã. Seu marido deveria lecionar com ela, mas caiu doente. A Sra. Eddy com freqüência ajudava o marido, quando este tinha um ataque, mas ele, sabedor dos muitos afazeres da esposa, assegurou-lhe que ele mesmo podia tratar do problema.

Quando ele faleceu, em junho, ela foi tomada de grande pesar. Foi ao estado de Vermont, onde passou um mês em reclusão, no campo, tendo apenas duas pessoas para lhe fazer companhia. Durante esse período, escreveu a um aluno: “Estou alojada da maneira mais confortável possível, face à ausência do único *coração sincero* que tanto me valeu. . . . Nunca vencerei esse aspecto de sentir sua falta o tempo todo . . . mas posso tentar, e estou tentando, como devo, cortar todas as cordas que me prendem a pessoa ou coisa material.”

Após quatro semanas e meia no campo, Mary Baker Eddy voltou a Boston e começou a trabalhar com renovado afinco. Embora estivesse com 61 anos e tivesse ficado viúva duas vezes, mantinha um horário que deixaria exausta uma pessoa bem mais jovem. Reabriu a faculdade e passou a lecionar nas classes do curso ao qual se referiam como Primário, cujas aulas duravam de duas a três horas por dia. C. Lulu Blackman registrou, no livro *We Knew Mary Baker Eddy*, sua experiência nesse Curso Primário. No primeiro dia, Mary Baker Eddy entrou na sala e encarou os alunos “como alguém que sabia ser professora por direito divino. Ela era inteiramente professora.” Com o olhar, analisou em silêncio aluno por aluno, como se “batesse à porta” do pensamento de cada um, contou Lulu Blackman.

Na sala de aula do segundo andar, Mary Baker Eddy se sentava sobre uma pequena plataforma. Como mantinha constante diálogo com os alunos, não permitia que eles tomassem



Calvin Frye foi aluno de Mary Baker Eddy em Lynn, em 1881. Em 6 de agosto de 1882, começou a trabalhar para ela e passou todos os dias dos 28 anos seguintes como seu secretário. Sua dedicação altruísta foi de grande valor para Mary Baker Eddy e para a Ciência Cristã.

notas, talvez percebendo que não valia grande coisa anotar suas palavras sem compreender-lhes o espírito.

Após as duas semanas de curso, os formandos recebiam o título de C.S.B., Bacharel em Ciência Cristã. Como praticistas, estavam preparados para receber pacientes, discernir a necessidade humana e orar pela cura.

Mary Baker Eddy achava que o professor não deveria despedir “os alunos ao encerrar um curso, pensando que nada mais” tinham “a fazer por eles.” Recebia enorme volume de correspondência dos alunos, os quais vinham a Boston para o curso e voltavam para seus lares, em todas as partes do país, e ela respondia a todos. Os alunos pediam sua ajuda para casos difíceis, para pedir perdão por erros passados, para resolver disputas.

Mary Baker Eddy convocou Calvin Frye, um antigo aluno e promissor praticista da Ciência Cristã, para ajudá-la com o grande volume de trabalho. Ele havia feito o curso em 1881 e permanecera ao lado dela e do marido, quando muitos alunos de Lynn desertaram, naquele ano, como Robert Peel conta. Calvin Frye foi seu secretário, porta-voz e confidente. Não se afastou de Mary Baker Eddy nem um único dia, nos 28 anos seguintes. Não resta dúvida de que ela precisava de sua ajuda nas atividades diárias. Os muitos afazeres, ela escreveu, “deixam-me perplexa demais, mentalmente esgotada, para poder pensar. Assim, desistia de escrever e, tarde da noite, ia para a cama, onde ficava a debater-me toda a noite e, meio adormecida, dava ordens quanto às *obrigações* relativas à boa causa.”

Não demorou a acrescentar mais uma a suas muitas obrigações, com a fundação do *Journal of Christian Science*, em 1883, ao qual deu o subtítulo “Um jornal independente destinado à família para promover a saúde e a moral.” Robert Peel diz que

Mary Baker Eddy era redatora e principal colaboradora dessa publicação bimensal. Em seu primeiro artigo editorial, ela escreveu: “. . . um jornal redigido e publicado por Cientistas Cristãos tornou-se uma necessidade. Muitas perguntas . . . são endereçadas à Faculdade e a alunos ativos, no entanto, pouco tempo é dedicado a respondê-las.”⁴

Assim, o jornal incluía uma coluna intitulada “Respostas a Perguntas.” Entre explicações sobre a Ciência e testemunhos de cura, Mary Baker Eddy espalhava anedotas, poemas e histórias. As últimas páginas eram cheias de anúncios de conferências da Ciência Cristã, de reuniões, de cultos, contendo ainda um rol de praticistas da Ciência Cristã. Em 1885, a publicação, com o novo nome *The Christian Science Journal*, tornou-se uma revista mensal. Continua a ser publicada ainda hoje, mais de cem anos depois.

O periódico era também vendido no oeste e no exterior, aumentando assim o afluxo de alunos de outros estados e de outros países. Mary Baker Eddy, então com 64 anos, não mais aceitava pacientes, a fim de dedicar toda a sua atenção ao ensino e à direção do próspero movimento religioso. Sua orientação era necessária, recordou um observador, pois parecia que “. . . os alunos da Sra. Eddy tinham tendência a sair fluando numa espécie de êxtase e a Sra. Eddy estava sempre ocupada em mantê-los com os pés na terra.”

Os alunos que tinham a cabeça no lugar eram muito bem sucedidos como oradores e sanadores, em especial em Chicago e New Hampshire. Contudo, alguns praticistas em Chicago pareciam estar se desviando do rumo estabelecido por Mary Baker Eddy, na Faculdade de Metafísica de Massachusetts, especialmente os que achavam restritiva sua ênfase na regeneração cristã. Ao corrigir passagens de *Ciência e Saúde*, que apareceu em sua sexta edição em setembro de 1883, ela acrescen-

tou um glossário de termos bíblicos, ao qual deu o nome de “Chave das Escrituras.” Além disso, ponderava sobre como fortalecer o movimento em locais distantes de Boston.

Na primavera seguinte, ela foi a Chicago dar um curso e, como Robert Peel registrou, também falou para uma audiência de centenas de ouvintes interessados. Ao voltar a Boston, estabeleceu o Curso Normal, em agosto, para alunos adiantados, a fim de prepará-los para ensinar. (O nome *Normal* veio das escolas normais, onde eram treinados os professores para as escolas primárias.) Mary Baker Eddy encorajava os formandos do Curso Normal a estabelecerem institutos e associações de seus próprios alunos.

Nessa época, a alta sociedade e os homens letrados de Boston enchiam os auditórios para ouvi-la falar. Nos salões da moda, era de praxe perguntar: “Você conhece a Sra. Eddy? Ouviu sua conferência? Esteve em sua faculdade?” A frequência aos cultos de domingo na sala chamada Hawthorne Hall aumentava continuamente. Todos os corredores entre os bancos ficavam cheios e era preciso pôr placas do lado de fora, anunciando que não havia mais lugar, nem de pé. Nem todos os ouvintes, porém, eram simpatizantes. Os clérigos de muitas das igrejas tradicionais, sentindo-se ameaçados pela popularidade dessa interpretação radical do Evangelho, atacavam-na. Robert Peel registrou que um professor metodista da Universidade de Boston chegou a chamá-la “a panteísta e ímpia Sra. Eddy”.

De início, ela se sentiu ferida pelos ataques, mas logo percebeu que estes davam a oportunidade de explicar a Ciência Cristã a platéias ainda maiores. Em março de 1885, ela escreveu e publicou um panfleto chamado *Defence of Christian Science*. Dentro de poucos dias, foi convidada a falar do púlpito de Tremont Temple onde, com firmeza e concisão, respondeu a perguntas de seus detratores. Os professores e pasto-

res influentes de Boston debatiam com ardor sobre a Ciência Cristã e Robert Peel relata que, no auge do furor, o *Times* de Londres noticiou que, em Boston, “Grande número dos mais influentes membros das igrejas estão se unindo ao ramo Cientista Cristão... e até agora ninguém conseguiu estancar a deserção.”

O crescimento rápido e o sucesso extraordinário do movimento impunham um ônus a sua fundadora. Quase todas as horas do dia da Sra. Eddy eram dedicadas à Ciência Cristã. Aproveitava a quietude das altas horas da noite para estudar e escrever. Muitas vezes surpreendia Calvin Frye com o grande volume de trabalho que compusera durante a noite e que ditava pela manhã. Bem cedo, antes de começar a lecionar, corrigia erros de datilógrafos, tipógrafos e revisores, pois sua lista de publicações havia aumentado e incluía muito mais títulos, além de *Ciência e Saúde*.

Em 1885, ela contratou o Reverendo James Henry Wiggin como consultor literário. Ele deveria melhorar a pontuação, a colocação de maiúsculas e a construção de frases. Mary Baker Eddy escreveu-lhe: “Nunca *altere* o significado, mas sim *saliente-o*.” O Reverendo Wiggin recordou que “centenas de dólares foram despendidos num mar sem fim de correções; porém, enquanto a autora não ficou satisfeita, constatando que seu dever estava completamente cumprido, não permitiu que o impressor e o encadernador enviassem o livro ao mundo.”

Circulavam rumores de que o Reverendo Wiggin, e não Mary Baker Eddy, havia escrito a mais recente edição de *Ciência e Saúde*. Um colega de Wiggin recordou “a satisfação com que o Sr. Wiggin falava da suspeita de que era ele o autor” e lembrou que ele certa vez comentou: “Não seria ótimo se eu fosse mesmo...?”

Outros afirmavam que Mary Baker Eddy nada mais era do

que uma plagiadora. A ciência mental “não proveio da Bíblia,” declarou um orador, mas sim das experiências de Phineas Quimby com o mesmerismo. Mary Baker Eddy refutou resolutamente essa acusação, porém esta persistiu durante anos, em parte porque, como Robert Peel observou, uma das obras inéditas de Quimby tinha um título semelhante ao de um livro dela.

Por outro lado, centenas de pessoas plagiavam e deturpavam os ensinamentos de Mary Baker Eddy. “Há vinte conferencistas e professores falsos para cada um autêntico”, ela escreveu. Em todo o país, os sanadores disputavam zonas de influência. Alguns diziam que eram Cientistas Cristãos, mas que Mary Baker Eddy não era sua líder. Outros declaravam ter nela sua fonte de inspiração, mas não seguiam seus ensinamentos, nem aderiam a suas rigorosas exigências de discipulado cristão. Nesse ínterim, os médicos faziam pressão para que se promulgasse uma lei que restringisse à medicina o tratamento de doentes.

Em 1886, Mary Baker Eddy fundou a Associação Nacional Cientista Cristã para, em suas próprias palavras, proteger as “perfeições” da Ciência Cristã “contra as influências contaminantes daqueles que têm apenas pequena porção de sua letra e ainda menos de seu espírito.” Dois anos depois, decidiu assistir à reunião anual da Associação, a fim de tratar de várias questões concernentes ao movimento. Perturbada pelas questões pessoais e organizacionais que ameaçavam o movimento, convocou, através do *Journal*, todos os Cientistas Cristãos para assistirem à reunião, em junho de 1888, em Chicago, “por amor ao Cristo e pelo bem da humanidade.”

Os jornais de Chicago saudaram a chegada da “profetisa de Boston,” termo esse que deixava Mary Baker Eddy muito pouco à vontade. Apesar da calorosa acolhida, não planejava

fazer palestras públicas. No segundo dia da convenção, porém, quatro mil curiosos se apinhavam no Central Music Hall, onde 800 representantes estavam reunidos. Quando o pastor da igreja de Chicago a acompanhou a seu assento no palco, informou-lhe que ela era a oradora do dia, conforme havia sido anunciado ao público.

Mary Baker Eddy sacudiu a cabeça, indicando que não desejava falar. O reverendo insistiu. Ela parou ao pé da tribuna e elevou os olhos, como a pedir inspiração. O público ficou de pé, quando ela subiu à tribuna e fez, de improviso, uma palestra considerada por muitos alunos “uma das mais grandiosas declarações sobre a Ciência Cristã jamais proferidas numa tribuna.”

Quando terminou de falar, o público correu em sua direção. Um jornal relatou que as pessoas “saltavam para a tribuna qual acrobatas”, procurando tocar a mão ou a roupa de Mary Baker Eddy. Homens e mulheres choravam. Vários contavam suas curas.

Mary Baker Eddy acenou em silêncio para a multidão, enquanto acompanhantes abriam caminho até a porta. Ao chegar a seus aposentos, foi saudada por uma recepção preparada às pressas pelos residentes abastados da cidade. Novo pandemônio se formou, quando todos queriam se acercar dela. “Houve sedas e rendas rasgadas, flores prensadas e jóias perdidas”, relatou um biógrafo.

Mary Baker Eddy retirou-se para seu quarto. Comentou calmamente: “A Ciência Cristã não se propaga por esses métodos.” Havia chegado a hora de nova mudança de rumo.



Guiada por sua profunda fé e estudo contínuo da Bíblia, Mary Baker Eddy trabalhava incessantemente para fortalecer a Ciência Cristã, apesar da idade avançada. Em 1889, não satisfeita com a estrutura original da igreja, ela a dissolveu. Três anos mais tarde a reorganizou, dando-lhe a estrutura que conserva até hoje, no século XX.

Oficial comandante

EM 15 DE FEVEREIRO DE 1889, MARY BAKER EDDY APARECEU em público, na cidade de Nova Iorque, e de novo discursou perante uma enorme audiência. Os jornais competiam entre si para dar aos leitores descrições vívidas dessa senhora, pequena e elegante, então com 68 anos, e de seu triunfo espetacular ao falar em público. Voltando para Boston, lecionou na maior classe que já tivera, na Faculdade de Metafísica de Massachusetts. Parecia haver chegado ao auge daquilo que o mundo conhece como sucesso.

Em meados de 1889, mais de 300 pedidos de matrícula acumulavam-se sobre sua escrivaninha. Pessoas desejosas de fazer o curso escreviam de todas as partes da América do Norte e a faculdade estava “no auge da prosperidade”, como um Cientista proeminente anotou. Não obstante, o *Journal* de setembro trouxe um anúncio surpreendente, no qual Mary Baker Eddy dizia: “Lamentando sinceramente o desapontamento que esta decisão vai ocasionar, e com meus agradecimentos ao público, encerro aqui as atividades de minha faculdade.”

A decisão deixou os alunos pasmados. Alguns, discordando, tentaram manter a faculdade aberta, contratando outro profes-

sor. Mas em outubro ela levou a cabo seu plano original, que percebia ser dirigido por Deus, e fechou a faculdade.

Presságios de mudança haviam se acumulado através dos meses anteriores, como Robert Peel observou em *Mary Baker Eddy: The Years of Trial* (Mary Baker Eddy: Os anos de provação). Em maio daquele ano, ela havia se demitido de seu posto como pastora da igreja de Boston e ido para Vermont. Um mês depois, passou o controle do *The Christian Science Journal* à associação nacional e estabeleceu-se em Concord, New Hampshire. Seguindo sua orientação, a Associação de Cientistas Cristãos em Boston foi dissolvida, em setembro. No fim do ano, a igreja, como fora inicialmente estabelecida, foi dissolvida. Ela encorajou os Cientistas Cristãos a continuarem o trabalho de cura individual, bem como junto a suas igrejas e associações locais.

Robert Peel relatou que, em meio a esse turbilhão de eventos, Mary Baker Eddy havia escrito, com um toque de humor, no *Journal* de julho: “Com que propósito a Sra. Eddy abandonou certos encargos no campo da Ciência Cristã...? Está ela escrevendo suas memórias? ou completando sua obra sobre as Escrituras? Ela não está fazendo nem uma coisa, nem outra, mas sim está de férias, pela primeira vez, em vinte e cinco anos.”

Essa declaração revela um aspecto muito humano de Mary Baker Eddy. Outros eventos desse período deixam claro que ela não era absolutamente uma monomaníaca, obcecada pelo desejo de expandir o sucesso de seu movimento. Alguns Cientistas haviam começado a chamá-la de “Mãe”, um termo que denotava carinho e lealdade. Ela apreciava esse afeto, mas parece que ansiava por um filho que partilhasse da profunda fé que motivava sua existência, desejo esse que se aguçara ainda mais quando George Glover a visitou, com a família, em no-

vembro de 1887, para uma estada de seis meses. Embora Mary Baker Eddy estivesse muito ocupada e houvesse tentado dissuadi-los de visitá-la, ficou contente de ver George, a esposa Nellie e, acima de tudo, os quatro netos. George e a família eram gente simples, sem sofisticação, e não se sentiram muito à vontade em Boston. Além disso, mãe e filho descobriram que, com o passar dos anos, tinham cada vez menos coisas em comum. Mary Baker Eddy ficou chocada ao descobrir que a maior parte da família era quase analfabeta. Incentivou o filho a cuidar da educação das crianças e continuou a enviar-lhes dinheiro, depois que eles voltaram para o oeste do país.

Na época em que George chegou a Boston, um médico homeopata, chamado Ebenezer J. Foster, matriculou-se num dos cursos da Faculdade de Metafísica. Era quase da mesma idade de George, mas de personalidade oposta. Mostrou-se, de início, afeiçoado e prestativo para com Mary Baker Eddy e, em novembro de 1888, ela o adotou legalmente como filho e este passou a usar o sobrenome Foster Eddy.

Os passos que Mary Baker Eddy deu, em 1889, para dissolver suas organizações, foram impelidos por algo mais do que o desejo de descansar e viver em família. Àquela altura, havia 250 praticistas treinados, 20 igrejas, 90 sociedades e 33 academias de Ciência Cristã. Contudo, o crescimento não havia sido fácil. A organização estivera sujeita a pressões da sociedade, a lutas internas pelo poder e ataques pelos que alegavam ser Cientistas Cristãos, mas não o eram. Mary Baker Eddy decidiu dedicar seu tempo à tarefa de dar novo rumo ao movimento, para que pudesse agüentar os crescentes desafios. Não pretendia deixar que a dissensão arruinasse a Ciência Cristã. “Ela havia sido a professora”, escreveu, mais tarde, um seguidor, mas nesse momento “assumia o posto de Oficial Comandante e Líder.”

Em 1890, quando morava em Concord, começou a 50ª revisão de *Ciência e Saúde*. Nos cinco anos anteriores, havia conseguido completar uma revisão de grande porte de *Ciência e Saúde*, a 16ª, e havia escrito e publicado: *Historical Sketch of Metaphysical Healing* (1885); *Christian Science: No and Yes* (1887); *Rudiments and Rules of Divine Science* (1887) e *Unity of Good and Unreality of Evil* (1888), e também artigos, cartas e notas para o *The Christian Science Journal*. Além de escrever todas essas obras, ela havia continuado a ensinar, a fazer conferências e a revisar cada nova edição de *Ciência e Saúde*. Mas o projeto a que se propôs em 1890 exigia sua total atenção.

“Aprendi mais sobre a Ciência Cristã no ano que passou, do que jamais poderei expressar”, escreveu a um amigo. Ela havia revisado edições anteriores de *Ciência e Saúde* em partes separadas, conforme a inspiração a guiava. Dessa vez, procurou desenvolver uma progressão lógica de idéias, de capa a capa. Era um trabalho extremamente difícil.

Como os alunos continuassem a interromper seu trabalho, ela escreveu no *Journal* de setembro de 1890:

Não devo ser consultada, verbalmente ou por escrito, sobre o seguinte: Quem pode ou não anunciar-se no *Journal*; o material a ser publicado no *Journal*; questões de família de qualquer tipo, inclusive casamento e divórcio; a escolha de pastores das igrejas; desavenças, caso haja alguma entre estudantes da Ciência Cristã; quem deve ser aceito como membro ou desligado da igreja; doenças, ou tratamento dos doentes. Mas continuarei a amar toda a humanidade e a trabalhar por seu bem estar.

Cada uma de suas revisões de *Ciência e Saúde* era acompanhada de grande tumulto pessoal e espiritual. A edição de 1891 não foi exceção. Entretanto, Mary Baker Eddy percebeu que, como ela não mais dava aulas na faculdade, o livro é que teria de levar seu ensino aos Cientistas Cristãos. Esforçou-se

para torná-lo aplicável e compreensível a grande variedade de leitores. Sua dedicação absoluta a tal propósito às vezes exasperava seus auxiliares.

No fim do verão, ela estava pronta para recomençar sua igreja, disposta a evitar as ciladas da “organização material”. Vários acontecimentos ocorridos em 1891 abriram-lhe os olhos para os problemas inerentes ao governo ou à organização de uma igreja com base na popularidade pessoal. Robert Peel registrou que, numa carta a um aluno de Augusta Stetson, líder muito popular da Ciência Cristã em Nova Iorque, Mary Baker Eddy escreveu: “Nossa base na Ciência é a IMPESSOALIDADE. . . Não podes construir sobre a *personalidade* ou estarás construindo sobre a *areia*.” Durante aquele ano, orou, buscando encontrar uma base correta para a organização da Ciência Cristã.

Nessa época, ela e seus auxiliares também estavam ocupados com uma necessidade mais prosaica: procurar moradia adequada. Precisava dum lugar tranqüilo fora da cidade, para poder pensar e escrever e, em dezembro de 1891, comprou uma casa de campo, nos arredores de Concord. Em junho de 1892, mudou-se para a nova residência, que havia sido reformada e ampliada e ela mesma supervisionou o ajardinamento. À sua pequena propriedade deu o nome de Pleasant View. Mary Baker Eddy levantava-se, toda manhã, às 6 horas em ponto. Lia e orava durante uma hora (fazia isso mais duas vezes, durante o dia). Depois percorria a casa, saudando os alunos, inspecionando o trabalho doméstico e dando conselhos.

Logo após, Calvin Frye trazia-lhe uma montanha de correspondência. Devido ao grande volume, ela ditava muitas das respostas. O almoço era, em geral, servido ao meio-dia, com freqüência seguido de sorvete. À tarde, ela dava um passeio de carruagem por Concord.

Pouco antes de mudar-se para Pleasant View, ela conversara com membros da congregação de Cientistas Cristãos de Boston sobre um assunto legal complexo, referente a uma escritura. Robert Peel, no livro *The Years of Trial*, explicou em detalhe os complicados procedimentos. A escritura era relativa a um lote triangular, num excelente bairro de Boston chamado Back Bay. Mary Baker Eddy havia decidido que deveria ser construída ali uma igreja da Ciência Cristã. Entretanto, dificuldades de ordem legal pairavam ameaçadoras. Mary Baker Eddy decidiu não constituir sua igreja na forma prevista na lei orgânica vigente no estado.

Seus advogados, em Boston, não conseguiram encontrar outra lei que se coadunasse com seus desejos. Ela consultou um juiz, que também disse não ter conhecimento de nenhuma lei apropriada para organizar uma igreja, a não ser da forma comum, preconizada na lei orgânica vigente naquele estado. Ela lhe perguntou: “Sobre o que se baseia a lei humana?”

O juiz refletiu e respondeu: “Sobre a lei divina. Mas”, continuou, “se a pessoa encarregada de consolidar as leis de Massachusetts não consegue encontrar tal dispositivo legal [referente à organização de igrejas], como é que eu vou achá-lo?”

“Deus proveu em algum lugar uma lei para esse caso”, Mary Baker Eddy respondeu, “e tenho certeza de que o senhor vai encontrá-la.”

Três dias depois, o juiz conseguiu encontrar uma lei do estado de Massachusetts que, embora de terminologia obscura, previa que dignitários de uma igreja “pudessem ser considerados pessoa jurídica” para diversas finalidades relativas à administração de propriedades e donativos. Mary Baker Eddy, sem alarde, comprou o terreno em seu próprio nome e, por um dólar, transferiu a propriedade a um recém-nomeado Conselho de Diretores da Ciência Cristã. A escritura de fideicomisso que

assinou em 1º de setembro estipulava que o conselho deveria construir uma igreja naquele lote, dentro de cinco anos, gastando “no mínimo, 50 mil dólares” em tal construção. Caso o conselho não seguisse todas as instruções dadas por Mary Baker Eddy, a propriedade voltaria a ela ou a seus herdeiros. Algumas semanas depois, em 23 de setembro de 1892, a Igreja Mãe, a Primeira Igreja de Cristo, Cientista, foi organizada tendo quatro diretores que, embora ainda não constituíssem pessoa jurídica, estavam autorizados a erigir uma igreja e a tratar de outras questões. Trinta e dois foi o número inicial de membros d’A Igreja Mãe, mas logo aumentou, pois os membros das igrejas filiais também podiam ser membros da Igreja Mãe. A organização definitiva da igreja estava em andamento.

Já a construção do edifício da Igreja Mãe evoluía mais lentamente, embora quarenta e dois alunos contribuíssem, de imediato, com mil dólares cada um, para o fundo de construção. Mary Baker Eddy vigiava de perto as ações do Conselho de Diretores e não hesitava em censurá-lo, quando necessário. De início, o conselho parecia atolado e inerte, enquanto o inverno se aproximava, com as geadas que interromperiam a construção. Mary Baker Eddy, certa do impulso divino que a levava a construir, escreveu ao conselho: “Por que é que, em nome do *bom senso*, vocês não assentam os alicerces de nossa igreja, de imediato, como Deus lhes ordena?”

Doze dias mais tarde, ela voltou a escrever ao conselho inerte, instruindo-o quanto à data exata em que deveria iniciar a escavação e ordenando que anunciasse tal data no próximo *Journal*. Ela lembrou-lhes, mais tarde, que “o Sr. J e o Sr. K [dois membros do conselho], no passado, por terem retardado a ação em momentos críticos, teriam arruinado meu plano de resgatar o lote de minha igreja, se eu não *os houvesse compelido* a obedecer.”

Em outubro de 1894, parecia que seriam necessários mais seis meses para terminar a construção da igreja. Mary Baker Eddy, porém, insistia que a construção fosse terminada antes do fim do ano. Ordenou ao conselho que abandonasse alguns de seus “deuses”, decorações exorbitantes como piso em mosaico, paredes revestidas de seda e remates de mármore e de ônix, mas que não atrasasse a inauguração da igreja. No dia 29 de dezembro, os pedreiros estavam cimentando as calçadas em volta da igreja, enquanto dentro os Cientistas Cristãos varriam, lustravam o piso e tiravam o pó. Todo o trabalho cessou à meia-noite.

“Está consumado!” uma oradora exclamou numa cerimônia inaugural, realizada uma semana depois, em 6 de janeiro de 1895. E leu uma carta endereçada a Mary Baker Eddy: “Finalmente, a senhora começa a ver o fruto de seu trabalho, esforço e oração. A ‘oração esculpida em pedra’ está pronta.”

O auditório da igreja acomodava 1.500 pessoas. Durante aquele dia, cinco cerimônias inaugurais foram realizadas, uma após outra, a fim de que todos os interessados pudessem participar.

Em 19 de dezembro, Mary Baker Eddy havia escrito ao Conselho de Diretores: “A Bíblia e *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras* serão doravante o Pastor d’A Igreja Mãe. Isso tenderá a espiritualizar o pensamento. A pregação pessoal contém sempre certa quantidade de opiniões humanas.” Desde aquele tempo, o formato do culto dominical da Ciência Cristã mudou pouco. Dois leitores, em geral um homem e uma mulher, lêem nesses dois livros a Lição Bíblica da semana, para a congregação.

Em consonância com sua determinação de não deixar que os membros da igreja venerassem sua pessoa, Mary Baker Eddy recusou-se a assistir à inauguração. Mas numa segunda-feira

de abril, à tarde, ela foi a Boston e visitou a igreja. Foi necessário manter o sigilo para impedir que estudantes excessivamente entusiasmados fizessem repicar sinos em sua honra e armassem um estardalhaço. Entrou na igreja, sozinha. Encontrou-se rodeada por paredes de uma suave cor rosada. Os vitrais eram adornados de bronze, o piso, de mosaico, os bancos, de vidoeiro. Escreveu, depois, em *Miscellany*, que “se ajoelhou nos degraus do altar, para dar graças.” Após uma reunião com os diretores, voltou à igreja, deteve-se no púlpito dos leitores e recitou um salmo e os versos de um de seus hinos favoritos, que terminava com as palavras: “Poderoso Salvador! Poderoso Salvador! Ainda és minha força e escudo.”

Sua primeira palestra na Igreja Mãe ocorreu em maio. Em Boston, ela ficou num apartamento localizado na torre da igreja, feito para seu uso exclusivo e financiado pelas contribuições de crianças Cientistas Cristãs, apelidadas de Abelhinhas Atarefadas. Estas, com suas moedinhas, continuavam a pagar pelas flores frescas que sempre ornamentavam o apartamento. Embora gostasse muito de flores, Mary Baker Eddy encaminhou o esforço dos jovens Cientistas Cristãos para outros objetivos, instruindo-os a dedicarem seus presentes e a si mesmos a Deus, não a ela. Na manhã seguinte, falou perante a congregação. Sua palestra, publicada depois em *Miscellaneous Writings*, incluía a injunção:

Filhos amados, o mundo tem necessidade de vós, e mais como crianças do que como homens e mulheres: precisa de vossa inocência, altruísmo, afeto leal, vida pura. Deveis, ainda, vigiar e orar para preservar essas virtudes imaculadas e não perdê-las no contato com o mundo. Que maior ambição pode haver, senão a de manter em vós o que Jesus amava e de saber que vosso exemplo, mais do que palavras, estabelece o padrão moral para a humanidade!¹

Mary Baker Eddy, que havia aceitado o título de Pastora Emérita, visitou a igreja só mais uma vez. Já não haveria sermões pregados, nem por ela nem por mais ninguém. “A palavra de Deus, não opiniões humanas, deve pregar para a humanidade,” disse ela ao Reverendo Irving Tomlinson, um de seus alunos.

Assim como ela ordenara a Bíblia e *Ciência e Saúde* para ser o pastor impessoal da igreja, ela publicou o *Manual d’A Igreja Mãe* para detalhar sua forma de governo. Descreveu esse conjunto de dispositivos, específicos para a igreja de Boston, como sendo “singularmente apropriado para moldar o pensamento em formação e envolvê-lo com o Amor divino.” Os dispositivos do manual dão poderes ao Conselho de Diretores, que se autopropetua, para dirigir todas as atividades da Igreja Mãe. Suas ações são governadas pelo *Manual*.

De acordo com as determinações do *Manual*, as igrejas filiais são governadas de forma democrática. Uma igreja filial pode ser formada, num local, mediante petição de dezesseis Cientistas Cristãos, quatro dos quais têm de ser membros da Igreja Mãe. Antes de alcançarem esse número, podem formar uma sociedade. Embora o *Manual* dê orientações gerais, as igrejas filiais elegem seus próprios dignitários e elaboram seus próprios estatutos.

Além dos cultos dominicais, cada Igreja de Cristo, Cientista, mantém reuniões públicas, às quartas-feiras, em que as pessoas podem dar testemunhos de cura. Não se realiza na igreja nenhum outro tipo de serviço religioso, como casamentos ou funerais, assim como não se utiliza o prédio para funções sociais.

Cada igreja mantém ainda uma escola dominical para crianças e jovens até vinte anos e uma Sala de Leitura, em que tanto os membros como pessoas interessadas podem orar e estudar a Bíblia ou as publicações da Ciência Cristã. Também



Cada filial da Igreja de Cristo, Cientista, mantém uma Escola Dominical para crianças e jovens até vinte anos de idade. Os alunos aprendem as verdades curativas da Bíblia e como elas podem ser postas em prática na vida diária.

podem comprar ou tomar emprestados livros e periódicos, fazer perguntas aos plantonistas e usar concordâncias eletrônicas.

Os dispositivos do *Manual* definem a estrutura e a forma de governo da instituição. Enquanto a pastora emérita vivia, porém, ela era ativa na direção dos assuntos da igreja. Muitos artigos do *Manual* contêm a determinação: sujeito “à aprovação da Pastora Emérita”, e “no caso em que ela se oponha, tais candidatos não serão eleitos.” Nas fileiras da Ciência Cristã, era comum ela nomear, exonerar e promover dignitários.

Um deles, após ser censurado por Mary Baker Eddy, escreveu-lhe, em linguagem típica: “Ou nós temos uma líder ordenada por Deus, ou não temos líder. . . . Quando me alistei neste Exército, alistei-me para obedecer ordens. Estamos sob ordens divinas e a senhora é a intérprete.” Por outro lado, Mary Baker Eddy aconselhava os alunos a seguirem sua líder “só na medida em que ela segue a Cristo.”

Em fevereiro de 1897, Mary Baker Eddy publicou *Miscellaneous Writings*, uma coletânea de sermões, artigos, cartas e poemas. Robert Peel comentou em *Mary Baker Eddy: The Years of Authority* (Mary Baker Eddy: Os anos de autoridade), que o livro revela muito de sua personalidade, estilo próprio e solicitude para com os estudantes de Ciência Cristã. Um mês depois, mostrou ainda mais sua solicitude. Consternada por relatos de ensino inexato, ordenou que todo ensino da Ciência Cristã fosse suspenso por um ano. Como *Miscellaneous Writings* tornasse suas palavras “acessíveis para referência”, ela achava que, como escreveu numa carta citada por Robert Peel, “A Ciência Divina será ensinada de modo mais divino, através da leitura de Mis. Writ. O ensino humano tende a anular a autenticidade da Verdade.”

Além de suas preocupações quanto à qualidade do ensino na igreja e de seu esforço para melhorar e purificar tal ensino, ela

também se preocupava com o comportamento de Foster Eddy. Rumores perturbadores sobre suas atitudes e seus romances fizeram com que ela o enviasse a Filadélfia, no fim do verão de 1896, onde poderia começar vida nova. Mas no verão de 1897, segundo Robert Peel, ele foi expulso da igreja de Filadélfia. Com o coração partido, Mary Baker Eddy rompeu relações com ele e proibiu-o de visitá-la, durante três anos, no mínimo.

No mesmo mês de julho em que proibiu seu filho adotivo de visitá-la em Pleasant View, ela convidou milhares de Cientistas Cristãos à sua casa. Estes haviam se reunido em Boston, na Igreja Mãe, para o evento anual do domingo de Comunhão. O convite para irem visitá-la no dia 5 de julho tomou-os de surpresa. Ainda assim, mais de dois mil Cientistas Cristãos foram a Concord para ouvir Mary Baker Eddy e vários outros oradores, sob um sol quente.

A Ciência Cristã havia crescido de modo extraordinário. Realizavam-se cultos regularmente até mesmo em Londres, na Inglaterra. Uma biógrafa muito crítica, Georgine Milmine, escreveu que o movimento estava no limiar de se tornar “a maior e mais poderosa organização jamais fundada por uma mulher, na América.” Tamanha expansão atraía atenção e curiosidade, nem sempre favoráveis. A labuta de Mary Baker Eddy em prol da Ciência Cristã ainda não havia terminado.



Quadro pintado por Alice H. Barbour mostra Mary Baker Eddy em idade avançada, usando uma cruz de diamantes, presente de um aluno devotado. No começo do século XX, a Ciência Cristã estava bem firmada nos Estados Unidos e havia começado a atrair seguidores de todo o mundo. Mary Baker Eddy recebia cartas e visitas de senadores e deputados americanos, de nobres ingleses e de Cientistas Cristãos da Alemanha e da França.

A cruz e a coroa

O FIM DO SÉCULO XIX SE APROXIMAVA E MARY BAKER Eddy tinha quase 80 anos. A Ciência Cristã estava solidamente estabelecida nos Estados Unidos e multidões de leais Cientistas enchiam a Igreja Mãe todo domingo de Comunhão. O *Manual d'A Igreja Mãe* fornecia diretrizes firmes para o funcionamento da Igreja Mãe e suas filiais. *Ciência e Saúde* já tivera centenas de edições e alcançava centenas de milhares de leitores. Mesmo assim, Mary Baker Eddy não descansava. Sob sua contínua orientação, durante o ano de 1898 a Ciência Cristã teve expansão sem precedentes e consolidou-se ainda mais.

Nesse período, o crescimento da Ciência Cristã fora dos Estados Unidos começou a ganhar impulso. Em Londres, na Inglaterra, havia cultos dominicais com regularidade desde 1896. Em março de 1898, uma igreja filial da Ciência Cristã foi organizada em Hanôver, no norte da Alemanha. Como o estudo e a prática da Ciência Cristã dependem da leitura cuidadosa da Bíblia e de *Ciência e Saúde*, Mary Baker Eddy começou a receber numerosos pedidos de uma tradução de sua

obra principal para o alemão. Recebeu pedidos, também, de uma tradução para o francês. Mas resistia à idéia de aprovar a edição em qualquer das duas línguas. Os anos de imenso trabalho, nos quais revisou e corrigiu seu livro um sem-número de vezes, deixaram-na bem consciente da importância do uso exato de cada palavra e da dificuldade em descrever vislumbres espirituais em linguagem humana. Temia que a tradução apenas se aproximasse do significado real. (Ela acabou concordando com traduções do livro-texto, desde que o original inglês aparecesse junto, em páginas confrontantes.)

Enquanto Mary Baker Eddy lidava com a expansão internacional da Ciência Cristã, os Estados Unidos, como país, procuravam encontrar seu lugar na arena das relações internacionais. No dia 15 de fevereiro de 1898, um navio de guerra, o *Maine*, explodiu no porto de Havana, em Cuba, então colônia da Espanha. Na época, a Espanha estava reprimindo com violência os rebeldes cubanos, que lutavam pela independência. O grito nacionalista de guerra: “Lembrem-se do *Maine!*” fulgurava nas primeiras páginas dos jornais sensacionalistas e deu ímpeto à opinião geral de que os Estados Unidos deveriam entrar no conflito, dando apoio a Cuba contra a Espanha, embora nunca tenha sido provado que a Espanha teve alguma coisa a ver com a destruição do *Maine*. Em abril, a Espanha e os Estados Unidos entraram em guerra e, ao término desta, oito meses mais tarde, os Estados Unidos controlavam as ex-colônias espanholas de Cuba, Guam, Porto Rico e Filipinas. Em meio ao furor que precedeu o início do conflito, Mary Baker Eddy escreveu um artigo para o *Boston Herald*, intitulado “Alternativas à guerra”, que foi incluído no livro *Miscellany*.

“Matar seres humanos”, ela escreveu, “não está de acordo com a lei mais elevada, pela qual o mal e a injustiça são corri-

gidos e exterminados.”¹ Comentários como esse, sobre questões políticas, provinham de sua convicção de que a Ciência pode ser aplicada a todas as necessidades do homem. Escreveu em *Ciência e Saúde*: “todos os homens têm uma e a mesma Mente, um e o mesmo Deus e Pai, uma e a mesma Vida e Verdade e um e o mesmo Amor. O gênero humano tornar-se-á perfeito à proporção que esse fato ficar evidente; as guerras cessarão e a verdadeira fraternidade do homem será estabelecida.”² Ela não tinha, porém, ilusões quanto ao trabalho e sacrifício necessários para estabelecer a fraternidade do homem sob “uma e a mesma Mente, um e o mesmo Deus e Pai”.

Ainda que Mary Baker Eddy se interessasse por questões mundiais, seu alvo primordial era sempre fortalecer a causa que, achava, traria cura ao mundo. Robert Peel registrou algumas das medidas que ela tomou para atingir esse objetivo. Em janeiro de 1898, estabeleceu o Conselho de Conferências da Ciência Cristã, constituído inicialmente de cinco conferencistas, escolhidos por ela. Estes viajavam pelo país, fazendo conferências abertas a todos, nas quais explicavam os ensinamentos da Igreja de Cristo, Cientista, e procuravam responder às perguntas dos que não estavam familiarizados com a religião, mas se interessavam por ela. Naquele mesmo mês, Mary Baker Eddy criou um conselho de fideicomissários para dirigir a Sociedade Editora da Ciência Cristã e para supervisionar a publicação do *Journal* mensal e dos onze livros de sua autoria. Pouco depois, os deveres da sociedade editora passaram a incluir uma nova publicação. A primeira edição do *The Christian Science Weekly* (cujo nome seria mudado, quatro meses mais tarde, para *Christian Science Sentinel*), apareceu em setembro de 1898 e abordava também questões nacionais e internacionais.

Embora Mary Baker Eddy já não fosse a redatora, lia os



Annie M. Knott tornou-se professora e praticista da Ciência Cristã, após ter estudado com Mary Baker Eddy na Faculdade de Metafísica de Massachusetts. Passou o resto da vida a serviço da Ciência Cristã, tornando-se membro do Conselho de Conferências em 1898 e redatora dos periódicos da Ciência Cristã em 1903. Em 1919, tornou-se a primeira mulher a fazer parte do Conselho de Diretores da Ciência Cristã.

periódicos com atenção e seguia com interesse o trabalho dos conferencistas. Annie Knott, redatora adjunta da sociedade editora, relatou em *Reminiscências de pessoas que conheceram Mary Baker Eddy* um exemplo da acuidade e diligência dessa líder. Ela conta da vez em que discorreu com Mary Baker Eddy sobre os obstáculos que estava encontrando, pelo fato de ser mulher, para fazer conferências públicas sobre a Ciência Cristã. Annie Knott relata: "...Contei que havia recebido poucos chamados até então," porque "até mesmo amigos chegados... me haviam comunicado que, embora lhes fosse um prazer ouvir-me, as pessoas geralmente preferiam ter um homem para proferir a conferência. ..." Mary Baker Eddy reagiu "... com seu jeito habitual cheio de energia, e disse que não iria permitir que esse argumento prevalecesse. ... Suas palavras foram:" Você " 'Precisa erguer-se até à altitude da verdadeira condição de mulher, e então o mundo inteiro desejará ouvi-la. ...' " Annie Knott disse que, pouco tempo depois dessa conversa, passou a receber inúmeros convites para fazer conferências. Ela sentiu "a inspiração da Verdade, para" conforme suas próprias palavras, "dar provas de que uma mulher pode declarar a verdade e curar os doentes tão bem quanto um homem."

A qualidade do ensino da Ciência Cristã continuava a preocupar Mary Baker Eddy. Ela considerava da máxima importância o nível e a compreensão espirituais do professor, mas o número de ex-alunos que distorcia seu ensino causava-lhe grande inquietação. Poucas semanas depois de publicado o primeiro número do *Weekly*, ela criou o Conselho de Educação da Ciência Cristã para dirigir a formação dos novos professores da Ciência Cristã.

Logo após o anúncio de que o Conselho de Educação estaria encarregado de administrar a instrução formal, setenta

Cientistas receberam um convite, por carta ou telegrama, para ir ao Christian Science Hall, em Concord, às 4 horas da tarde do dia 20 de novembro. Poucos sabiam o que os esperava. Quase todos os convidados, inclusive vários da Escócia, Inglaterra, Canadá e dos Territórios do oeste do país, atenderam ao chamado e foram a Concord. Subiram os degraus, passaram pela varanda sustentada por pilares e entraram na casa, curiosos para saber com que se deparariam.

Mary Baker Eddy subiu à plataforma às 4 horas em ponto. Trajando um vestido de tafetá negro, luvas brancas de pelica e uma pequena capa branca e preta, de arminho, ela apresentou-se diante dos sessenta e sete alunos. Uma cruz de diamantes, presente de um aluno, adornava a gola do vestido. Ela usava também um broche presenteado pelas Filhas da Revolução Americana. Observou o rosto de cada um, à medida que fazia a chamada. Sue Harper Mims e George Wendell Adams comentam, no livro *We Knew Mary Baker Eddy*, que o grupo de homens e mulheres ali reunido era composto de advogados, juízes, ex-médicos, editores e empresários. Muitos eram relativamente jovens.

Mary Baker Eddy lecionou naquele dia e no seguinte, dando um total de seis horas de aula. Examinou longamente os alunos, preparando-os para “conferir novo impulso” às “realizações espirituais” do movimento. Procurou aprofundar-lhes a compreensão de Deus e aumentar a confiança de cada um em sua própria habilidade para curar. Muitos alunos deixaram registradas suas memórias em *We Knew Mary Baker Eddy*, propiciando um quadro excelente da impressão que ela causou. George Adams, como vários outros, lembrou que “ela caminhou a passos rápidos e com andar elegante para a plataforma.” Acrescentou ainda: “Mostrava vigor e ânimo e parecia bem mais moça, mas também havia muita humildade e santidade

em seu porte.” Tais observações foram confirmadas por outros alunos.

O ensino se dava por meio de perguntas e respostas e Mary Baker Eddy sempre introduzia ilustrações humorísticas em suas explicações. Adams relatou uma, “que ela usou para caracterizar a filosofia humana.”

Ela contou que havia certa vez um homem que possuía uma raposa. Ele fez um orifício na porta de sua casa e enfiou a cauda da raposa pelo orifício, de dentro para fora. Em pouco tempo, uma multidão se ajuntou em frente da casa e ele saiu para perguntar por que estavam ali. A resposta foi que estavam tentando entender como é que a raposa conseguira passar por um orifício tão pequeno. Assim é a filosofia humana, disse a Sra. Eddy, sempre tenta entender coisas que nunca aconteceram.

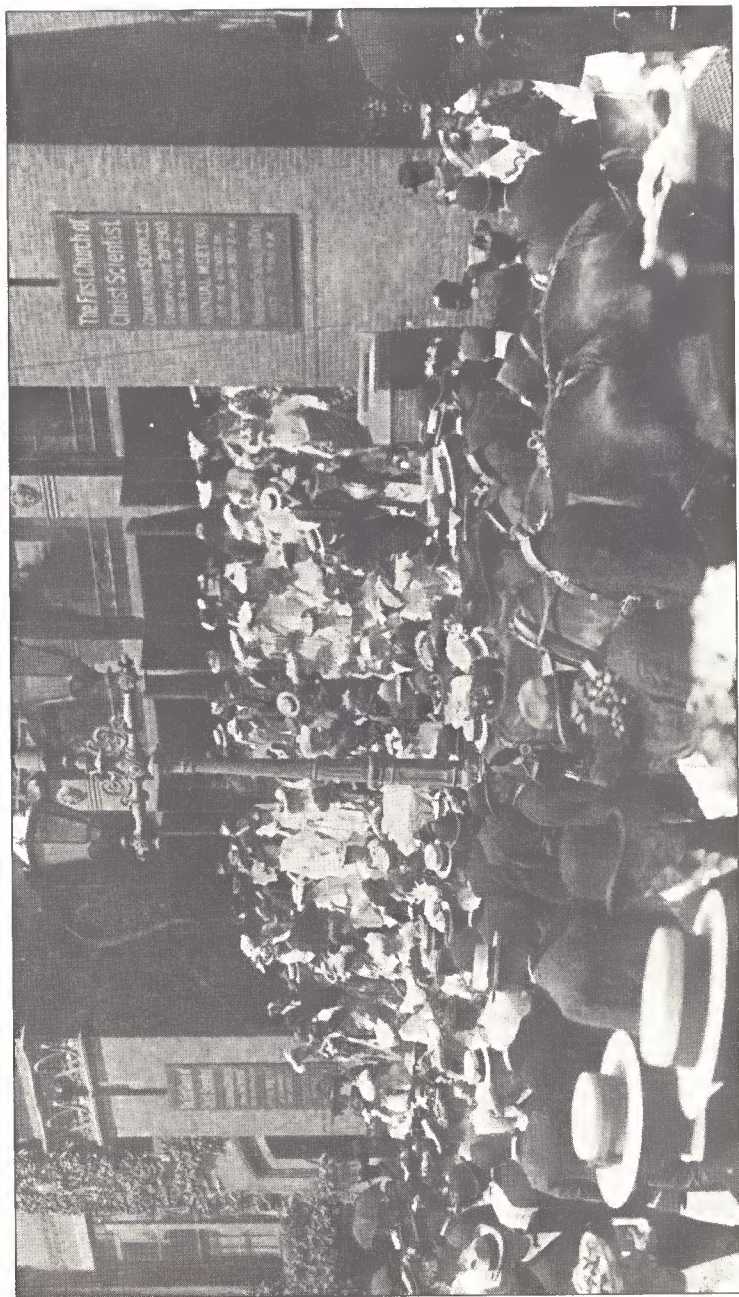
No segundo dia, uma aluna, ao responder a uma pergunta, terminou com estas palavras: “e devemos tudo a ela [Mary Baker Eddy], a essa pessoa querida que é a mensageira atual de Deus.”

“Deste uma bela exegese do texto,” respondeu Mary Baker Eddy, “mas faço uma objeção, eu poderia dizer que tenho uma correção a fazer: não era preciso fazeres referência à minha pessoa.”

Outro aluno levantou-se de imediato, com lágrimas nos olhos, e disse: “Mãe, jamais poderemos esquecer-la.”

Um após outro, os alunos se levantaram, expressando-lhe gratidão. “Faltam-me palavras para descrever a alegria que esta classe me dá”, Mary Baker Eddy disse, ao encerrar a aula. “Estou muito contente e satisfeita. Sinto-me até mais jovem!”

Após esse curso, o Conselho de Educação que Mary Baker Eddy havia estabelecido assumiu a tarefa específica de preparar estudantes da Ciência Cristã para serem professores. Logo



No dia 23 de junho de 1903, inúmeros Cientistas Cristãos descem os degraus do Mechanics Hall, em Boston. Esse auditório era usado para os cultos dominicais de Comunhão e assembleias anuais. A assistência cada vez mais numerosa tornou necessária a construção duma extensão da igreja.

depois, ela instituiu também a Delegacia de Divulgação, com o encargo de prestar informações corretas sobre a Ciência Cristã, em especial quando a imprensa popular deturpava essa religião e os ensinamentos em que os membros acreditavam.

Nos anos que se seguiram, a Ciência Cristã teve um crescimento sem precedentes. Os Cientistas Cristãos de outros países pediam reforços: mais conferencistas, praticistas e exemplares das obras de Mary Baker Eddy. A Sociedade Editora, instalada em dois prédios de tijolo à vista, perto da Igreja Mãe, estava continuamente imprimindo os muitos livros de sua autoria. Essa Sociedade era administrada por um conselho de fideicomissários, nomeado pelo Conselho de Diretores da Ciência Cristã. Todo o lucro líquido da Sociedade revertia para a igreja.

A imprensa local e nacional procurava conhecer sua opinião sobre inúmeros temas e questões, embora Mary Baker Eddy raramente desse entrevistas. “Meu tempo tem mais valor se o emprego em prol do bem e não posso correr o risco de *usá-lo mal*. . . .” escreveu a seu representante em Boston. Ela colaborava, porém, com respostas por escrito e artigos. Escreveu notas em homenagem ao Presidente McKinley, à Rainha Vitória e ao Papa Leão XIII, quando do falecimento de cada um. Tratou de questões morais em artigos como “Prevenção e cura do divórcio.”

Senadores pediam seu conselho. Dignitários estrangeiros visitavam-na. Numa carta a seu filho, ela mencionou ter sido chamada “a mais ilustre mulher do continente” mas, continuou, “isso não me deixa nem um pouco orgulhosa, nem me torna mais feliz. Estou trabalhando em prol de um propósito muito mais elevado.”

O enorme sucesso da Ciência Cristã fez com que alguns duvidassem de seu “propósito muito mais elevado” e uma

antiga adepta da Ciência Cristã incitava críticas à sua fundadora. Josephine Woodbury começou a atacar Mary Baker Eddy através de vários artigos de jornal e animava outros a fazerem o mesmo. Robert Peel relatou que uma das histórias mais prejudiciais foi aquela publicada no *Chicago Inter-Ocean*, alegando que os Cientistas de Chicago duvidavam que Mary Baker Eddy estivesse viva. Josephine Woodbury também se uniu a um ex-aluno de Quimby, Julius Dresser, apoiado por seu filho Horatio Dresser, e trouxeram à tona, outra vez, a alegação de que os fundamentos da Ciência Cristã haviam sido plagiados das idéias e escritos de Quimby. Josephine Woodbury acabou processando Mary Baker Eddy por difamação, acusando-a de ter se referido a ela em termos insultuosos, na mensagem de Comunhão de 1899. De novo, os jornais estavam repletos de histórias e acusações arrebatadas. Josephine Woodbury perdeu a ação, dois anos depois, mas Mary Baker Eddy sofreu muito durante toda a controvérsia, que tomou muito de sua atenção e de seu tempo. Ainda assim, conseguiu revisar e recompor uma vez mais *Ciência e Saúde*, no final de 1901, e a 226ª edição saiu do prelo em janeiro de 1902.

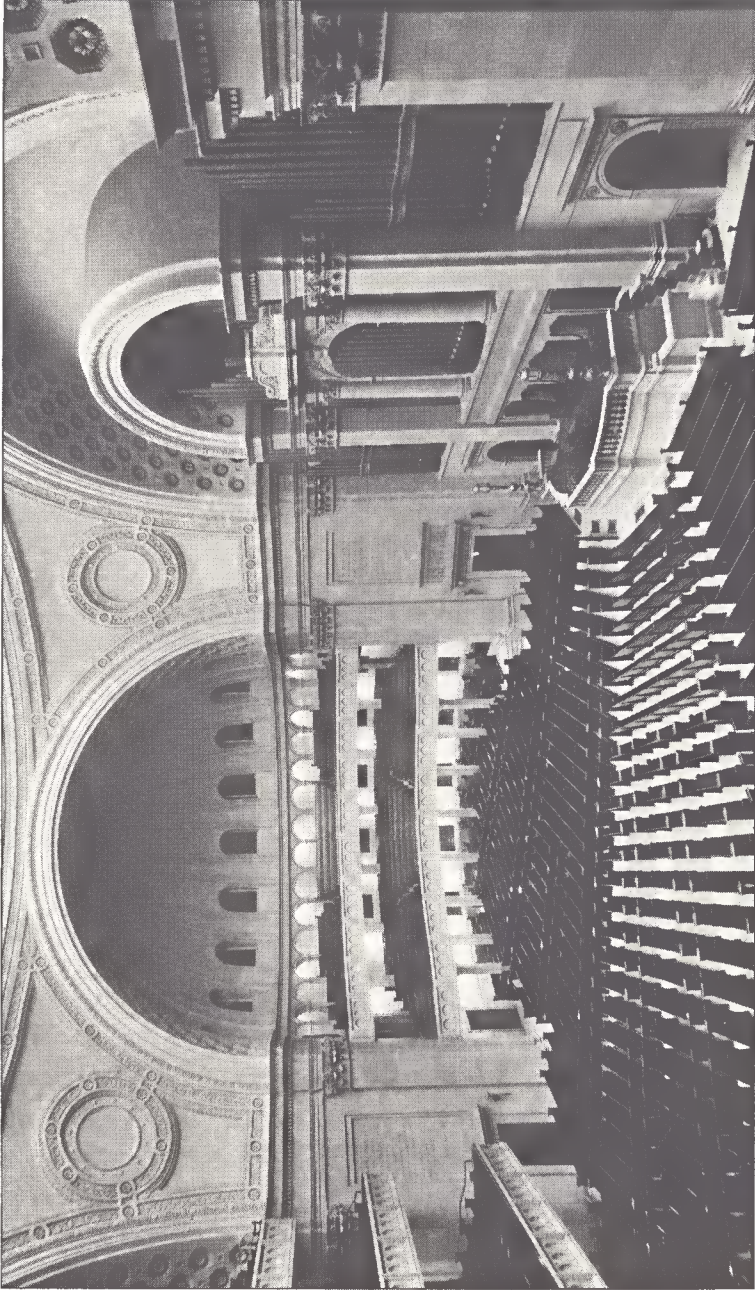
Apesar dos ataques na imprensa popular, a Ciência Cristã continuou a se expandir. Em sua mensagem anual de Comunhão, em 1902, Mary Baker Eddy chamou a atenção para o fato de que a igreja deveria “comprar mais terra e ampliar o edifício, para poder acomodar o grande número de visitantes que nos honram com sua presença todos os anos, no domingo de Comunhão.”

Três dias depois, dez mil Cientistas se reuniram na maior assembléia jamais realizada por uma igreja em Boston. Edward A. Kimball, membro da igreja e amigo íntimo de Mary Baker Eddy, anunciou: “É evidente que nossa religião está superando o alvo institucional a que se propôs. Temos de

acompanhar o ritmo de nosso próprio crescimento e progresso.” A assembléia aprovou, unanimemente, o levantamento de 2 milhões de dólares em contribuições para o projeto de construção.

Em 1904, as cartas de Mary Baker Eddy revelavam que ela via com sérias reservas a contínua expansão do movimento da Ciência Cristã. Numa dessas cartas, publicada por Robert Peel, ela comentou: “Perderemos de vista, de novo, a verdadeira Ciência — a Ciência divina — a menos que despertemos. . . . Construir igrejas, escrever artigos e falar em público, constituem o método antigo de desenvolver uma Causa. O modo pelo qual eu trouxe esta Causa à luz foi a *cura*; e agora essas outras coisas aparecem e tentam encobri-la, tal qual se deu no tempo de Jesus.” Uma carta de 1904, citada por Robert Peel e endereçada ao Conselho de Diretores, continha palavras ainda mais fortes: “Queremos o ensino correto da C.C. ou então não queremos *ensino algum*. . . . Repugna-me sobremaneira ouvi-los [aos alunos] tagarelar sobre a letra e, depois, falhar em dar provas do que disseram! Está mais do que na hora de pararem de falar sobre a ciência ou senão . . . darem provas de que suas palavras são verdadeiras.” Para Mary Baker Eddy, a Ciência Cristã tinha de ser vivida, não meramente debatida, para ser de fato um sucesso.

Viver a Ciência Cristã em Pleasant View nem sempre era fácil. Como suas cartas o revelam, Mary Baker Eddy sabia expressar-se de modo bem severo e sua dedicação à causa era absoluta. As exigências sobre os auxiliares que moravam em sua casa eram intensas e vários deles não agüentaram ficar muito tempo. Calvin Frye estava sempre ocupado com uma torrente contínua de cartas e ela recebia inúmeros dignitários da igreja e escrevia muitos artigos. Um Cientista escreveu-lhe:



Interior d'A Igreja Mãe, em Boston. A construção da extensão, com a cúpula, começou em 1902 e a inauguração se deu em 10 de junho de 1906.

“Nunca vi ninguém produzir e realizar tanto quanto a senhora.”

Os Cientistas e o público em geral tinham curiosidade de saber exatamente o que acontecia em Pleasant View. Essa curiosidade foi satisfeita, em parte, quando Mary Baker Eddy recebeu dez mil Cientistas para ouvi-la falar, em junho de 1903. Todavia, incomodava-a o fato de que alguns membros da igreja, às vezes, demoravam-se nas ruas de Concord, esperando conseguir ver sua líder passar, durante o passeio de carruagem que ela fazia diariamente. Assim, conta Robert Peel, ela incluiu um dispositivo no *Manual*, declarando que os membros da igreja não deverão “importunar a Sra. Eddy durante seus passeios de carruagem”, nem “rondar-lhe continuamente a residência, nem para tal fim veranejar na sua vizinhança.”

Ela teve de ser ainda mais firme com relação a esse assunto, quando foi inaugurada a extensão da Igreja Mãe, em 1906. De acordo com suas cartas e notas, tais restrições de sua parte não advinham apenas de seu desejo de privacidade e reclusão. Em realidade, ela achava que o hábito de dar proeminência a sua pessoa, em vez de a Deus, era prejudicial à Ciência Cristã. Meses antes da inauguração, escreveu ao Conselho de Diretores, em Boston: “Agora é a hora de *estrangular a mentira* de que os estudantes me adoram e de que eu pretendo sua homenagem.”³

Em 10 de junho de 1906, realizaram-se seis cultos, um após outro, para acomodar as trinta mil pessoas que vieram para a inauguração do novo edifício, com uma enorme cúpula de 68 metros de altura, coroando a extensão do edifício original da Igreja Mãe. Um repórter escreveu, com admiração: “Boston está em dívida para com eles [os Cientistas Cristãos] por uma das mais belas realizações arquitetônicas jamais realizadas

nesta ou em qualquer outra cidade e seria bom que outras religiões seguissem o exemplo de pagar pela igreja antes de inaugurá-la.”

Na época da inauguração, a Igreja Mãe tinha 40.011 membros. Além disso, 682 igrejas filiais e 267 sociedades, espalhadas em todo o mundo, constavam do rol do *Journal*. A grandiosidade da Igreja Mãe, o número de Cientistas Cristãos e a figura da própria Mary Baker Eddy prendiam a atenção do país.

Ela não assistiu à inauguração e continuou sua vida longe da vista do público. Estava decidida a tornar a Ciência Cristã, não sua própria vida, o centro de indagações e estudo. Apesar desses esforços, seu contínuo isolamento alimentava a especulação e a curiosidade do público. Em outubro de 1906, seu nome apareceu, de forma espetacular, nas manchetes dos jornais do país.

THE CHRISTIAN SCIENCE MONITOR

STOCK EDITION

BOSTON, MASS., WEDNESDAY, NOVEMBER 24, 1909—VOL. 1, NO. 1.

PRICE TWO CENTS

CARRIAGE DOES NOT WANT TO BE TAHRIT WITNESS

Steel Magnate Says He Has Never Hit Time in Matter and Years Are Well Known.

Chairman Payne of Ways and Means Committee Makes Public Correspondence With Multi-Millionaire.

WASHINGTON, Nov. 23.—It is a well-known fact that the steel magnate, Elmer F. Johnson, has never hit time in the matter of the ways and means committee. Johnson, who is a member of the committee, has never been called to the witness stand in any of the many cases which have been brought against him. Johnson, who is a member of the committee, has never been called to the witness stand in any of the many cases which have been brought against him.

CONSTRUCTION WORK RAPIDLY PROGRESSES ON GREAT DAM ACROSS THE CHARLES RIVER BASIN

Lock and Sluices Completed and Machinery Installed in New Lock House on Boston Side of Stream.

LOCK IN OPERATION.

SHIP REFLECTOR SAFE AT LUZON

MANILA, Nov. 23.—The largest ship ever built in the Philippines, the ship reflector, was safely landed at Luzon today. The ship reflector, which was built in the Philippines, was safely landed at Luzon today.

CITY WINS \$5000 IN LAND CASE

Judgment Is Entered in Case of Property Purchased From Cemetery Trustees and Superintendant.

CALL TROOPS TO QUELL STUDENTS

BOSTON, Nov. 23.—Students of the city were called to the streets today to quell a riot. The riot was caused by the students of the city who were called to the streets today to quell a riot.

BOSTON LIBRARY IS GIVEN A RARE BOOK COLLECTION

Mrs. Louise Phillips Modest and Philip Modest, Manxton Volume Includes Many Antiquary Copies.

NO DEMOCRACY, ZUEBLIN SAYS

Second Lecture in Course on "The American Manly" Dedic With the Training of Citizens.

SARDINIA BEACHED BECAUSE OF FIRE

Esley Burned Just Outside Males While on Her Way From Liverpool; Lives Lost.

NEW FACTORY SOON TO START

BROCKTON CHURCH DEDICATION NEAR

SPEAKER'S CLUB FOR HARVARD MEN

31,000 TURKEYS FOR HOME MARKET

THANKSGIVING DAY FORECAST

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

RECEIVED WOULD BE

ASK INJUNCTION AGAINST CHELSEA SHOE WORKERS

Union V. Logan Alphas Union Members Sued by Employers at Factory After Strike Was Declared.

NAAMES EIGHT MEN

UNVEIL STATUE OF GEN. SHERIDAN AT WASHINGTON

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

NOTED MEN PRESENT

Wishes to Fight the... Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

ASK INJUNCTION AGAINST CHELSEA SHOE WORKERS

Union V. Logan Alphas Union Members Sued by Employers at Factory After Strike Was Declared.

NAAMES EIGHT MEN

UNVEIL STATUE OF GEN. SHERIDAN AT WASHINGTON

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

ASK INJUNCTION AGAINST CHELSEA SHOE WORKERS

Union V. Logan Alphas Union Members Sued by Employers at Factory After Strike Was Declared.

NAAMES EIGHT MEN

UNVEIL STATUE OF GEN. SHERIDAN AT WASHINGTON

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

Slabs of 47 Gons Fined in Honor of Civil War Hero When Son Pulls Aside Covering of Memorial.

EXPERT REVIEWS CONDITIONS IN BALKAN COUNTRIES

Increasing Fear of Economic Dual Between England and Germany Discussed.

LANDMARK HISTORY

Investment History of Britain in Year-For-Year Presented for Readers of The Christian Science Monitor.

WASHINGTON, Nov. 23.—The Christian Science Monitor has today published a special issue containing a report on the conditions in the Balkan countries. The report is based on the findings of a committee of experts who have been studying the situation in the Balkans for some time. The report is a landmark in the history of the Christian Science Monitor.

EXPERT REVIEWS CONDITIONS IN BALKAN COUNTRIES

Increasing Fear of Economic Dual Between England and Germany Discussed.

LANDMARK HISTORY

Investment History of Britain in Year-For-Year Presented for Readers of The Christian Science Monitor.

WASHINGTON, Nov. 23.—The Christian Science Monitor has today published a special issue containing a report on the conditions in the Balkan countries. The report is based on the findings of a committee of experts who have been studying the situation in the Balkans for some time. The report is a landmark in the history of the Christian Science Monitor.

EXPERT REVIEWS CONDITIONS IN BALKAN COUNTRIES

Increasing Fear of Economic Dual Between England and Germany Discussed.

LANDMARK HISTORY

Investment History of Britain in Year-For-Year Presented for Readers of The Christian Science Monitor.

WASHINGTON, Nov. 23.—The Christian Science Monitor has today published a special issue containing a report on the conditions in the Balkan countries. The report is based on the findings of a committee of experts who have been studying the situation in the Balkans for some time. The report is a landmark in the history of the Christian Science Monitor.

EXPERT REVIEWS CONDITIONS IN BALKAN COUNTRIES

Increasing Fear of Economic Dual Between England and Germany Discussed.

LANDMARK HISTORY

Investment History of Britain in Year-For-Year Presented for Readers of The Christian Science Monitor.

WASHINGTON, Nov. 23.—The Christian Science Monitor has today published a special issue containing a report on the conditions in the Balkan countries. The report is based on the findings of a committee of experts who have been studying the situation in the Balkans for some time. The report is a landmark in the history of the Christian Science Monitor.

EXPERT REVIEWS CONDITIONS IN BALKAN COUNTRIES

Increasing Fear of Economic Dual Between England and Germany Discussed.

LANDMARK HISTORY

Investment History of Britain in Year-For-Year Presented for Readers of The Christian Science Monitor.

WASHINGTON, Nov. 23.—The Christian Science Monitor has today published a special issue containing a report on the conditions in the Balkan countries. The report is based on the findings of a committee of experts who have been studying the situation in the Balkans for some time. The report is a landmark in the history of the Christian Science Monitor.

EXPERT REVIEWS CONDITIONS IN BALKAN COUNTRIES

Increasing Fear of Economic Dual Between England and Germany Discussed.

LANDMARK HISTORY

Investment History of Britain in Year-For-Year Presented for Readers of The Christian Science Monitor.

WASHINGTON, Nov. 23.—The Christian Science Monitor has today published a special issue containing a report on the conditions in the Balkan countries. The report is based on the findings of a committee of experts who have been studying the situation in the Balkans for some time. The report is a landmark in the history of the Christian Science Monitor.

EXPERT REVIEWS CONDITIONS IN BALKAN COUNTRIES

Increasing Fear of Economic Dual Between England and Germany Discussed.

LANDMARK HISTORY

Investment History of Britain in Year-For-Year Presented for Readers of The Christian Science Monitor.

WASHINGTON, Nov. 23.—The Christian Science Monitor has today published a special issue containing a report on the conditions in the Balkan countries. The report is based on the findings of a committee of experts who have been studying the situation in the Balkans for some time. The report is a landmark in the history of the Christian Science Monitor.

A primeira página da primeira edição do *The Christian Science Monitor* considerava a fundação do jornal diário como "o maior passo avante [em seu trabalho] desde que dei *Ciência e Saúde* ao mundo." O jornal continua até hoje muito respeitado, tendo ampla circulação.

Passos derradeiros

EM 28 DE OUTUBRO DE 1906, OS LEITORES DO *NEW YORK World*, ao abrir o jornal do domingo, leram a manchete chocante: SRA. MARY BAKER G. EDDY À MORTE: LACAIO E “COMPARSA” A CONTROLAM. Abaixo da manchete, em letras grandes, estava o seguinte parágrafo:

Fundadora da Ciência Cristã sofrendo de câncer e perto do fim, enclausurada em Pleasant View, enquanto outra mulher se faz passar por ela nas ruas de Concord. A Sra. Leonard, sanadora de Brooklyn, dá passeios diários em carruagem fechada, com Calvin A. Frye, secretário-lacaio, que é o poder supremo da casa de Mary Baker Eddy. — A fortuna acumulada pela Fundadora está avaliada em 15 milhões de dólares, com um rendimento anual de 1 milhão. Amigos íntimos dizem que ela gastou tudo em obras de caridade, embora não se encontrem recibos de grandes doações.

Intrigados com o grande número de Cientistas Cristãos, com a impressionante Igreja Mãe e a natureza singular do ensino da Ciência Cristã, os repórteres não conseguiam acreditar que uma mulher de 85 anos dirigisse uma organização tão vasta e de tanto êxito. A idade, assim como o fato de ser mulher,

faziam com que eles duvidassem da habilidade dela. Embora Mary Baker Eddy sempre tivesse nomeado dignitários e professores de acordo com a avaliação que ela fazia da aptidão espiritual de cada um, independentemente de sexo, a maior parte das pessoas considerava as mulheres “o sexo frágil” e pouquíssimas tinham algo a ver com a direção de organizações, quer seculares, quer religiosas. As realizações de Mary Baker Eddy eram assombrosas.

Repórteres da revista *McClure's* e do jornal *New York World*, de propriedade de Joseph Pulitzer, se apressaram em publicar histórias que representavam Mary Baker Eddy como uma fraude. Em seu livro *The Years of Authority*, Robert Peel relatou claramente a publicidade ocasionada e os estranhos eventos que se seguiram. No começo de outubro, dois repórteres do *World* foram a Pleasant View e informaram a Calvin Frye serem da opinião de que Mary Baker Eddy havia morrido e de que ele controlava a fortuna dela.

No dia seguinte, ao ficar sabendo dessa acusação, Mary Baker Eddy achou que não seria difícil provar que continuava viva. Naquela tarde, recebeu cordialmente os repórteres, disse-lhes que não tinha tempo para entrevistas devido a seus muitos afazeres e encerrou o breve encontro com um aperto de mão. Os repórteres, decididos a achar algo para publicar nos jornais, ficaram em Concord mais duas semanas, interrogando os moradores da cidade quanto à saúde dela. Já que não havia falecido, talvez estivesse doente. Embora a maioria respondesse, sem rodeios, que ela estava viva e gozava de boa saúde, os repórteres, obstinados em encontrar subsídios para uma reportagem sensacionalista, não fizeram caso de todas as evidências em contrário.

Como resultado da publicação do artigo no *World*, Concord foi invadida por representantes das agências nacionais de notí-

cias e de todos os maiores jornais de Boston e de Nova Iorque. Alfred Farlow, gerente da Delegacia de Divulgação da Ciência Cristã, apresentou à imprensa inúmeras declarações juramentadas que atestavam estar Mary Baker Eddy de boa saúde mental e física e ser capaz de dirigir seus negócios. Robert Peel conta que o advogado dela convidou Charles Corning, prefeito de Concord, a visitá-la, pois ainda não a conhecia, para então falar com os repórteres, dando suas impressões. Conforme consta de *The Years of Authority*, Corning disse ao *Boston Herald*: “Fui à casa dela, esperando encontrar uma anciã trôpega, talvez incoerente, quase senil. Em vez disso, quando ela se levantou para me cumprimentar, vi que sua postura era quase ereta e caminhava como uma mulher de quarenta anos. Já vi muitas senhoras idosas, mas não conheci nenhuma com a personalidade vigorosa da Sra. Mary Baker Eddy. . . .” Ainda assim, os repórteres cercavam Pleasant View e insistiam em vê-la pessoalmente. Por fim, ela concordou em receber quinze repórteres em sua sala de estar para uma curta entrevista, em 30 de outubro. Robert Peel registrou as impressões dos presentes, que notaram que Mary Baker Eddy parou um pouco, com as mãos tremendo visivelmente, antes de entrar na sala onde enfrentaria a hostil ofensiva da imprensa. A seguir, relata as perguntas que foram feitas.

“A senhora goza de perfeita saúde física?” perguntou Sibyl Wilbur, a porta-voz do grupo.

“Sem dúvida”, respondeu Mary Baker Eddy.

“A senhora tem outro médico, a não ser Deus?”

Mary Baker Eddy deu um passo à frente e abriu os braços: “Nenhum médico, só Deus. Seus braços eternos estão à minha volta e isso basta.”

“A senhora dá um passeio diário de carruagem?”

“Sim”, respondeu secamente e dirigiu-se à porta para subir

na carruagem, suspendendo a entrevista antes que a última pergunta fosse feita.

O *World* não desistiu. No começo de novembro, publicou artigos que ressuscitaram a antiga e falsa acusação de que James Henry Wiggin havia escrito *Ciência e Saúde*. Também enviou um dos dois repórteres, que anteriormente haviam entrevistado Mary Baker Eddy, ao estado da Dakota do Sul, para ver George Glover. Este morava com sua família numa casa espaçosa que a mãe lhes dera no Natal, sete anos antes.

Nesse ínterim, a revista *McClure's* passou a publicar uma série de artigos sobre Mary Baker Eddy, que vinham sendo preparados por Georgine Milmine nos dois anos anteriores. A revista *McClure's* era famosa por ter publicado o trabalho de Ida Tarbell e Lincoln Steffens, dois pioneiros do jornalismo de investigação, que revelara as terríveis condições de trabalho nas fábricas da época e as condições repugnantes que prevaleciam nas novas indústrias. Ambos haviam deixado a revista em maio de 1906. Os redatores da *McClure's* queriam manter a reputação de serem investigadores da maior confiança, quando decidiram publicar a série sobre Mary Baker Eddy. Mas, como os historiadores descobriram mais tarde, a intenção de desenterrar algum escândalo no material que pesquisavam lhes prejudicava seriamente o discernimento. Robert Peel conta que até mesmo Georgine Milmine admitiu que algumas das pessoas que lhe deram informações sobre Mary Baker Eddy “não eram o tipo de fonte [de informação] que preferíamos.”

O primeiro artigo apareceu com um retrato de frente, montado sobre o fac-símile da assinatura de Mary Baker Eddy. Esse não foi um começo auspicioso, numa revista que se dizia escrupulosamente correta, observa Robert Peel. (A fotografia era de uma mulher chamada Sarah Chevallier, não de Mary Baker Eddy, como amigos e conhecidos das duas mulheres não

demoraram a esclarecer.) A série continuou durante vários meses, repleta de acusações sem fundamento contra Mary Baker Eddy, feitas por ex-estudantes rancorosos. Por outro lado, uma revista de circulação muito menor, *Human Life*, publicou uma série escrita por Sibyl Wilbur, que não media elogios a Mary Baker Eddy. Nenhuma das duas reportagens era exata e ponderada, mas ambas acabaram sendo publicadas em forma de livro, a de Sibyl Wilbur em 1908 e a de Georgine Milmine em 1909. As duas biografias deram origem a duas interpretações bastante diferentes da vida de Mary Baker Eddy e, mais tarde, outros autores com freqüência basearam seu trabalho numa ou na outra, sem questionar.

Mary Baker Eddy ficou muito contrariada com os artigos publicados na revista *McClure's*, mas a trama do repórter do jornal *World*, que havia ido à Dakota do Sul, acabou se tornando uma ameaça muito maior, tanto para ela como para a obra de sua vida. O repórter, James Slaght, convenceu George Glover de que sua mãe era mentalmente incompetente e estava desvalida. James Slaght e os editores do *World* contrataram William Chandler, ex-senador de New Hampshire, para conduzir os atos processuais e inculcar em George Glover a convicção de que sua mãe e a fortuna dela eram controladas por Calvin Frye e pelos dignitários da igreja. Mary Baker Eddy havia dado uma casa a seu filho, mas este não tinha meios de mantê-la e, ao que parece, achava que a mãe lhe devia mais ajuda financeira. Incentivados por Chandler, George Glover e sua filha visitaram Mary Baker Eddy no começo de janeiro de 1907. O comportamento um tanto suspeito, e as perguntas que eles fizeram, levaram Mary Baker Eddy à idéia inicial de nomear fideicomissários para administrar seu patrimônio, aliviando-a dessa responsabilidade.

Antes de poder colocar a idéia em prática, um grupo de pes-



Esta fotografia, de 1909, mostra Mary Baker Eddy olhando pela janela da carruagem, durante um passeio. Dois anos antes, não deixara de dar passeios diários, apesar da publicidade, especulações absurdas e acusações imprevistas que a cercaram durante o processo dos “curadores”. Certa vez, comentando o processo, disse com calma: “Não se pode ferir a ninguém com dizer a verdade, e ninguém nos pode ferir com dizer mentiras.”

soas, representando George Glover e outros, moveu uma ação em 1º de março, para conseguir o controle do patrimônio de Mary Baker Eddy, inclusive seus direitos autorais, tirando-o das mãos dela. A causa foi denominada “processo dos curadores”, (em inglês esse processo tornou-se conhecido pela expressão “Next friends suit”) porque foi movida em nome dela por parentes que pretendiam ser nomeados curadores: George Glover, a filha deste, dois primos do lado da família Baker e o filho adotivo que havia sido expulso, Foster Eddy, todos alegando ser ela incompetente. A manchete do *World* dizia, em parte: PARENTES PROPÕEM AÇÃO PARA ARREBATAR A FORTUNA DA MÃE MARY BAKER EDDY DO CONTROLE DA CAMARILHA. Não mencionou, porém, o fato de que todos os réus nomeados no processo, exceto Calvin Frye, nada tinham a ver com a administração das finanças pessoais de Mary Baker Eddy.

O dano que esse processo poderia causar à Ciência Cristã era o que mais preocupava Mary Baker Eddy, mas em meio a toda a avalanche de publicidade, permaneceu confiante, segura em sua convicção do poder da lei divina, mesmo quando a lei humana parecia não lhe oferecer proteção. Ela declarou: “Não se pode ferir a ninguém com dizer a verdade, e ninguém nos pode ferir com dizer mentiras.”

Os curadores tentaram requerer o comparecimento de Mary Baker Eddy ao tribunal, mas o juiz decidiu nomear três homens para visitá-la e verificar suas capacidades mentais. Eles foram entrevistá-la no dia 14 de agosto, acompanhados por William Chandler e um estenógrafo do tribunal. Ao chegarem, um deles disse a Mary Baker Eddy que os avisasse, caso durante a entrevista ficasse cansada.

Ela respondeu: “Posso trabalhar várias horas, dia e noite, sem a menor fadiga, quando é no interesse do trabalho espiritual.” Passou, então, a responder a uma série de perguntas



Auxiliares de Mary Baker Eddy reunidos contentes à mesa do jantar, em Chestnut Hill. Embora cientes das exigências de seu trabalho ali, recordavam com gratidão o tempo passado em Chestnut Hill, em que aprenderam e viveram a Ciência Cristã.

sobre seu passado, seus critérios com relação a investimentos e sobre sua religião.

Quando os examinadores estavam saindo, ouviu-se Chandler comentar: “Como ela está alerta e atualizada! Que vivacidade!” Como ela provou que era mais do que capaz de dirigir seus próprios negócios, o processo foi arquivado. Conseguiu nomear fideicomissários para cuidar de suas finanças pessoais, ficando, portanto, livre desses encargos. Quando a causa foi encerrada, ela fez uma observação justa: “Se eu fosse homem, não me teriam tratado dessa forma.”

Durante e após o processo, entre outros projetos, ela estava ocupada escrevendo cartas sobre os planos para uma edição de *Ciência e Saúde* em alemão. Continuou trabalhando no mesmo ritmo e, por mais que gostasse de Pleasant View, achou necessário mudar-se, a fim de alcançar novos objetivos. Deu ordens a seus auxiliares para que lhe comprassem uma propriedade em Massachusetts, nos arredores de Boston. Eles assim o fizeram, mas o grande interesse que a imprensa tinha em sua pessoa provocou problemas inusitados, durante a mudança.

Em 26 de janeiro de 1908, Mary Baker Eddy embarcou num trem especial, que havia sido requisitado em sigilo, com duas locomotivas, para evitar percalços na viagem. A fim de evitar repórteres e multidões, sua partida de Concord não foi anunciada.

Antes de chegar a Boston, o trem tomou um desvio, indo para uma pequena estação em Chestnut Hill, onde uma frota de carruagens vazias aguardava, a fim de levar Mary Baker Eddy e sua comitiva para a nova casa. Apesar de todas as precauções, entretanto, inúmeros repórteres estavam esperando sua chegada, em Chestnut Hill. Quando as carruagens chegaram à casa, um amigo tomou Mary Baker Eddy nos braços, carregou-a, passando pelos repórteres, e depositou-a, rindo, em sua nova

residência. Robert Peel relata que, embora achasse graça na galante ação do amigo, uma vez instalada em seu quarto, ela chorou amargamente, impressionada com o tamanho e o custo da mansão de vinte e cinco aposentos que seus alunos haviam escolhido.

Após o processo dos curadores, Mary Baker Eddy procurou uma atmosfera mais tranqüila, mas ainda assim, aos 87 anos, não estava disposta a se aposentar. Em julho deu aquele passo mencionado mais tarde como “o maior passo avante desde que dei *Ciência e Saúde* ao mundo.” Escreveu ao Conselho de Diretores:

Notificação: Assim que a Sociedade Editora estiver livre de dívidas, solicito que o Conselho [de] Diretores da Ciência Cristã inicie a publicação dum jornal diário chamado *Christian Science Monitor*. Isso tem de ser feito, sem falta.

O conselho foi tomado de surpresa pelo pedido, como Robert Peel relata, pois haviam acabado de tomar as providências necessárias para construir novas instalações para abrigar o trabalho de publicação já em curso. Procurando ganhar tempo, sugeriram que tal ordem fosse enviada aos fideicomissários da Sociedade Editora.

Em agosto, a Sociedade Editora mudou-se para as novas instalações, já inteiramente pagas, e Mary Baker Eddy imediatamente enviou esta ordem aos fideicomissários: “Que não haja atrasos. A Causa exige que o jornal seja publicado agora.”

Mary Baker Eddy decidiu editá-lo, entre outras razões, para contrabalançar os muitos jornais sensacionalistas e de má qualidade, da época. Jornais como o *New York Evening Journal*, de propriedade de William Randolph Hearst, haviam sido responsáveis, em parte, por instigar a guerra hispano-americana e, em geral, estavam cheios de histórias torpes. O *Monitor* não tinha

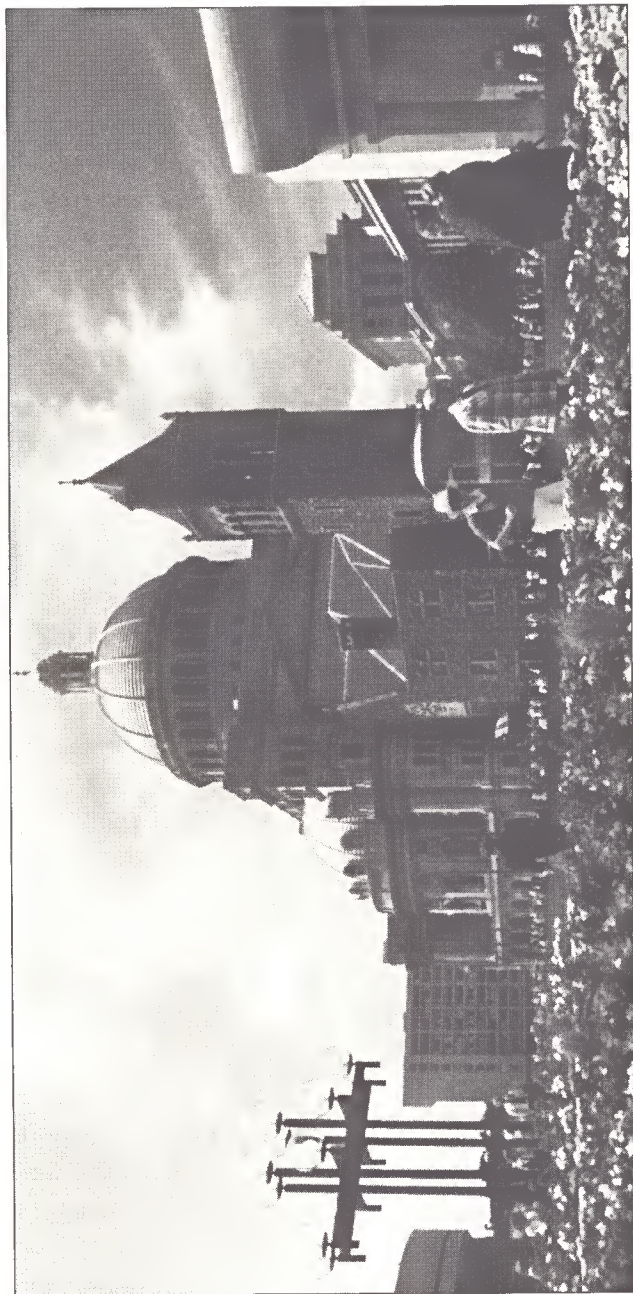
como finalidade primordial publicar notícias do movimento da Ciência Cristã. Seu primeiro diretor, Archibald McLellan, disse que deveria ser um “jornal de verdade”.

A fim de produzir o novo diário, o recém-construído prédio da Sociedade Editora precisava ser ampliado de imediato e equipado com novas máquinas. Procurou-se encontrar, entre os Cientistas Cristãos, jornalistas experientes e respeitáveis para trabalhar no *Monitor*. Em pouco tempo, foram elaborados procedimentos editoriais e empresariais.

Alguns Cientistas Cristãos temiam que o nome do jornal não atraísse os não-Cientistas. Por fim, McLellan visitou Mary Baker Eddy para convencê-la de que o jornal atingiria um público maior, se as palavras *Christian Science* não fizessem parte do título. Ao sair, ele disse: “A Sra. Eddy permanece firme e sua resposta é: ‘Deus deu-me esse nome e ele permanecerá.’”

Apenas três meses e meio depois, em 25 de novembro, saiu a primeira edição do *The Christian Science Monitor*, contendo doze páginas. Os redatores e jornalistas do *Monitor* esforçavam-se para prestar aos cidadãos a informação exata com relação aos eventos do dia e, nas palavras de Mary Baker Eddy, “não prejudicar homem algum, mas abençoar toda a humanidade.” Continha notícias “rigorosamente atualizadas” do mundo e um artigo religioso diário. Mary Baker Eddy entendia ser esse um jornal com uma missão e não apenas um diário popular a mais.

Entrementes, ela continuou a expandir o *Manual d’A Igreja Mãe*, preparando-o para guiar sua igreja quando ela já não estivesse presente. “Muitas vezes, um único artigo custou-me longas noites passadas em oração e luta”, escreveu certa vez ao Conselho de Diretores. “Nunca abandonem os Estatutos nem a forma de governo da Igreja Mãe, característico de nossa reli-



A cúpula da extensão d'A Igreja Mãe eleva-se majestosamente, junto à igreja original (à direita), no bairro de Boston chamado Back Bay. Visitantes de todo o mundo vêm admirar a arquitetura da igreja e ver o centro mundial da organização da Ciência Cristã. Visitam também a Sociedade Editora da Ciência Cristã (prédio à direita da igreja), onde *The Christian Science Monitor* é editado e onde os outros periódicos são editados e impressos. Nesse prédio encontra-se também o Mapário, um globo terrestre feito em vitrais, com mais de nove metros de diâmetro, que atrai muitos visitantes.

gião. Caso eu não esteja pessoalmente presente, a Palavra de Deus e minhas instruções nos Estatutos os guiaram até aqui e continuarão a guiá-los com segurança.”

Cada vez mais, recusava-se a atender a pedidos do Conselho de Diretores para que tomasse importantes decisões relacionadas com a igreja, incentivando-os a se voltarem diretamente a Deus para obter orientação. Em novembro de 1909, declarou no *Journal*: “Venho a público, por meio desta, declarar que não participo de modo pessoal nos assuntos da igreja, exceto por meio de minhas regras escritas e publicadas.”¹

O ritmo da vida diária em Chestnut Hill diminuiu bastante e ficou mais tranqüilo, relata Peel, baseado nas recordações de auxiliares que moravam na casa. Mary Baker Eddy escrevia e ditava menos, levantava-se mais tarde e passava mais tempo em seu passeio diário de carruagem. Depois do jantar, gostava de observar o despontar das estrelas sobre o jardim. Uma vitrola foi instalada na sala e o pessoal da casa com freqüência dava recitais de canto ou cantava em grupo. Não obstante, ela ainda estava ativa nas questões da igreja, tanto é que nomeou um novo diretor em substituição a outro que falecera em novembro.

Em 1º de dezembro de 1910, sofrendo de forte resfriado, Mary Baker Eddy saiu para seu passeio diário. Ao voltar, teve de ser carregada escada acima. Pediu papel e escreveu suas últimas palavras: “Deus é minha vida.” Dois dias depois, faleceu em paz.

Na manhã seguinte, o primeiro leitor da Igreja Mãe encerrou o culto dominical com as seguintes palavras:

“Lerei agora trecho de uma carta escrita por nossa venerada Líder e publicada na página 135 de *Miscellaneous Writings*: ‘QUEIRADOS ALUNOS: Vós talvez estejais esperando ver-me em meu lugar de costume, junto a vós, mas já não deveis esperar



É impressionante a realização de Mary Baker Eddy, uma mulher americana que fundou uma religião internacional, relevante e bem sucedida. Para ela, porém, sua descoberta da verdade e da cura espiritual, bem como a divulgação destas ao mundo, eram muito mais importantes do que o sucesso material.

isso. Quando me retirei do campo de ação, foi uma partida social, pública e final da rotina de modos materiais que a sociedade e nossas sociedades exigem. Boatos são boatos, nada mais. Continuo convosco no campo de batalha, marchando para a frente, com vistas mais amplas e mais elevadas, e com a esperança de que me seguireis. . . . Devemos dedicar todos os nossos pensamentos à demonstração absoluta da Ciência Cristã. Estais em condições de continuar avante sem mim, pois tendes, em minha última edição revisada de *Ciência e Saúde*, vossa professora e guia.’²

“Embora essas palavras tenham sido escritas há anos, são verdadeiras hoje e continuarão a ser verdadeiras. Contudo, cabe-me agora o dever de anunciar que a Sra. Eddy faleceu ontem à noite, às 10:45 horas, em sua casa em Chestnut Hill.”

Quando Mary Baker Eddy começou a pregar em Boston e os clérigos a criticavam impiedosamente, muitos afirmavam que a Ciência Cristã morreria quando ela morresse. Em 1990, existiam cerca de 1.850 igrejas filiais, nos Estados Unidos apenas. Nesse mesmo ano, existiam congregações da Ciência Cristã em mais de 60 países e as obras de Mary Baker Eddy estavam traduzidas para 16 idiomas. *Ciência e Saúde* quebrou todos os recordes de tiragem entre livros religiosos, excetuando-se a Bíblia. O *The Christian Science Monitor* tem um amplo público e continua gozando de excelente reputação entre os grandes jornais internacionais. Em anos mais recentes, o *Monitor* expandiu suas atividades para incluir programas transmitidos tanto pelo rádio como pela televisão, em âmbito local, nacional e internacional.

Não resta dúvida de que Mary Baker Eddy realizou seu sonho de infância, pois quando declarou, com audácia, “Hei de escrever um livro”, jamais imaginou que, um dia, em mais de 60 países em todo o mundo, organizar-se-iam igrejas filias e

sociedades da Ciência Cristã. Nem poderia ter imaginado, então, que sua obra e ensino tornar-se-iam o fundamento de uma igreja e de um ministério de cura espiritual. Talvez a melhor maneira de medir a grandiosidade de sua obra seja entendendo sua auto-avaliação: “O que sou deve ser provado pelo bem que faço.”³

Sinopse cronológica

- 16 de julho de 1821 Mary Morse Baker nasce em Bow, estado de New Hampshire, Estados Unidos da América
- 1836 A família Baker muda-se para uma propriedade rural próxima à cidade de Sanbornton Bridge, New Hampshire
- 1842 Mary Baker freqüenta a escola Sanbornton Academy em Sanbornton Bridge
- 1843 Casa-se com George Washington Glover
- 1844 Falecimento de Glover; Mary volta a Sanbornton Bridge; seu filho, George Washington Glover II, nasce em 12 de setembro
- 1851 George Glover vai morar com Mahala e Russell Cheney
- 1853 Mary Glover casa-se com o Dr. Daniel Patterson
- 1862 Doente crônica, trata-se com Phineas P. Quimby em Portland, estado do Maine
- 1866 Sofre graves lesões em queda no gelo; é curada em sua casa, em Swampscott, Massachusetts; os Pattersons mudam-se para a pensão Clark, em Lynn, Massachusetts, onde o Dr. Patterson abandona a esposa
- 1866–68 Mary Patterson muda-se muitas vezes; trabalha em seus escritos
- 1870 Volta para Lynn; permanece ali nos doze anos seguintes
- 1873 Divorcia-se de Patterson

- 1875 Compra a casa da rua Broad Nº 8 em Lynn; publica *Ciência e Saúde*
- 1876 Organiza a Associação Cientista Cristã
- 1877 Casa-se com Asa Gilbert Eddy
- 1879 Funda a Igreja de Cristo, Cientista
- 1881 Obtém o alvará para a Faculdade de Metafísica de Massachusetts
- 1882 Falecimento de Gilbert Eddy
- 1883 É publicado o primeiro número do *Journal of Christian Science*
- 1888 Mary Baker Eddy profere discurso no Central Music Hall, em Chicago; adota Ebenezer J. Foster
- 1889 Passa a propriedade do *Journal* para a Associação Nacional Cientista Cristã; muda-se para Concord, New Hampshire; a Associação Cientista Cristã e a Faculdade de Metafísica de Massachusetts são dissolvidas; a igreja também é formalmente dissolvida
- 1891 Mary Baker Eddy publica *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras* após significativa revisão (a 50ª)
- 1892 Muda-se para Pleasant View, New Hampshire; A Igreja Mãe é reorganizada formalmente
- 1894 Mary Baker Eddy designa a Bíblia e *Ciência e Saúde* para ser o pastor da Igreja de Cristo, Cientista
- 1895 O edifício da igreja é inaugurado; Mary Baker Eddy publica o *Manual d'A Igreja Mãe*
- 1898 Estabelece o Conselho de Conferências e funda a Sociedade Editora da *Ciência Cristã*; é organizada em Hanôver a primeira igreja da *Ciência Cristã* da Alemanha; é publicado o primeiro número do *Christian Science Weekly* (que depois recebe o nome de *Sentinel*); Mary Baker Eddy ensina sua última classe, em Concord
- 1902 Publica a última grande revisão de *Ciência e Saúde*; os membros da igreja comprometem-se a levantar dois milhões de dólares para construir uma extensão do edifício
- 1903 Publica o primeiro periódico em língua estrangeira,

- Der Herold der Christlichen Wissenschaft*, para os Cientistas Cristãos da Alemanha
- 1906 Inauguração do novo edifício d'A Igreja Mãe; o Jornal *New York World* e a revista *McClure's* publicam artigos atacando Mary Baker Eddy
- 1907 William Chandler dá início ao processo “dos curadores”; em Pleasant View, dá-se a entrevista com os peritos designados pelo tribunal; o processo “dos curadores” é arquivado; o nome de Mary Baker Eddy é mantido ilibado
- 1908 Mary Baker Eddy muda-se de Pleasant View para Chestnut Hill, Massachusetts; é publicado o primeiro número do jornal *The Christian Science Monitor*
- 3 de dez. de 1910 Falece em sua casa, em Chestnut Hill

Notas

Capítulo 1

1. *The First Church of Christ, Scientist, and Miscellany* de Mary Baker Eddy, p. 170.
Beloved Brethren: — Welcome home! To your home in my heart! Welcome to Pleasant View, but not to varying views.
2. *Idem*, p. 170.
I would present a gift to you to-day, only that this gift is already yours. God hath given it to all mankind. It is His coin, His currency; it has His image and superscription. This gift is a passage of Scripture; it is my sacred motto, and it reads thus: —
“Trust in the Lord, and do good; so shalt thou dwell in the land, and verily thou shalt be fed.”
3. *Miscellaneous Writings* de Mary Baker Eddy, p. 397.
Shepherd, show me how to go . . .
4. *Miscellany*, p. 249.
Millions may know that I am the Founder of Christian Science. I alone know what that means.

Capítulo 2

1. *Retrospection and Introspection (Retrospecção e Introspecção)* de Mary Baker Eddy, p. 13.
The fever was gone, and I rose and dressed myself, in a normal condition of health. Mother saw this, and was glad. The physician marvelled; and the “horrible decree” of predestination — as John Calvin rightly called his own tenet — forever lost its power over me.

Capítulo 4

1. *Miscellaneous Writings*, p. 24.
That short experience included a glimpse of the great fact that I have since tried to make plain to others, namely, Life in and of Spirit; this Life being the sole reality of existence.
2. *Retrospection and Introspection (Retrospecção e Introspecção)*, p. 24.
Even to the homœopathic physician who attended me, and rejoiced in

my recovery, I could not then explain the *modus* of my relief. I could only assure him that the divine Spirit had wrought the miracle . . .

Capítulo 5

1. *Science and Health with Key to the Scriptures (Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras)* de Mary Baker Eddy, p. 482.
Christian Science is the law of Truth, which heals the sick on the basis of the one Mind or God. It can heal in no other way, since the human, mortal mind so-called is not a healer, but causes the helief in disease.
2. *Idem*, p. 473.
He proved what he taught. This is the Science of Christianity. Jesus *proved* the Principle, which heals the sick and casts out error, to be divine. Few, however, except his students understood in the least his teachings and their glorious proofs, — namely, that Life, Truth, and Love (the Principle of this unacknowledged Science) destroy all error, evil, disease, and death.
3. *Idem*, p. 410.
Every trial of our faith in God makes us stronger.
4. *Miscellaneous Writings*, p. 4.
. . . a newspaper edited and published by the Christian Scientists has become a necessity. Many questions . . . come to the College and to the practising students, yet hut little time has been devoted to their answer.

Capítulo 6

1. *Miscellaneous Writings*, p. 110.
Beloved children, the world has need of you, — and more as children than as men and women: it needs your innocence, unselfishness, faithful affection, uncontaminated lives. You need also to watch, and pray that you preserve these virtues unstained, and lose them not through contact with the world. What grander ambition is there than to maintain in yourselves what Jesus loved, and to know that your example, more than words, makes morals for mankind!

Capítulo 7

1. *Miscellany*, p. 277.

Killing men is not consonant with the higher law whereby wrong and injustice are righted and exterminated.

2. *Science and Health (Ciência e Saúde)*, p. 467.

... all men have one Mind, one God and Father, one Life, Truth, and Love. Mankind will become perfect in proportion as this fact becomes apparent, war will cease and the true brotherhood of man will be established.

3. *Miscellany*, p. 26.

Now is the time to *throttle the lie* that students worship me or that I claim their homage.

Capítulo 8

1. *Miscellany*, p. 359.

... I hereby publicly declare that I am not personally involved in the affairs of the church in any other way than through my written and published rules...

2. *Miscellaneous Writings*, pp. 135–136.

My Beloved Students: — You may be looking to see me in my accustomed place with you, but this you must no longer expect. When I retired from the field of labor, it was a departure, socially, publicly, and finally, from the routine of such material modes as society and our societies demand. Rumors are rumors, — nothing more. I am still with you on the field of battle, taking forward marches, broader and higher views, and with the hope that you will follow...

All our thoughts should be given to the absolute demonstration of Christian Science. You can well afford to give me up, since you have in my last revised edition of *Science and Health* your teacher and guide.

3. *Miscellany*, p. 303.

What I am remains to be proved by the good I do.

Índice remissivo

A

- Abelhinhas Atarefadas, 107
Addison, Joseph, 20
Alcott, Bronson, 76
“Alternativas à Guerra”, 114
Arens, Edward J., 81, 82, 86
Associação Cientista Cristã, 79, 80,
85, 100
Associação Nacional Cientista Cristã,
95

B

- Bagley, Sarah, 62, 64, 66
Baker, Abigail Ambrose (mãe), 13,
16, 19, 36, 41
Baker, Albert (irmão), 17, 20, 22, 28,
29–30
Baker, George Sullivan (irmão), 17,
22, 34, 36, 39, 41, 57, 69
Baker, Mark (pai), 13, 14, 16, 24, 26,
36, 41, 57
Baker, Martha “Mathy” Rand
(cunhada), 33, 39, 40, 41, 42, 46
Baker, Maryann (avó), 13, 17, 22

- Baker, Philip (tio), 24
Baker, Samuel (irmão), 17, 22, 35,
50, 69
Barry, George, 75, 80–81
Bartlett, John, 34, 39, 40, 41
Bodwell, Sarah, 33
Bons Templários. *Ver* Good Templars,
Boston, Massachusetts, 1, 36, 83, 84,
89, 91, 93–94, 100, 101, 104,
107, 121, 122, 137, 143
Boston Globe (jornal), 82
Boston Herald (jornal), 114, 131
Boston Journal (jornal), 3
Bow, New Hampshire, 3, 12, 13, 14,
36
Brown, Lucretia, 82

C

- Calvinismo, 16. *Ver também* Predesti-
nação
Calvino, João, 16
Casa dos Cientistas Cristãos, de
Mary B. Glover, 77, 78
Chandler, William, 133, 135

- Charleston, Carolina do Sul, 34, 37
 "Chave das Escrituras." Ver *Ciência e Saúde com a Chave das Escrituras*
- Cheney, Mahala Sanborn, 38, 41, 42, 44
- Cheney, Russell, 42, 44
- Chicago, Illinois, 92-93, 95, 96
Chicago Inter-Ocean, 122
- Christian Science Hall (Concord), 118
- Christian Science Journal, The*, 91, 92, 95, 99, 100, 102, 126, 141
- Christian Science Monitor, The*, 128-139, 140, 143
- Christian Science: No and Yes, 102
Christian Science Sentinel, 5, 7, 9
Christian Science Weekly, 115, 117. Ver também *Christian Science Sentinel*
- Ciência Cristã
 cepticismo e animosidade suscitada, 59-60, 67, 69, 75-76, 81, 82, 93-95
 comentários da imprensa popular, 82, 122, 125
 crescimento nos Estados Unidos, 93, 94, 95, 143
 Culto de Comunhão, 1, 111
 declaração científica do ser, 8
 desenvolvimento inicial, 58-77
 doutrinas básicas, 4, 8, 64, 77, 79, 85, 103
 estatutos, 5, 108, 110, 139
 estrutura formal, 108-110
 expansão internacional, 1, 111, 112, 113-114, 117-118, 142, 143-144
- Ciência Cristã (*cont.*):
 instrução de novos sanadores, 60-61, 62, 91, 118. Ver também Faculdade de Metafísica de Massachusetts. Ver também Igreja de Cristo, Cientista; A Igreja Mãe
 planejamento e construção d'A Igreja Mãe, 104-110
 relações com a medicina, 4, 86, 95
 valor da oração, 8, 77
- Ciência e Saúde*
 importância dentro da Ciência Cristã, 4, 106, 108
 pensamentos sobre a guerra, 115
 reações à publicação, 75-81
 redação de, 47, 70, 71-72
 revisões, 5, 80, 82, 85, 86, 92-93, 94, 113-114, 122, 143
 traduções, 113-117, 137
- Ciência Moral, 64, 67, 68. Ver também Ciência Cristã
- Clark, George, 60
- Clark, Jonas, 58
- Concord, New Hampshire, 1, 2, 11, 36, 85, 100, 102-103, 125, 130, 131, 137
- Conselho de Conferências da Ciência Cristã, 115, 116
- Conselho de Diretores da Ciência Cristã, 104, 105, 108, 121, 123, 125, 141
- Conselho de Educação da Ciência Cristã, 117, 119

Corning, Charles, 131
 Crafts, Hiram, 60–61

D

Deadwood, Colorado, 85
Defence of Christian Science, 93
 Delegacia de Divulgação da Ciência
 Cristã, 121, 131

E

Eddy, Asa Gilbert (marido), 78, 79,
 81, 82, 84, 85, 86–87, 89
 Eddy, Foster (Ebenezer J. Foster),
 101, 110–111, 135
 Eddy, Mary Baker
 ações judiciais, 81, 82, 84, 122,
 135, 137
 administradora, 4, 95, 98, 101,
 103, 115, 123, 125, 126,
 129–130
 afastamento do ensino, 1–2, 4,
 99, 102–103, 138
 aparência, 7, 26, 28, 37, 63
 casamento com Asa Gilbert
 Eddy, 78–80
 casamento com Daniel Patter-
 son, 42–46, 48, 49
 casamento com George Wash-
 ington Glover, 35, 36
 comentários da imprensa popu-
 lar, 5, 82, 84, 122, 129–135
 desavenças com alunos, 64, 67,
 69, 80–82, 84, 87–88
 descoberta da *Christian Science*,
 4, 58–59

Eddy, Mary Baker (*cont.*):
 educação religiosa, 17–18,
 21–22, 27, 28
 educadora, 28–29, 39–40,
 66–67, 87–89, 91,
 117–119
 escolaridade, 18–21, 25, 26
 experiências com vários sistemas
 de medicina, 46–48
 falecimento, 141, 143
 hábitos de trabalho, 94
 lar durante a infância, 3, 13, 15
 modos, 28, 37, 118–119
 nascimento, 13
 oradora, 7–8, 84, 88, 95–96, 99
 primeiros trabalhos literários, 21,
 24, 33–34, 37, 40
 problemas de saúde, 5, 18–19,
 24, 29, 41, 42, 44, 46,
 57–58
 sanadora, 47–48, 59, 61, 67
 uso da Bíblia, 9, 58, 59, 60
*Emma Clinton, a Tale of the
 Frontier*, 40

F

Faculdade de Metafísica de Mas-
 sachusetts, 86, 88, 92, 99, 116
 Farlow, Alfred, 131
*First Church of Christ, Scientist, and
 Miscellany, The*, 9. Ver também
Miscellany
 Filhas da Revolução Americana, 118
 Frenologia, 66
 Frye, Calvin, 90, 91, 94, 103, 123,
 130, 133, 135

G

- Glover, Eliza (cunhada), 22
 Glover, George, Jr. (filho), 38, 40, 41,
 42, 44, 46, 48–49, 83, 85,
 100–101, 132, 133, 135
 Glover, George Washington (marido),
 22, 34–38
 Glover, Nellie (nora), 101
 Good Templars, 57, 76
 Guerra Civil Americana, 48, 54, 55

H

- Hahnemann, Samuel, 47
 Hawthorne Hall (Boston), 93
 Hearst, William Randolph, 138
 Hill's Patriot, 40
 Hipnotismo, 53–54, 80–81. *Ver também* Mesmerismo
Historical Sketch of Metaphysical Healing, 102
 Homeopatia, 47, 57, 58, 86, 101
Human Life, 133

I

- Igreja de Cristo, Cientista, 4, 5, 85,
 115
 Igreja Mãe, A Primeira Igreja de
 Cristo, Cientista (Boston), A,
 105–108, 111, 124–126, 129,
 139–141
 Independent Order of Odd Fellows
 (I.O.O.F.), 37, 40
 Instituto Hidropático do Dr. W. T.
 Vail, 49

J

- Journal of Christian Science. Ver*
Christian Science Journal, The

K

- Kennedy, Richard, 62, 64, 66, 81, 84
 Kimball, Edward A., 122
 Knott, Annie, 116, 117

L

- Lathrop, John C., 8
 Leão XIII, 122
 Linwood Lodge (Lynn), 57
 Lynn, Massachusetts, 56, 57, 66, 76,
 77, 78, 79, 84, 87, 88
Lynn Transcript, 67, 71

M

- Maçonaria, 37, 38
 Magnetismo animal, 81. *Ver também*
 Mesmerismo
Manual de A Igreja Mãe, 4, 5, 85,
 108, 110, 113, 139
Mary Baker Eddy: The Golden Days
 (Smaus), 1, 13, 19
Mary Baker Eddy: The Years of Author-
ity (Peel), 110, 130, 131
Mary Baker Eddy: The Years of Discov-
ery (Peel), 62, 67
Mary Baker Eddy: The Years of Trial
 (Peel), 100, 104
 McLellan, Archibald, 139
McClure's, 130, 132, 133
 McKinley, William, 121
 Medicina, no século XIX, 46–47, 66

Mente, sistemas de cura pela, 53–54
 Mesmer, Franz Anton, 53
 Mesmerismo, 53, 54, 95
 Milmine, Georgine, 111, 132
Miscellaneous Writings, 67, 107, 110,
 141
Miscellany, 9, 107, 114–115

N

*New Hampshire Patriot and State
 Gazette*, 34
New York Evening Journal, 138
New York World, 129, 130, 132, 133
 North Groton, New Hampshire, 43,
 44, 46
 Nova Iorque (cidade), 38, 99, 103,
 131

P

Patterson, Daniel (marido), 43–46,
 48–49, 54, 56, 57, 59
 Pierce, Benjamin 14, 22
 Pierce, Franklin, 14, 21, 22, 29
 Pilsbury, Luther (cunhado), 34, 41
 Pilsbury, Martha Baker (irmã), 17,
 18, 24, 26, 29, 33, 34, 44, 48, 69,
 71
 Pleasant View, propriedade de (Con-
 cord), 1, 3, 6, 9, 10, 103, 104,
 111, 123, 129, 130
Portland Evening Courier (jornal), 54
 Portland, Maine, 53, 54, 56
 Predestinação, 16, 21–22, 28
 Pulitzer, Joseph, 130
 Puritanos, 14

Q

Quimby, Phineas P., 49–50, 53–57,
 67, 69, 95, 122

R

*Reminiscências de pessoas que conhece-
 ram Mary Baker Eddy*, 117
 “Resoluções Matinais”, 21
Retrospecção e Introspecção, 21–22,
 48, 58
*Rudiments and Rules of Divine
 Science*, 102
 Rust, R. S., 16, 39

S

Salas de Leitura da Ciência Cristã,
 108
 Salem, Julgamento da Feitiçaria de,
 1878, 82
 Sanbornton Bridge, New Hampshire,
 23, 24, 27, 28, 29, 34, 36
Science of Man, The, 64, 66
 Slaght, James, 133
 Spofford, Daniel H., 75, 80–81, 82
 Steffens, Lincoln, 132
 Stetson, Augusta, 103
 Swasey, Augusta Holmes, 34, 36
 Swasey, Samuel, 34

T

Tarbell, Ida, 132
 Tilton, Abigail Baker (irmã), 17, 18,
 22, 26–27, 29, 33, 38, 39, 42, 48,
 49, 59–60, 69

Tilton, Alexander Hamilton (cunhado), 28, 34, 39, 59

Tomlinson, Irving C., 17, 20, 34

Tremont Temple (Boston), 93

U

Unity of Good and Unreality of Evil, 102

University Press, 87

V

Vitória, Rainha da Grã-Bretanha, 121

W

Webster, "Mãe", 61–62

We Knew Mary Baker Eddy, 8, 89, 118

Wiggin, James Henry, 94, 132

Wilbur, Sibyl, 28, 131–132, 133

Wilcox, Martha, 9

Wilson, John, 87

Wilson, Myra, 46, 47

Woodbury, Josephine, 122

Woodman Sanbornton Academy, 25, 26

Wright, Wallace, 67, 69, 71

Este conciso apanhado é uma biografia escrita especialmente para o leitor de hoje. *Mary Baker Eddy, Descobridora e Fundadora da Ciência Cristã* proporciona um esboço interessante da vida da Sra. Eddy, da religião que ela estabeleceu e de alguns pioneiros que trabalharam para a igreja da Ciência Cristã em seus primeiros anos.

Contendo fotografias da época, em branco e preto, sinopse cronológica e índice remissivo, este livro é de fácil leitura, particularmente adequado para os que querem uma biografia que sirva de introdução, ou para os leitores mais jovens.

Louise A. Smith é Bacharel em Língua Inglesa pela Universidade de Stanford e fez Mestrado na Faculdade Sarah Lawrence, especializando-se na arte de escrever. Reside na cidade de Nova Iorque e está atualmente trabalhando em seu primeiro romance, intitulado *Plain-o*.



The Christian Science Publishing Society
Boston, Massachusetts, U.S.A.

G59075

ISBN 0-87510-237-9



5 1 7 9 5 >



9 780875 102375